

# *Poesias*

## **do Abade de Jazente**

(Paulino António Cabral)

### **TOMO II**

***CONTROVÉRSIA ENTRE  
PAULINO CABRAL DE VASCONCELOS  
E TEODORO DE SÁ COUTINHO DE AZEVEDO  
A RESPEITO DA IDADE.***

AOS ANOS DE TEODORO DE SÁ COUTINHO

ROMANCE ENDECASSÍLABO

Que será Santos Deuses, que não posso  
Hoje a fruta afinar? Movo, tempero,  
Componho em modos mil os lábios rudes,  
E nada sei tocar, e nada acerto!  
O sopro, que o seu côncavo penetra,  
Parece o rouco som dum arvoredo,  
Quando o Noto, agitando as tempestades,  
Assobia medonho nos desertos.  
Nada posso afinar: tudo discorda;  
A fruta, o peito, a boca, o sopro, os dedos.  
Que será? Quem o sabe? sempre o Fado  
Estorvos acrescenta nos empenhos.  
Hoje *que* dum amigo alguns instantes  
Os ouvidos queria achar atentos,  
Felicitando harmónico os bons anos,  
Que formam hoje o círculo primeiro.  
Hoje me deixa a fruta; hoje discorde  
De todo enrouqueceu: que sortilégio  
Dizei-me, ó Musa, lhe embaraça agora  
A doce melodia dos seus ecos?  
Não sou ingrato ó Musas; bem recorde  
Que foi dádiva vossa este instrumento,  
Que o Douro algumas vezes suspendia,  
Que movia outras vezes os penedos.

Bem me lembro, que estrada abri patente  
Por meio desta fruta em muitos peitos,  
Que Amor circunvalou de mil durezas,  
Para que fossem Tróias dos desejos.  
Confesso, que esta fruta (inda por isso  
Lhe estampo agora agradecidos beijos)  
Confesso, que o rigor da minha Nize  
Alguma vez deixou menos severo.  
Tudo confesso, ó Deuses; mas que importa?  
Se muda a fruta está, quando pretendo  
Mostrar ao Sábio Amigo em mil cadências,  
Que de dar-lhe os bons anos não me esqueço?  
Tomai, ó Musas, pois a vossa prenda,  
Outra vez a aceitai; eu vo-la entrego;  
Que deve rejeitar-se o beneficio,  
Que não pode ser útil nos disvelos.  
Tomai a recebê-la; porque julgo  
Poupareis desta sorte um sacrilégio.  
Mas ah! vós não quereis? Agora vede,  
Que maior desacato vos cometo.  
Vem tu cá, fruta ingrata, que contigo,  
Antes de castigar-te, falar quem.  
Quanto deves àquele Sábio amigo,  
Para cujo louvor muda te vejo?  
Ele o primeiro foi, que destramente  
Me ensinou a inspirar-te o doce alento:  
Ele te enobreceu, ele te aplaude:  
E tu deixas seu nome hoje em silêncio?  
Ele foi quem só pode libertar-te  
Do patíbulo infame, onde pendendo  
Por funesto cordel, foste da gente  
Espectáculo triste em outro tempo.  
Ele foi quem do rústico Carvalho  
Te soube desatar piedoso, e destro,  
Esgalhando a vergonta, que sustinha  
Do teu côncavo buxo o leve peso.  
Do teu libertador, do Sábio Amigo,  
Do Mestre, dos aplausos, dos obséquios,  
De tudo enfim te esqueces? Vai-te, vai-te,  
Vergonhoso instrumento dos meus erros.  
Vai-te ao chão fica agora submergida  
Nesse mísero canto sujo, e feio,  
Onde sem lustre algum, sem honra estejas  
Na torpe habitação do esquecimento.  
Fica aí, onde nem por teus buracos  
Se digne de passar o leve vento:  
Fica aí onde Aracne só te encubra  
Com sua frágil teia o rude aspecto.  
Fica ai ... Mas que faço ? A culpa é minha:  
Tens razão em calar-te. Eu me arrependo:

Eu torno a levantar-te, amada frauta,  
E deste meu furor perdão te peço.  
Tens razão, pois daquele Sábio amigo  
Os bons anos precisam de algum plectro,  
Onde tocasse Orfeu; onde provasse  
A voz, e a melodia o mesmo Febo.  
Tens razão em calar-te: anos tão grandes  
Os felicite a Cítara de Homero.  
Mas tu, querida frauta, te contenta  
Com saber abrandar de Nize o génio.

## ÁRIA

Para o tempo, que os devora,  
Deixa, ó fruta, deixa os anos:  
Aos enleios, aos enganos  
Outra vez torna de Amor.  
Outra vez de Nize agora,  
Outra vez lhe move o peito:  
Causa nele um tal efeito,  
Que lhe abrandes o rigor.

## AOS ANOS DE TEODORO DE SÁ COUTINHO

### ROMANCE ENDECASSÍLABO

Conversemos um pouco, meu Teodoro,  
Nas mudanças do mundo. Nada fica  
No próprio ser, que a velha Natureza  
Deu às cousas da máquina roliça.  
Tudo se altera; nada é perdurável:  
Faz o mundo mudanças tão vadias,  
Que o mais ligeiro Inglês as não pudera  
Executar no passo de uma giga.  
Muda-se o vento: vemos pelas torres,  
Que não têm persistência as suas grimpas:  
Por uma parte o Norte frio bufa;  
Por outra o quente Sul nos assobia.  
Muda-se o mar, pois muda de carrancas  
Mais vezes, do que morde as penhas frias;  
Ou quando encapelado rouco berra,  
Ou quando sossegado alegre brinca.  
Muda-se a Terra, aonde nos parece,  
Que tudo nela o próprio centro firma;  
Pois com seus terremotos tragadores  
Tomba montanhas, mármore derriba.  
Muda-se enfim também o Céu distante,  
Que incorruptível fez o Estagirita;  
Pois vemos novos Astros, e Cometas  
Jogar o esconde-esconde lá por cima.  
Mas deixemos as Físicas, Teodoro,  
Sempre incertas. Um pouco moraliza  
Comigo nas mudanças, que notaste  
Nas mais grandes, e firmes Monarquias.  
Tu viste em Portugal (és já bem velho!)  
Mudar-se, na catástrofe de um dia,  
De um para outro Irmão o Ceptro Augusto,  
O Poder, os Palácios, a Rainha.  
Tu viste a grande Casa de Castela  
Passar para Borbon; e todavia  
Da poda, que se fez na rama da Áustria,  
Inda agora presumo, que suspiras.  
Tu viste a sucessão da Grã Bretanha  
Passar aos Protestantes, toda a vida  
Ficando o Cavalheiro de S. Jorge  
A jogar pelo mundo a bugalhinha.  
Tu viste na Polónia três Monarcas,  
Na Rússia uma mudança tão temida,  
Um Sucessor já posto na Suécia,  
Hoje sobre a Curlândia mil intrigas.  
Tu viste o Grão Senhor ficar deposto,  
Na Pérsia o Koulikan, e lá na China

Governarem os Tártaros, aonde  
Três mil anos reinou outra família.  
Tu viste em sessenta anos tais mudanças,  
Mortes, batalhas, roubos e conquistas,  
Que parece mais fácil sucederem,  
Que em outro tanto tempo referi-las.  
Só tu (tens bons sessenta, meu Teodoro)  
Só tu nunca mudas; pois ainda  
Aos afagos das Musas folgazonas  
Nessa idade caduca te arrebitas.  
Só tu, outra vez digo, te não mudas;  
Pois inda fazes versos, quando as iras  
Do tempo engolidor te despovoam  
Os dentes, o cabelo, a força, a vista.  
Não só folgas, mas bebes na taberna,  
Quando por velho já me parecia,  
Que trocavas os diques de Hipocrene  
Pelas torneiras húmidas da pipa.  
Inda montas no Pégaso, correndo  
Por toda essa montanha bipartida:  
Pois olha, que o caminho é bem custoso,  
E a besta não consente felistrias.  
Suponho, que também nela montaste,  
Por fazer mais depressa uma tal Silva,  
Que apareceu com gosto dos ouvintes  
Na nossa Episcopal Academia.  
Só nela censurei, (valha-te Apolo)  
Que afectando as burlescas melodias,  
Viesses com os pífaros agrestes  
Enrouquecer o som das minhas liras.  
Só nela censurei um par de versos,  
Em que tu por Poeta me apelidas,  
Bem que não claramente; pois douravas  
A pílula da hipócrita harmonia.  
Os poetas têm parte de Divinos;  
Haver não pode neles mediania:  
Pois será desvario do compasso,  
Tratar cousas imensas por medida.  
Para ser bom Poeta é necessário,  
Que um furor arrebate a fantasia:  
Para ser mau, supõe-se logo falta  
No discurso, que estólido se anima.  
Com que fim, meu Senhor, por doudo ou tolo,  
Em me chamar poeta, me avalias.  
Em qualquer dos extremos, que me ponhas,  
A pulha não é tal, que se digira.  
E mais, quando por consequência justa  
Me vens a chamar tolo; pois sabida  
A maior, de não ser eu bom Poeta,  
A conclusão qualquer rapaz a tira.

Antes tu me tratasses como doudo,  
Que dessa sorte tanto o não sentira;  
Que o perder-se o discurso por sublime,  
É cousa, que mil vezes acredita.  
Contudo à sacra imagem da Amizade  
Sacrificava a dor da ofensa minha;  
Porque visse uma vez o mundo exemplos  
De acções tão raramente acontecidas.  
Calei-me; mas porém, como buliste  
O correio passado nas feridas,  
Hei-de gritar, não tem remédio: arre.  
Hei-de gritar, não tem remédio: irra.  
Ora pois tu não queiras, que nós ambos  
Demos que conversar do mundo às línguas;  
Que o ser das gentes fábula é loucura,  
A não ser por acções esclarecidas.  
Não façamos mais verses: vê que Homem  
(Homero basta só que te repita)  
Por despido, e por cego, na velhice  
Um Cupido barbado parecia.  
Os mais exemplos calo; porque basta  
O que acabo de expor: as doutas cinzas,  
Se tem por Mausoléus firmes memórias,  
Também tem por Padrões tristes ruínas.  
Eu por mim dou-te a mão: eu te protesto  
De não fazer mais verses, bem que a linda  
.... outra vez faça arrastar-me  
O dourado grilhão, que me prendia.  
Inda que Procissões haja em Monchique,  
E me peçam Romances, e Letrinhas,  
Loas de Santa Clara,, e de S. Bento  
Árias Italianas, ou Latinas:  
Inda que mil funções o Bispo tenha,  
Inda que muitos partos a Sobrinha,  
Inda que o Conde faça noventa anos,  
Inda que haja faraó de Senhoritas:  
Inda que bufe ao lume a servilheta,  
A quem dei uma capa de ratina;  
E me dê outra vez jocoso assunto  
À minha alegre, rústica, Tália.  
Inda que a Valongueira desenvolva  
À reata me traga, inda que as filhas  
Daquela, que lá mora no teu bairro,  
Tornassem a morar minhas vizinhas.  
Inda que me pedisse a Irmã do ....  
Para a moda da Fofa três cantigas:  
Inda que dessa terra, me influíssem  
Do Tâmega as correntes cristalinas.  
Enfim, inda que amor ao carro atado  
Me tornasse a levar, não poderia

Tirar-me do propósito de nunca  
Tornar mais a beber na Cabalina.  
Eu para a Lomba vou, amada pátria,  
Que o ser monte não rompe a simpatia  
Dos suaves grillhões, com que nos prende  
O sítio, onde passamos a puerícia.  
Das árvores virentes, que algum tempo  
Plantaram meus Avós (porque me sirva  
Agora a grata sombra, que primeiro  
Dos séculos passados foi fadiga,  
Pendente deixarei a fruta doce,  
E também o frutim de travessia,  
Por castigo do mal, que tem tocado,  
Nas forquetas dos ramos suspendidas.



Estas, que vês aqui, ó Caminhante,  
Enforcadas nos ramos de um Carvalho,  
Um tempo das Camenas agasalho,  
Hoje da gente escândalo constante:

Estas, que vês de pálido semblante,  
Serem dos mochos hórrido espantelho,  
De Délio um tempo harmónico trabalho,  
Hoje o exemplo de estragos de um amante.

Estas, que vês aqui amortecidas,  
Um tempo suspensão do Deus menino,  
Hoje dos ares grossos só feridas:

Estas, que vês, por mísero destino,  
Desse verde patíbulo estendidas,  
Estas foram as frutas de Paulino.

## RESPOSTA DE TEODORO DE SÁ COUTINHO

SILVA

Para que, meu Paulino,  
Queres, com temerário desatino,  
Mostrar na antiguidade das Histórias  
As penosas memórias  
Da minha antiguidade?  
Para que arrastas tanta imensidade  
De casos sucedidos,  
De que tenho atoados os ouvidos,  
Se isto não faz ao caso do teu conto?  
Pois o principal ponto  
Da tua arenga toda,  
Que o teu discurso a mim mal acomoda,  
É mostrar-me a velhice  
Na douta parvoíce,  
Com que me fazes ser, e aos mais amigos  
Testemunhas de casos tão antigos?  
Se velho no princípio me chamaras,  
O trabalho pouparas  
De andares mendigando antiguidades,  
Para mentir verdades,  
Que o mundo sábio já tanto aborrece;  
Porque velho só é quem o parece.  
Ora supõe, que eu tenho os meus sessenta,  
E tu só quinze tens: então que intenta  
Mostrar-me a tua Musa impertinente?  
Ser velho sem calor? Tu moço ardente?  
Assim é: porém ouve-me uma história,  
Que me está latejando na memória.  
Entrou pois, de um certame na ocorrência,  
Um velho com um moço em competência:  
Ria-se o moço, e o velho mais sisudo  
Ia vencendo, ia logrando tudo;  
Flor, e fruto colhia no que obrava,  
E os frutos sazouava;  
Sendo assim tanto a tempo o que dizia,  
Que em todo o tempo flores produzia.  
O moço, convertendo em ira o riso,  
Frenética a razão, turbado o siso,  
Contra o velho calúnias mil formava,  
E o rosto com os anos lhe manchava.  
Mas o velho, zombando da arrogância,  
Da facécia, da raiva, e petulância,  
Com plácido semblante,  
Com voz jocunda, e ânimo constante,  
Repousando em si mesmo, e em si todo,

Lhe falou livremente deste modo:  
 Sabei, menino, que na minha terra,  
 Onde a lei da razão pura se encerra,  
 E onde sem desabono  
 O seu dá cada um sempre a seu dono,  
 Têm assentado os homens de talento,  
 Por discreto, e cabal conhecimento,  
 Que um burro de quinze anos se experimenta  
 Ser mais velho, que um homem de sessenta:  
 E assim sabeí, rapaz, por esta conta  
 Que em vós, e mais, que em vós, um velho monta.  
 E por ir de uma vez logo às do cabo,  
 Dito isto, lhe voltou mui sério o rabo.  
 Não sei a que respeito  
 Me subiu esta imagem ao conceito.  
 Sou velho, e sobre velho também tonto:  
 Porém tu, que és rapaz, e que és mais pronto,  
 Enquanto lhe penetras a medula,  
 Pé ante pé irei na tua mula  
 Entrando pelo centro do Parnaso,  
 Porque me não pressinta o Grão Pegaso,  
 E dos altos relinchos ao estrondo,  
 Não saia de si fora o Deus redondo.  
 Assim sem mais, nem mais, montado nela,  
 Chegarei a par dele com cautela,  
 E, sem ser conhecido,  
 Serei, por ir na mula, bem ouvido;  
 E tu, com seres tolo,  
 Sei, que és o Fr. Gaspar do Deus Apoio.  
 Pedir-lhe-ei, que mande expressamente,  
 Que nunca faças versos de repente;  
 E outrossim, que te mande em alto brado,  
 Que sempre faças versos de pensado.  
 Item, quando a ...nha armar a teia,  
 Lhe faças dois versinhos à candeia;  
 E também de Monchique às Procissões  
 Farás sempre Romances, e Canções:  
 E que faças às Claras, e às escuras  
 Em verso setecentas diabruras;  
 E árias para S. Bento peregrinas  
 Italianas, Gregas, e Latinas.  
 Item mais, que às funções do teu Prelado  
 Sempre vás, mas que seja em pé quebrado,  
 Nos partes da Sobrinha não se escusa,  
 Que faça de Lucina a tua Musa;  
 E quando ela também de parto esteja,  
 Para que todo o mundo o excesso veja,  
 Que assim como estiver, ou nua, ou crua,  
 Saia correndo c'o seu parto à rua.  
 Item, que quando o Conde fizer anos,

Que serão outros tantos desenganos,  
Ao som de um rouco, e fúnebre instrumento,  
Lhe cantarás aos anos um memento.  
E às Senhoritas todas  
Em faraós, em funções, bailes e bodas,  
Faças a tua Cópia, ou Madrigal,  
Como der, e vier, ou tal, ou qual.  
Item, que à servilheta do vizinho,  
Por quem andaste sempre mui tolinho,  
E sem Júpiter ser, nem ela Europa,  
Transformado te vi por ela em 'stopa,  
Teus versos faça sempre, que é preciso,  
Inda andando confuso, andar com siso.  
Que a essas Valongueiras,  
Que andam metendo formas de arrieiras,  
Em verso chulo, em métrico desgarre  
Dirás uma vez xó, outra vez arre:  
E se a voz dos orneios no sussurro  
Se perder, poderás em voz de burro  
Também metrificar,  
Que vem a ser o mesmo, que zurrar.  
Item, que às do meu bairro Ninfas belas  
Farás versos; porém com tais cautelas,  
Que de todo há-de encher tuas medidas,  
E as Sílabas terão bem aferidas:  
E que à moda da Fofa, a Irmã do  
Três mil cantigas faça só por só,  
Tão claras, tão brilhantes, tão cadentes,  
Que escureçam do Tâmega as correntes.  
Item, que ao carro atado  
Sejas em corpo, e alma arrebatado  
Ao cume desse outeiro,  
Que é bipartido até pelo traseiro;  
Para que ali sem réplicas, e escusas,  
Beijes os nove cus das nove Musas:  
E feita esta novena,  
Ao som da fruta, em doce cantilena,  
Venhas, como quem zomba,  
A buscar por teu pé a pátria Lomba,  
Aonde nos Carvalhos,  
Em vez de frutas acharás bugalhos,  
Por castigo fatal, douto escarmento  
Do teu louco, e errado pensamento.  
Isto lhe pedirei, e sem conselho,  
Espero a condescendência do bom velho;  
Por que tem procederes mui honrados,  
E juízo por cima dos telhados:  
É teu Amigo enfim, isso te basta;  
E é por Pai, e por Mãe de boa casta.  
Ora, certo tu já no bom despacho,

Podes sem nojo algum, ou sem empacho,  
Fazer versos com mãos, e mais com pés,  
já que estás no teu tempo, e no teu mês;  
Porque seria asneira conhecida,  
Deixares de ganhar a tua vida  
Por este honrado modo.  
Coitados dos Conventos, e de todo  
O pobre padecente namorado,  
Que, para dar em verso o seu recado,  
Te não tiver a ti, e a mim também.  
Não sei que tem, Amigo, o fazer bem!  
Do próximo à fatal necessidade  
Acudir é de Apoio caridade;  
E eu, e tu bem sabemos os aumentos,  
Que logramos por tais merecimentos.  
À vista do que, logo eu mesmo esgalho  
O ramo do Carvalho,  
Em que as frautas suspensas, e enforcadas  
Estavam a morrer sentenciadas.  
E enquanto a liberdade lhes prometo  
Lê tu de teu vagar esse Soneto.

Já não verás, alegre Caminhante,  
As frutas de Paulino em um Carvalho;  
Pois das Ninfas do Tâmega agasalho  
Serão sempre, em suave som constante.

Já não verás com pálido semblante,  
As que foram de amor doce espantalho;  
As que do amante, e lânguido trabalho,  
Em eco repetiram só o amante.

Já não verás de todo amortecidas  
Aqueles prendas, com que o Deus menino  
Curava de seus golpes as feridas.

Já não verás, por fúnebre destino,  
Por esses verdes ramos estendidas,  
E enforcadas as frutas de Paulino.

*(De Paulino Cabral à idade de Teodoro de Sá.)*

Quando apenas das mãos do Omnipotente  
Tinha do Mundo a Máquina saído,  
O Tempo novamente produzido,  
Se mostrou contra os homens inclemente.

Dos primeiros mortais foi lentamente  
As vidas devorando endurecido;  
Depois, barbaramente enfurecido,  
Em pouco espaço engole a mais da gente.

Só tu, Teodoro, eterna resistência  
Lhe soubeste fazer: da mocidade  
Conservas sempre a cândida aparência.

Comunica-nos pois tal raridade;  
Ou dize onde aprendeste essa ciência,  
Faremos imortal a nossa idade.

*(Resposta de Teodoro de Sá.)*

Três anos uma seve inteira dura,  
Por mais que o lavrador se sirva dela:  
Um cão três seves dura, se a cautela  
O livrar da pedrada, que o procura.

Dura um burro três cães, se a desventura  
Chagas lhe não abrir da albarda, ou sela:  
Três burros dura um homem na mais bela  
Disposição, que a sorte lhe segura.

Como queres pois ter, dize Paulino?  
Aquele duração, aquele aspecto,  
Que o homem tem por graça do destino?

Três de ti durarei, e eu te prometo,  
Que sempre me hão-de ver moço, e menino,  
Tu Paulino, teu filho, e mais teu neto.



*(De Paulino.)*

Ó Vós, que um tempo fostes Ninfas belas,  
Hoje tardas Avós, caducas Tias,  
Que me ouvistes com leves melodias,  
Cantar do vosso amor as bagatelas:

Vós, que me vistes com subtis cautelas,  
Velando as noutes, e dormindo os dias,  
Evitar rondas, iludir espias,  
Escalar muros, e assaltar janelas:

Vós, ficai-vos em paz, e cubra embora  
Um eterno silêncio estas, que choro,  
Memórias vãs da juvenil Aurora.

Basta-me só, que a ver-me com decoro  
Dançar com vossas Netas inda agora,  
Diga alguma de vós – Olha o Teodoro!

*(Resposta de Teod.)*

Pastando a relva mole andava um dia  
A mais bela manada de jumentas,  
Umas de cor escura, outras cinzentas,  
A quem um burro calvo, amor fazia.

A este que as rondava, e que as seguia,  
Disse uma das mais novas – Tu que intentas?  
Tendo corrido já tantas tormentas,  
Inda o corpo te pede hoje folia?

Sim (diz o burro) eu sigo o meu destino;  
Que suposto dos quinze a idade choro,  
Para brincar convosco sou menino.

Pois (diz outra) se em quinze inda há namoro,  
Bem podemos dizer – Olha o Paulino!  
Quando alguma disser – Olha o Teodoro!

*(De Paul.)*

A Tenra Meninice se endurece  
Com as pausas do tempo, e a Mocidade,  
Perdendo o mimo da primeira idade,  
Os dourados cabelos escurece.

A viril Robustez nos fortalece,  
Mas rouba a gentileza uma ametade:  
Sábua a Velhice é mestra da verdade;  
Mas falta a vida, assim que se conhece.

Assim por graus nos vem buscando a Morte,  
De cuja eterna lei se não isenta  
Dos míseros mortais a triste sorte.

Eu somente sei um, que ousado intenta  
Perverter esta lei; pois sempre forte,  
Parece moço, e passa de setenta.

*(De Teod.)*

Entra o homem no Mundo, e seu pecado  
Chora logo, suposto o não conhece;  
Porém a Unção Sagrada o fortalece  
Da corrupção do pó, de que é formado.

Dos singelos discursos desatado,  
Em mais altas ideias se enobrece;  
E quanto mais a idade nele cresce,  
Mais se vê nas Ciências sublimado.

Que muito é pois, que um homem de setenta  
Te pareça inda moço, se esta idade  
As vigorosas forças lhe acrescenta?

O que me faz pasmar, (falo a verdade)  
É que um burro de quinze inda experimenta  
A mesma força, a mesma actividade.

*(De Paul.)*

Façamos paz, Teodoro, que é loucura  
Dos anos teus fazer-te tão lembrado:  
Basta que os fie a Parca, e os conte o Fado;  
E tarde o Tempo os leve à sepultura.

O ofício é seu, dêem-lhe eles a mensura,  
Que à vida dos Mortais tem destinado;  
Sem que tomem as Musas por cuidado  
A triste ocupação da Morte escura.

Mas se inda em fazer versos premeditas,  
Busca outro assunto, aonde o génio meta  
Figuras para rir mais esquisitas.

Tens aquele que toca a castanheta,  
Tens certos chichibéus, tens Senhoritas,  
Tens os golpes subtis da ardente seta.

*(De Teod.)*

Cantaste meu Paulino, que loucura!  
Dos longos anos meus sempre lembrado:  
Canta agora dos teus, antes que o Fado  
Vá correndo contigo à sepultura.

Laquésis fia deles a mensura,  
E Cloto doba o fio destinado;  
Mas Átropos tomou por seu cuidado,  
Lançar nos teus primeiro a fouce escura.

Façamos paz, se nela premeditas;  
E o teu crítico génio é bem se meta  
Do silêncio nas margens esquisitas.

Agora dança, e toca a castanheta,  
Celebra os Chichisbéus, e as Senhoritas  
De Cupido o carcás, e ardente seta.

*(De Paul.)*

Dos bons anos, Teodoro, eu só queria  
Uma entrada feliz anunciar-te;  
Porém temo, que chegue a desgostar-te.  
O que aos mais é motivo de alegria.

No júbilo comum eu não devia  
Imaginar razões de magoar-te;  
Mas gosto tão geral não há, que parte  
Da sorte não funeste a tirania.

Calemos pois; que é louco o que recorda  
Do mal, que é sem remédio, os tristes danos,  
A quem se vê do precipício à borda:

Pois fora indiscrição dos desenganos,  
Na cadeia ao ladrão falar em corda,  
E a quem se vê já velho, nos bons anos.

*(De Teod.)*

Eu aceito os bons anos, sem que o susto  
De poder desgostar-me, me entristeça;  
Que suposto, que velho te pareça,  
Conto setenta e seis, forte, e robusto.

Para ti guarda o medo; pois é justo,  
Que dos quinze a lembrança te estremeça:  
Porque é bem, que o seu dano reconheça.  
Quem sentiu da atafona o giro adusto.

A mim nunca me pode ser molesto  
Esse reparo teu: os desenganas  
Da minha idade tenho no meu gesto.

Mas louvo-te com termos sempre urbanos,  
Não fales em corda; se um cabresto  
A ruína tem sido dos teus anos.



*(De Paul.)*

Teodoro, a Vida é breve, e a Sorte escassa,  
O Tempo tragador, e finalmente  
A idade, que parece mais florente,  
Logo se murcha, e pouco a pouco passa.

Depois, sujeita às iras da desgraça,  
A mais firme se vê, e a decadente  
A cada instante o duro golpe sente,  
Com que a Morte cruel nos ameaça.

Por fim segue-se aquela noute escura,  
Que os olhos tapa a todos os humanos,  
Noute infeliz, que eternamente dura.

Então, para troféus dos desenganas,  
Tudo se vai sumir na sepultura,  
Excepto sempre os teus compridos anos.

*(De Teod.)*

Paulino, estas imagens da verdade,  
Que pinta a tua voz sempre eloquente,  
Parece, que as anima um zelo ardente,  
E são véus com que encobres a maldade.

Mas se queres pregar com liberdade,  
Lava a sobrepeliz; pois diz a gente  
Que algumas nódoas tem, e não consente  
Repreensões sem exemplo a nossa idade.

O teu Sermão ao vivo representa  
Da morte o desengano: e era cordura,  
Que a ambos nos lembrasse esta tormenta:

Pois sabes por discreta conjectura,  
Que se perto da morte andam setenta,  
Os quinze à borda estão da sepultura.

*(De Paul.)*

O Filho de Neleu<sup>1</sup> tanta eloquência  
Ao braço esgrimidor, prudente unia,  
Que fazia discreta a valentia,  
Mostrando ser intrépida a Ciência.

Não sei se o valor seu, ou se a prudência  
Venceu de Tróia a trágica ufania:  
Mas ambas, em bem rara companhia,  
Lhe abateram das torres a eminência.

Sempre o seu nome do Castálio Coro  
Célebre pois será, e dos Troianos,  
Com susto ouvido, e nunca sem decoro,

Mas de uma larga idade os desenganos  
Tanta fama deveu..., tem mão, Teodoro,  
Que eu falo de Neleu, não dos teus anos.

---

<sup>1</sup> Nestor, bem conhecido no sítio de Tróia pela sua longa idade e consumada prudência.

*(De Teod.)*

Nem a Prudência, nem a Valentia  
Do Grego astuto pode felizmente  
Os triunfos cantar ela Teucra gente,  
Sem usar de uma infame aleivosia.

Com devota oblação (quem tal diria?)  
A Palas ofereceu traidoramente  
De madeira um Cavallo, e o bojo ardente  
Rebuçava a traição da oferta impia.

À face deste voto peregrino,  
Os muros põem por terra, e sem pensá-lo  
Sentem logo do Grego o golpe indigno.

Pergunto, qual venceu? Mas já me calo;  
Pois é justo que um burro <sup>2</sup>, meu Paulino,  
As valentias louve de um Cavallo.

---

<sup>2</sup> Não pareça estranha a palavra burro tão repetida por este poeta; porque sempre se refere à primeira metáfora do soneto, que começa – Três anos uma seve, etc.

*(De Paul.)*

Aqui, onde o Marão das nuvens perto,  
E aonde a Estígia água regurgita,  
O cume empina, as fraldas precipita,  
Medonho à vista, ao passo sempre incerto:

Aqui, onde somente encontra aberto  
Caminho o lobo, quando a brenha agita;  
E aonde apenas pobremente habita  
O rústico Cultor deste deserto:

Aqui, onde um regato, que iracundo  
À penha golpes dá, ao tronco abanos,  
Salta do monte, e forma um vale fundo:

Aqui, na habitação dos desenganos,  
Deixando o jogo, apostrofando o mundo,  
Contemplo de Teodoro os largos anos.

*(De Teod.)*

Inda do frio Inverno a dura fronte  
Queima os Campos; e o gado espavorido,  
Como o prado da relva vê despido,  
Em queixosos balidos busca o monte.

Inda o Tâmega inchado, e a turva fonte  
Muda o som doce em áspero ruído;  
E do fundo do vale ao monte erguido  
Nada alegre se vê no Horizonte.

Inda teima Paulino nos enganos  
De querer (quando a idade me apresenta)  
Mostrar-me da velhice os desenganos.

Mas se com reflexão pouco violenta  
Contar quer a ruína dos meus anos,  
Mais contará em quinze, que em setenta.

*(De Paul.)*

De bárbaro Cultor, do curvo arado  
O Campo, onde foi Tróia, hoje se fende:  
Hoje entre brenhas mísero se estende  
O despojo de Mênfis destróado.

Hoje ao muro de Elisa arruinado  
Árabe pescador a Cimba prende:  
Hoje é escola o Liceu, onde se aprende,  
Que tudo está sujeito à lei do Fado.

Nestes sacros exemplos, que a vaidade  
Já debilmente na lembrança anima;  
(Que até memórias traga a antiguidade)

Nestes destroços do remoto clima  
Aprende a rechar a larga idade:  
Toma tabaco, fala à tua Prima.

*(De Teod.)*

Do tirano cultor, que ao férreo arado,  
Depois que já foi Tróia, os campos fende;  
De Mênfis, que as Pirâmides estende  
Nas cavernas, despojo destroçado;

De Elisa, se hoje ao muro arruinado  
O cauto Navegante o barco prende;  
Da lição do Liceu, Paulino, aprende,  
Que estás também sujeito à lei do Fado.

Se mostrar-me pretendes por vaidade  
Das guerras os estragos; se te anima  
A memória da minha antiguidade:

Nos exemplares desse estranho clima  
Tu deves aprender, que a minha idade  
Do tempo inda se vê na Estação prima.



*(De Paul.)*

Deixa, Teodoro, à verde mocidade  
Das Ninfas, e das Musas o disvelo;  
Pois se o peito não brota um Mongibelo,  
Perde amor, perde o plectro a actividade.

Deixa a melhores anos a vaidade  
De afectos, e conceitos; que é flagelo  
Empregar com ardor, túbio, e singelo  
Em Gnido, e no Parnaso a tarda idade:

O mundo deixa, e trémulo te assenta  
Junto do mar, de algum penedo em cima,  
Por ver seguro as ondas, e a tormenta:

E se inda acaso algum fervor te anima,  
Pede uma grade, e frio engenho aqueenta,  
Toma tabaco, e fala à tua Prima.

*(De Teod.)*

Douto Paulino, a minha mocidade  
Das Musas sempre foi todo o disvelo;  
E das Ninfas a tua é Mongibelo  
De agudo frio, e ardente actividade.

Dos anos meus quiseste por vaidade  
(E passam de setenta) ser flagelo;  
Mas não podes deixar de ser singelo,  
Que três lustros não Contas mais de idade.

Deixa o nome de Gnido, e hoje te assenta  
No fundo do Parnaso; porque em cima  
Com Apoio vai lá grande tormenta.

E se a tomar lição Vénus te anima  
Da fruta, e mais da lira, que te aqueça,  
Sopra ao canudo teu, e atesa a prima.

*(De Paul.)*

Renova a pele a esqualida Serpente,  
A pena a Águia, as pontas o Veado,  
As flores o jardim, a relva o prado,  
O bosque a folha, as águas a corrente.

Renasce o Mundo, e em cada Abril florente,  
De novas produções condecorado,  
Parece, que inda há pouco foi formado  
Pela Suprema Mãe do Omnipotente.

Não caduca com tanta antiguidade:  
Os anos conta, os séculos numera,  
E afronta sem pavor a Eternidade.

Assim dos Orbes se sustenta a esfera;  
E assim, Teodoro, a tua longa idade  
Nunca envelhece, é sempre Primavera.

*(De Teod.)*

Que discreto, que estás, e que eloquente  
No concurso da sábia Natureza!  
De teus versos a harmónica beleza  
Me quer fazer a idade florecente.

Mas falemos, Paulino, seriamente;  
Deixemos dos rebuços a destreza:  
Eu discorro, que a tua subtileza  
Alguma ideia encobre delinquente.

Porém seja o que for, a nossa idade  
Passará pelo tempo sem desmaio;  
Mas sempre com reserva na igualdade.

Vivamos pois, e neste alegre ensaio  
Enganemos do tempo a edacidade;  
Eu no meu fresco Abril, tu no teu Maio.

*(De Paul.)*

Se de moscas me vês coberto agora,  
Triste, frouxo, incapaz, fraco, e doente,  
Deitado nesta margem de Jazente,  
Quando no Cabedelo melhor fora:

Se da burra cinzenta a fé traidora  
Me deixou por um burro mais valente;  
Pois me vês esperar do voraz dente  
Os últimos estragos de hora em hora:

Sabes que antes de ter quinze de idade,  
Por minhas rebusnantes aventuras,  
Fui cobridor do Termo, e da Cidade.

Porém hoje de tantas travessuras  
Eu só conservo, ó homens, que impiedade!  
Quinze espravões, com trinta mataduras.

*(De Teod.)*

Qualquer homem, que conta setenta anos,  
Robusto pode ser, forte, e valente;  
Mas um burro de quinze apenas sente  
Do chicote os vergões, da espora os danos.

Um homem de setenta sem enganoso  
Forças tem, filhos faz, brincos consente;  
Mas um burro de quinze, é só patente  
Cemitério de moscas, e gusanos.

Sempre as partes do homem são fecundas,  
Mas as do burro desiguais, e toscas;  
Umas amáveis sempre, outras imundas:

Aquele mostrará rugas, ou roscas,  
Este com espravões, chagas profundas,  
Um sempre com vigor, outro com moscas.

*(De Paul.)*

Oh! como devagar o tempo passa  
Na solidão de uma pequena aldeia!  
Inda até para aquele, que receia  
Do importuno credor a espera escassa.

Amanhece, e apesar daquela graça,  
Com que a primeira luz o Sol ateia,  
Lhe parece a manhã comprida, e feia,  
A quem pesado, e só, não tem, que faça.

É cada dia um ano: e tanto dura  
Da noite negra a escura soledade,  
Que inda apesar do sono, é sem mensura.

Eu só lhe posso dar com certa idade,  
Cujos anos já servem de figura  
Para nos explicar Eternidade.

*(De Teod)*

Quem me dera, Paulino, quem me dera  
Passar-te a certidão da tua idade;  
Mas o assento de um burro na verdade  
Em livros não se encontra, nem se espera.

Inda pelos desfechos bem pudera  
Conhecer tua oculta antiguidade;  
Mas se serrado estás, fora asnidade,  
Contar-te os anos, descobrir-te a era.

Tu em parte puseste o pensamento  
Na nova Certidão, com que procuras  
Desluzir-me o valor, prostrar-me o alento.

Mas olha, que a uma queda te aventuras;  
Que se eu conto os meus anos nesse assento,  
Tu contarás os teus nas mataduras.



*(De Paul.)*

Meio século o tempo devorado  
Com tanto estrago tem, que a mocidade  
Já não recorda em tanta antiguidade  
De seus Avós o nome sepultado.

Mas, Teodoro, só tu tens apostado  
Desafiar a mesma Eternidade,  
Tendo parte feliz na nossa idade,  
Nascendo lá no século passado.

O tempo tudo estraga, mais valente  
Que o rápido, e sulfúreo Meteoro;  
Porém tu lhe resistes igualmente:

Nele o violento, em ti o forte adoro,  
A força, a resistência; finalmente  
Tudo me pasma. Ó tempo! Ó Teodoro!

*(De Teod.)*

Mil tojos tem um burro devorado  
Nos seis anos da sua mocidade;  
Mas nos seus quinze o tem a antiguidade  
Nas próprias mataduras sepultado.

Porém, Paulino, tu tens apostado  
Com teu cio vencer a Eternidade;  
Pois contando dos quinze a larga idade,  
Parece que nem cinco tem passado.

Feliz tu, que no zurro ao mais valente  
Burro, que vencer pode um Meteoro,  
No ligeiro emparelhas igualmente.

Só nas tuas mataduras não adoro:  
Porém com elas podes felizmente  
Ser ágil Burro do Barão Teodoro.

*(De Paul.)*

Um ano mais, Teodoro, principia  
A dividir o século presente:  
A metade acabou, outra igualmente  
Toda a posteridade desafia.

Foi larga a duração, mas todavia  
Breve memória apenas nos consente:  
Grande espaço correu, já se não sente;  
Enfim passou, parece-nos um dia.

Assim nos foge o Tempo. Afortunado  
Do Sábio, que desfruta o valor puro  
Do círculo das horas apressado.

Feliz mil vezes tu, que já maduro,  
Colhendo desenganos do passado,  
Dás ao mundo lições para o futuro.

*(De Teod.)*

Quando um novo jumento principia  
A saltar, porque tem a Mãe presente,  
E com brincos, e coices igualmente  
A riso todo o mundo desafia.

Não é muito que seja todavia  
Dos olhos chamariz: mas não consente  
O gosto, que um, que quinze aos lombos sente,  
Queira brincar de noite, e mais de dia.

Porém só tu, Paulino, afortunado  
Sempre serás no teu rebusno impuro,  
Atrás do qual me levas apressado;

Pois inda que nos anos és maduro,  
Todas as mataduras do passado  
Mais graça te darão para o futuro.

*(De Paul.)*

Teodoro, ei-la lá vem, que a fantasia  
Nem sempre há-de enganar-me; é ela, é ela,  
Que te vem procurar, seca, amarela;  
E por sinal que a curva fouce afia.

Traz consigo o pavor, traz a agonia,  
E tudo quanto aos homens atropela:  
Despedaça, desfaz, consome, rela,  
E leva quanto encontra à campa fria.

Não tens que lhe fazer, que o mais valente  
Não sabe resistir à lei da sorte:  
Os olhos tapa pois, inclina a frente.

Mas ah!, que digo? ela suspende o corte;  
Ela passa adiante, e finalmente  
Os teus anos respeita, e foge a Morte.

*(De Teod.)*

Que pretendes Paulino? Intimidar-me?  
Ora inventa as histórias, que quiseres;  
Que por mais que os estragos me ponderes,  
Nunca o medo pueril há-de ocupar-me.

Se da Parca o furor queres mostrar-me,  
Não temo a Parca, enquanto tu viveres;  
Porque, como na idade me preferes,  
Só depois de levar-te há-de levar-me.

Mas Ah! que já me cerca algum cuidado;  
Porquanto ouço da Parca dura, e fera  
Os Ecos tristes do instrumento arpado.

Ei-la lá vem; não cuides, que é quimera:  
Tu não vês, que com passo acelerado  
Vem dizendo... Paulino, espera, espera?

*(De Paul.)*

Subjuga o Tempo indómitos pescoços,  
E com dente voraz, perpétua fome  
Nos arranca, nos traga, e nos carcome  
Os cabelos, a pele, a carne, os ossos.

Mas que muito, se os mármoreos mais grossos  
Na duração dos séculos consome?  
Despedaça, desfaz, devora e come,  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos,?

Enfim, Teodoro, as nossas mocidades  
Engolem pouco a pouco sem demência  
O dia, o mês, os anos, as idades.

Nada pode fazer-lhes resistência:  
E se tu queres ver estas verdades,  
Tira a peruca, apalpa, e tem paciência.

*(De Teod.)*

No sexto dia o burro foi criado,  
E por burro foi logo conhecido;  
Que as asneiras de um burro presumido,  
As alcança um discurso moderado.

Depois do burro o homem foi formado,  
E em grandeza maior constituído;  
Que o criar-se depois, prodígio há sido,  
Que o burro não alcança, inda picado.

Infira agora assim, Senhor Abade,  
A ilação, que se tira do argumento,  
Que não pode negar por ser verdade.

Ergo claro se vê com fundamento  
Na teimosa questão da nossa idade,  
Ser o homem mais novo que o jumento.



*(De Paul.)*

O Tempo apurador dos membros nossos,  
Para dar alimento à própria fome,  
Nos arranca, nos rói, traga, e consome  
Os cabelos, a carne, a pele, os ossos.

Até mordendo os mármore mais grossos,  
Pelas bocas dos séculos os come;  
Desbarata, destrói, desfaz, consome  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos.

Sorver o Mundo inteiro enfim procura;  
Porque apesar dia sua permanência,  
Abate, quebra, rompe, e desfigura.

Mas em Teodoro encontra resistência;  
Pois com ter quinze lustros, nele dura  
O brio, a força, o ânimo, a potência.

*(De Teod.)*

Que importa que do Tempo a edacidade  
Das Torres arruíne a arquitectura,  
Se o homem de setenta anos procura  
Vencer de seus estragos a impiedade?

Mas não assim o burro, cuja idade  
O Tempo sempre aos quinze desfigura;  
E se apenas três lustros vivo dura,  
Ao quarto desfalece sem piedade.

Resiste pois o homem, que é valente,  
Às inquietas paixões do Tempo irado  
Com valor sempre firme, e permanente.

Morre o burro dos quinze estropiado,  
Sem ter memória alguma do presente,  
Nem conservar lembranças do passado.

*(De Paul.)*

Aqui, pois mo permite a soledade  
Deste mudo deserto, aonde habito,  
Aqui, douto Teodoro, premedito  
Do Tempo na pasmosa imensidade.

Lembro-me então da tua longa idade:  
Os lustros conto, os séculos repito;  
Até que pouco a pouco no infinito  
Me vou perder da escura Eternidade.

É tudo um Mar Oceano profundo,  
Aonde a mais afouta fantasia  
Tomar não pode inda nas praias fundo.

Oh! queira o Céu, que em santa companhia  
Os anos, que te aplaudo cá no mundo,  
Não pareçam no Céu menos, que um dia.

*(De Teod.)*

Não digas, não, que é muda soledade,  
Essa, ó Sábio Paulino, aonde moras;  
Pois com tua presença a condecoras,  
Fazendo de um deserto uma Cidade.

Nem te lembras da minha longa idade,  
Se a tua com razão nunca melhora;  
Deixa correr os meus dias, e horas,  
Sempre atento à mortal fragilidade.

Só te peço por termo derradeiro,  
Que vendo-te no Céu livre de enganos,  
Porque enfim pela idade há-de ir primeiro;

Nessa posse de gostos soberanos,  
Esquecido da pena, e do tinteiro,  
Só te lembres de mim, não dos meus anos.

*(De Paul.)*

Já de louro, e de mirto a douta frente  
Apelo, e Amor te tem ornado: agora  
Com dobrado triunfo condecora  
Do rico Douro a líquida corrente.

Dos Cisnes seus escuta a voz cadente,  
Que para te aplaudir se faz sonora;  
Das Ninfas ouve os vivos, e demora  
Na pátria venturosa em paz contente.

É bem que dês descanso à longa idade:  
De glória duplicada enriquecido  
Pendura a fruta, e cobra a liberdade.

E se outra vez teu peito for ferido  
Das Musas, ou de affecto, na saudade  
Ri-te de Febo, e zomba de Cupido.

*(De Teod.)*

Inspirado nas Musas doutamente,  
E ferido de Amor com tirania,  
Juntaste, Sábio amigo, a melodia  
Ao violento estridor da chama ardente.

Foste Poeta; ouviu-te um tempo a gente,  
Da doce fruta a plácida harmonia:  
Foste amante; de Nize a aleivosia  
Te enriqueceu o som da voz cadente.

Eu por mais que o mistério desenrolo,  
Não posso compreender o como urdido  
Foi deste infeliz caso o feio dolo.

Somente sei te vejo convertido,  
Do Cisne mais harmónico de Apolo,  
No Cuco mais nojento de Cupido.

*(De Paul.)*

Já, Teodoro, o cabelo me embranquece,  
Parte me cai, e parte se arrepiã,  
Encrespa-se-me o rosto, e principia  
O Tempo a declarar que me anoitece.

Tarda-me a mão, a planta se entorpece,  
A vista dos meus olhos se desvia;  
Tudo me enfada, tudo me enfastia,  
E tanto que até Nize me aborrece.

Enfim tenho alcançado, ó caro amigo,  
Que a estação dos tardios desenganos  
Me bate à porta, e vem lutar comigo.

Triste pensão dos míseros humanos!  
Que todos... mas tem mão, não é contigo,  
Que a velhice não entra nos teus anos.

*(De Teod.)*

Agora, que de neve se embranquece  
Aquele monte, e o burro se arrepiá,  
É chegada o Inverno: principia,  
Paulino, a ver que cedo te anoitece.

Se o rosto encrespa, a planta se entorpece,  
Se tarda a mão das Musas te desvia;  
Se já teu canto ia todos enfastia,  
E até Nize de ouvir-te se aborrece;

Agora sim, agora, ó sábio amigo,  
É tempo de abraçar os desenganos,  
Que o Tempo a todos dá: mas não comigo.

Vai-te enfim despedindo dos humanos;  
Que a velhice cruel entra contigo,  
E nunca tens de a ver nestes meus anos.



*(De Paul.)*

Eu que tanto, 6 Teodoro, um tempo disse  
Dois grandes anos teus, que impertinente  
Tantos versos lhes fiz, até que à gente,  
Sofrimento faltou, com que me ouvisse.

Eu nunca imaginei, que em mim se visse  
Despovoada a boca, e calva a frente;  
E posto em termos tais, que finalmente  
Imagem fosse da infeliz velhice.

Mas foram pragas tuas, ou crueldade  
Do rude Tempo, que me tem contado  
Já mais de meio século de idade.

Nada me falta mais, que ao duro Fado  
O resto consagrar da humanidade:  
Ah! Teodoro, Teodoro, estás vingado.

*(De Teod)*

Que tarde, meu Paulino, resplandece  
Na tua boca a cândida verdade?  
Tarde sim; porém sempre a longa idade  
De sábias instruções nos prevalece.

Que estás arrependido me parece  
De me insultar com tanta impiedade:  
Eu tudo te perdoo, que a piedade  
Mais que a vingança as almas enobrece.

Vai-te em paz, e se lá no Elísio prado  
Vires Nestor, pergunta-lhe se assenta  
Qual de nós já mais anos tem contado.

Escuta-lhe o seu voto humilde, atenta,  
E verás que te diz o velho honrado  
Que os teus quinze são mais que os meus setenta.

*(De Paul.)*

Tu que foste, ó Teodoro, em outra idade  
Das Damas, o cultor, hoje o tirano,  
Em paz as deixa, e toma um desengano,  
Que logo intentes, que aos demais agrade.

Vai procurar a muda soledade,  
Metido no burel de Franciscano;  
Para lá num deserto desumano  
Penitência fazer de tal maldade.

Fiquem dos versos teus enfim proscritas  
As satíricas vozes; que empiora  
O canto teu as cousas mais bonitas.

E se tu, por estares lá por fora,  
Pretendes escapar às Senhoritas,  
Olha que um Chichisbéu te avisa agora.

*(De Teod.)*

Alegra-te Jazente, pois agora  
Visitados verás com glória inteira  
O tojo inculto, a rústica silveira,  
O rodante moinho a fértil nora.

Alegra-se, que cedo a voz sonora  
Do que já quinze conta na carreira,  
De brados encherá tua ribeira,  
Qual rouxinol de lã no mês de Flora.

Alegra-te; pois tens (com bem o eu conte,  
Ó Jazente feliz) neste talento  
Mais glórias do que Febo tem, e Etonte.

Os Parabéns recebe em tanto aumento;  
Pois o que há-de habitar teu fértil monte  
De Rocinzinho<sup>3</sup> veio a ser jumento.

---

<sup>3</sup> O Rev. Ab. esteve para ser Ab. de Recezinhos. Fim da Controvérsia.

*(De Paul. Este e o seguinte soneto, bem que não pertençam à Controvérsia, se juntaram aqui por serem feitos a Teodoro de Sá e terem as suas respostas.)*

Enquanto do Nordeste o sopro frio  
Murcha o rosto gentil da Ninfa bela,  
Os Prados queima, os pântanos congela,  
Às águas sorve pouco a pouco aio rio:

Enquanto o lavrador com voto pio  
A chuva pede ao Céu, e se disvela  
Em tapar os cristais na falta dela,  
Que escasso verte o côncavo sombrio:

Enquanto tu, Teodoro, os membros assas  
De dia posto ao Sol, de noite ao fogo;  
E as longas horas, como podes, passas:

Eu busco outro diverso desafogo;  
Passo em casa as manhãs, janto, dou graças,  
Monto a cavalo, e vou-me para o jogo.

*(Resposta de Teod.)*

Deixa Paulino, deixa a travessura  
Do jogo, a que te arrasta o génio inquieto:  
Sossega um pouco mais, e circunspecto  
A orgulhosa paixão vencer procura.

Mais que o fogo, e que o Sol, mostra a cordura,  
Que assa, e queima do jogo o falso objecto;  
Pois se às vezes te mostra alegre aspecto,  
Logo em pesares mil troca a ventura:

Com o tal Whist te isca o namorado  
De teu dinheiro; e perdes de embalada  
Apostas, e partidas enfadado.

Queres jogar depois a Arrenegada;  
Vês um bolinho, tenta-te o pecado,  
Vais à Menina, e fica codilhada.

*(De Paul.)*

Aqui, onde o Miarão no frontispício  
Mostra medonho ao peregrino atento,  
Que ou é dos Orbes bruto fundamento,  
Ou do despenho bárbaro edifício:

Aqui, onde somente por indício  
Vereda encontra a vista, a planta assento,  
Notando em cada monte um espavento,  
Topando em cada ponha um precipício:

Aqui, Teodoro, a pálida saudade  
Rouca me deixa a voz, o plectro rude,  
Aluno enfim de tanta soledade.

Deuses: ou vós fazei, que o sítio mude  
De habitação tão triste, ou pior piedade  
Me dai para a suster maior virtude.

*(De Teod.)*

Sábio, e feliz pastor, tão desejado  
Te fazes dos pastares desta aldeia;  
Que inda mais tua vista os lisonjeia,  
Que a verde, e imole relva ao manso gado.

Apenas pões os pés neste montado,  
Todo o Zagal contigo se recreia,  
Jogando a luta sobre a branda areia,  
Lançando a barra sobre o verde prado.

Do Marão não te assuste esse obelisco,  
Sempre à vista medonho, e na verdade  
Só alvo dos estragos de um corisco.

Se tens de Maioral a dignidade,  
Com Cabana abundante, e largo aprisco,  
Porque acusas dos Deuses a impiedade?



*(De Paul.)*

Triste, só, melancólico, e doente,  
Na muda solidão desta espessura,  
Estou, Teodoro, ia mais mortal figura,  
Que a Tristeza até agora fez patente.

Tenho um barrete sujo sobre a frente,  
A cabeça inclinada, a vista escura,  
E reclinado estou em tal figura,  
Que mais pareço um morto, que um vivente.

Submergido no próprio pensamento...  
Mas lá vem geme, algum talvez me saca,  
Deste meu solitário aturdimento.

É o Miqu'lete... adeus: dá-me a casaca;  
Já sei que há no Seixedo ajuntamento:  
João, não ouves? Aparenta a faca.

*(De Teod.)*

Que esteja triste o centro da alegria!  
Que viva na espessura a flor do prado!  
E com barrete sujo, e mal lavado,  
Quem é gema do asseio, e bizzarria!

Que hoje incline a cabeça, que devia  
Aos Coriféus da França dar cuidado!  
Que o corpo encurve, como estuporado,  
Quem dança com Madamas noite, e dia!

Isto não pode ser: isto é matraca,  
Ou são faltas, Paulino, de dinheiro;  
Que a nossa bolsa às vezes é velhaca.

Mas tem mão ... já lá vem pelo terreiro  
Quem te alegre: João prepara a faca;  
Que é chegado o socorro ido rendeiro.

*(De Paul., à morte de Teod. de Sá.)*

Se tu (sejas quem fores) que parado  
Observas esse frio monumento,  
Que contra o taciturno esquecimento  
Gravou cinzel de amiga mão guiado:

Se teu génio não tens às Musas dado,  
Constante na amizade, à honra atento;  
Se do bom gosto vives sempre isento,  
E se das Graças nunca foste ornado:

Então tu me perdoa, inda o repito,  
(Que a infame adulação mal condecora  
Este dos mortos fúnebre distrito)

Então passante, então não te demora  
A ler o que essa pedra guarda escrito;  
Ela cobre Teodoro: Vai-te embora.

*(Do mesmo ao mesmo assunto.)*

Enfim, Teodoro, enfim a escura sorte  
Te abateu como aos mais endurecida;  
Talvez piara elevar desvanecida  
O instrumento cruel do triste corte.

Quis a fouce provar contigo, e forte  
Executando o golpe enfurecida,  
Acabou de mostrar que a maior vida,  
Inda que tarde, se sujeita à morte.

Mas deixa, alma feliz, que por vanglória  
Se jacte a Parca ao resto dos humanos,  
De que de ti logrou falsa vitória:

Pois tu, para evadires os seus danos,  
Não menos que no Templo da memória  
Abrigaste com tempo a dos teus anos.

**SONETOS DE  
PAULINO CABRAL DE VASCONCELOS**

Um de meus Bisavós foi mercador,  
Outro foi de Alfaiate oficial,  
Outro tendeiro foi sem cabedal,  
E outro, que Juiz foi, foi lavrador.

O meu paterno Avô foi professor  
De latim, que ensinou ou bem, ou mal;  
E o materno viveu no seu casal,  
De que inda agora eu mesmo sou senhor.

Meu Pai Médico foi, e homem de bem,  
Minha Mãe Dom teria, porque enfim  
Muitas menos do que eia agora o têm.

Abade eu fui, e se saber de mim  
Alguma coisa, mais quiser alguém,  
Saiba, que versos faço, e os faço assim.

Aquele tu, e vós, quando algum dia  
Havia em Portugal sinceridade,  
Acabou, começando a nossa idade  
A dar a uma mercê a primazia.

Depois foi-se exaltando a Fidalguia,  
E entrou também na plebe essa vaidade;  
E tomando a mercê de propriedade  
A nobreza subiu à Senhoria.

Não parou inda aqui tanta loucura;  
Porque vai já querendo uma Excelência  
Quem tinha a Senhoria por ventura.

Mas sabeis o que causa esta demência?  
Faz que os críticos vão à sepultura  
Fazer-lhe anatomia na ascendência.

Fizeram com tal arte três Pintores  
Da Tristeza um painel, que certamente  
Não podia o pincel o mais valente  
Lançar-lhe as linhas com mais negras cores.

A desonra, os remorsos, os furores,  
A saudade, a morte: finalmente  
Pintaram nele quanto pode à gente  
Causar assombros, infundir horrores.

Até nele se via debuxado  
Os olhos baixos, e encolhido o cerro  
Um homem sem dinheiro, sendo honrado.

Uma falta só tinha, mas não erro,  
Que nele se não via retratado  
Um valido de um Rei no seu desterro.

Não desejo chegar a tal grandeza,  
Que adutores vis cerquem meus lados,  
Nem Palácios magníficos dourados,  
Ricas alfaias, nem polida mesa.

Não me lembram heranças, nem riqueza,  
Que me obrigue a pôr nela meus cuidados,  
Não ocupar honrosos Magistrados,  
Nem outras cousas vãs, que o mundo preza.

Quisera só fugir de tanta estima,  
Livrar-me deste pélago profundo,  
Mudar da natureza, que me anima;

Subir da Lua ao globo alto, e rotundo,  
E depois de apanhar-me lá de cima,  
Desatar os calções, c... no Mundo.



Eu que me ri da Nigromancia preta,  
Dos sonhos vãos, da Mágica aparente,  
Das Larvas, dos Espectros, e da gente  
Que conta entre os portentos um Cometa.

Que me ri de ver, que inda há quem se meta  
A produzir do ferro ouro luzente,  
A profundar tesouros, finalmente  
De mentidos Brasões, de Dons de peta.

Eu mudei de sistema, e transformado  
De Heraclito em Demócrito, deploro  
As voltas que no Munido se têm dado.

Eu vejo tanta causa, que o decoro  
Me precisa a calar, e magoado  
Em lugar de me rir confuso choro.

*(Às criadas do Convento em um Abadessado.)*

Ó vós, que em Santa Clara de Amarante,  
Suposto que sirvais, sois moças belas,  
E uma vez na cozinha, outra nas celas  
Defumais aos braseiros o semblante;

Vós que, para avistar algum amante  
Cobris o rosto com subtis cautelas,  
E umas vezes olhais pelas janelas,  
Outras vezes estais pelo Mirante:

Vós fartai-vos agora, que este dia  
De tanto alv'roço traz licença tanta,  
Que tudo se permite à rapazia.

Alto pois, afinar essa garganta,  
E dê mote com sábia melodia  
Aquela, que de vós for mais chibanta.

Agora sim falar pretendo ousado,  
Depois que só me resta a sepultura;  
Porque enfim pouco ou nada se aventura,  
Quando já se receia a lei do Fado.

De lustros dezasseis, que tenho andado,  
Não há mais que esperar, que a morte dura,  
E tanto mais do golpe me segura,  
Quanto mais o pressinto avizinhado.

Paga-se tudo pois; e por piedade  
O Mundo ou me respeite, ou me suporte  
Por devida atenção à larga idade:

Já que é tão infeliz a humana sorte,  
Que para claro abono da verdade  
Não basta a vida, é necessária a morte.

Quem te viu, quem te vê, ó Portugal!  
Tão bárbaro, grosseiro, tosco e vil!  
Hoje estás mais polido, e mais civil  
À custa do teu próprio cabedal.

Algum dia poupavas teu real,  
E fizeste já caso de um ceitil;  
Hoje gastas cruzados mil a mil,  
Inda que a renda seja tal ou qual.

Lançou a astuta França o seu anzol;  
E armando-te com isca de ouropel,  
Te vai pondo na espinha,, e tudo ao Sol.

Mas enquanto não chega o S. Miguel,  
Se não houver dinheiro, irá ao rol;  
Vai tu sempre fazendo o teu papel.

Se algum espreitador da vida alheia,  
Gente, que as Assembleias condecora,  
Pois nelas tudo diz, tudo empiora,  
E tudo quanto sabe patenteia:

Se acaso algum dos tais diligência  
Saber astuto em que me ocupo agora,  
Pelo não precisar a vir cá fora,  
Eu lhe digo o que faço nesta aldeia.

Eu como, eu bebo, eu durmo, e se ruína  
Pressinto na saúde, nada pago,  
Inda que o ser me deu, à Medicina.

Porque das queixas no maior estrago,  
Se alguma mais rebelde me amofina,  
Vou-me deitar, tomo uma ajuda e c...

Nize, eu não posso mais, e a minha idade  
Já não resiste à tua gentileza,  
Porque em mim já desmaia a natureza,  
E em ti inda te alenta a mocidade.

Enquanto eu pude, e tive actividade,  
Nenhuma exp'rimentou em mim tibieza;  
E se queres saber esta certeza,  
Tua avó te dirá toda a verdade.

Pergunta-lhe o que fiz, e a valentia  
Com que do ardente amor acompanhado  
Nas campanhas de Vénus combatia:

Mas já hoje da guerra estropiado,  
Só conservo na vaga fantasia  
Estas tristes memórias do passado.

Tem-se feito entre nós tanta mudança,  
Que Portugal tão rústico algum dia  
Já nas Nações estranhas se avalia  
Por aluno fiel da douta França.

Já se vai ao Teatro, ao jogo, à dança,  
Já se conversa, e não se desconfia;  
Pois de um, e doutro sexo a companhia,  
Em lugar de inquietar-nos, nos descansa.

Já liteiras não há, pois na Cidade  
Só Berlindas se vêem, se vêem Boleias  
Rodar com mais gentil velocidade.

E seguindo-se de amor novas ideias,  
Não se ataca das Freiras a piedade,  
Vai-se tomar lugar nas Assembleias.

*(A um Abadessado)*

Nos braços nasce o Sei da bela Aurora,  
Sendo berço gentil Ilustre Oriente,  
Sobe ao Zénite excelso, e em giro ardente  
Em Tétis busca o Sol o bem que adora.

Logo a Lua na Esfera brilhadora,  
Vigaria das Estreias refulgente,  
Rege o Pólo, mas cede obediente,  
Quando renasce a chama triunfadora.

Este Claustro feliz do Firmamento  
Na Lua, nas Estrelas, no Sol claro,  
Protótipo exemplar, copia a face.

Por isso, por ter firme o luzimento,  
Úrsula egrégia, Sol com giro raro,  
Nasceu, subiu, girou, pôs-se e renasce.



Avizinhar-se Fílis quis ao Céu,  
Para mais o ilustrar: que fez? subiu;  
E porque o Claustro as luzes lhe encobriu,  
Fez nova habitação no coruchéu.

Mudou-se pois, é certo; mas labéu  
Na pureza da fé não produziu;  
Que como o amor os voos lhe infundiu,  
Na mudança lucrou maior troféu.

Fez Fílis muito bem: quis ir viver  
Onde pudesse as graças ostentar,  
De que tanto se soube enriquecer.

Somente deve o mundo recear,  
Que a vela toda a luz lhe deixe ver,  
Pelo risco que corre em se abrasar.

Enfim, bela infiel, teu génio impuro  
Já não há-de alentar minha esperança,  
Pois rompeste com pérfida mudança  
Tanto amor, tanta fé, tanto seguro.

Nem já pretendo achar, nem já procuro  
Em peito tão mudável segurança;  
Pois desta ofensa a trágica lembrança  
Exemplo me há..de ser para o futuro.

Acabe pois affecto o mais egrégio,  
Pois que não me guardou teu peito ingrato  
Ao menos da presença o privilégio.

Não quero que outra vez teu falso trato  
Faça contra o respeito um sacrilégio,  
Cometa contra amor um desacato.

Caiu esse penedo sem segundo  
Da humilde Paciência intitulado:  
Que o ferro, o bronze, enfim quanto é criado,  
Nada resiste às quedas deste Mundo.

Ali se via com pesar profundo  
Já um amante à bengala encostado,  
Já rasgar os acenos um barbado,  
Já fazer rapazias cego, e imundo.

Mortal, aprende, deixa essa vaidade:  
Em ti cai, asneirão, que inda tens F...  
Sofrendo quanto traz esta maldade:

Pois 'té' quele, ao ver tanta borracheira;  
Com ser pedra, não pode mais idade  
O peso suportar de tanta asneira.

Se magro como um cão alguém mie visse  
Em terra estranha roto, e desprezado,  
E do pobre vestido esfrangalhado  
Cardumes de piolhos sacudisse:

Se doença maligna perseguisse  
Meu corpo de ossos só organizado;  
Se em terrível prisão, no chão deitado  
De fria cama a terra me servisse:

Se feito objecto ascoso a toda a gente,  
Aquele, que me visse a vez primeira,  
Ou fugisse, ou pasmasse de repente:

Se meu corpo por fim visse a lazeira  
De cego, surdo, e mudo juntamente;  
Antes tudo sofrera que ter F...

É bem feliz por certo, o que somente  
Ao rústico lavor acostumado  
Conduzir sabe os bois, reger o arado,  
E dar à terra a provida semente.

A arte de a lavrar sempre inocente  
Estuda só, e ignora afortunado  
As novas leis, as máximas de Estado,  
E os documentos de enganar a gente.

Projectos vão não forma, e sempre isento  
Da soberba ambição, nunca a Lisboa  
Foi dobrar o joelho ao valimento.

Cabana humilde, onde nasceu, povoa;  
E seguro no próprio abatimento,  
Só tem modo do Céu, quando trova.

Agora em duas glórias dividida  
Na passada, e presente Prelatura,  
Vos considera a minha conjectura  
Com ambas igualmente enobrecida.

Na primeira do acerto revestida  
Felizmente adornais esta clausura,  
E a dita eternamente nos segura  
A segunda depois de conseguida.

Nas duas prelaturas de maneira  
O Céu as esperanças nos fecunda,  
Que faz a glória de ambas verdadeira.

Mas se nisto a disputa só se funda,  
Por passada é menor a da primeira,  
Por presente é maior a da segunda.

Quando talvez na vaga fantasia  
Projectos formo, e máquinas invento,  
Entro em Lisboa, o Régio Erário aumento,  
Arbítrios dou, e alargo a Monarquia.

Meu voto o S. .... se confia,  
O Marquês de ..... me escuta atento,  
O Rei Bispo me faz, em um momento  
O Padre Santo Cardeal me cria.

Mandam me a Roma, as dúvidas componho,  
Faço a paz, morre o Papa, e finalmente  
Quase a Tiara na cabeça ponho...

Nisto chega um credor impertinente,  
Que me interrompe tão alegre sonho;  
Bate-me à porta, e vejo-me em Jazente.

*(Ao enterro do Excelentíssimo Marquês de P.)*

Marcha em paz, ó Marquês, e afronta ousado  
Da fria sepultura a escuridade;  
Que a ser do Elísio, o que se diz verdade,  
Inda nele o teu Rei te of'rece o lado.

Tu lhe guardaste a vida, o Trono, o Estado;  
Tu lhe assististe enfim com tal lealdade,  
Que se o Letes não muda de vontade,  
Terás inda além dele o Régio agrado.

Marcha, torno a dizer, sem que a vanglória  
Deixe as tuas acções em bronze escritas,  
Ou forme delas volumosa história:

Pois te basta sem frases esquisitas,  
Que mostre o teu sepulcro esta memória:  
Aqui jaz quem deu fim aos Jesuítas.



*(Ao mesmo.)*

É tal, Marquês preclaro, é tal o aumento,  
Que às Armas tens, que tens às letras dado.  
Que o lustre, que se deve ao teu cuidado,  
Te dobra, e não distingue o luzimento.

Da muda habitação do esquecimento  
As soubeste extrair, e afortunado  
Logra com elas o florente Estado  
Numas defesa, e noutras ornamento.

Tu com progresso igual na concorrência  
Lhe fizeste recíproca a vitória,  
Sem que ceda nenhuma a preferência.

E tanto que inda as Filhas da Memória  
Se lembram nesta nobre competência  
De dous triunfos teus, uma só glória.

*(Recitado)*

Eu, que me ri na flor da mocidade,  
Dessa ardente paixão, que a honra infama,  
Que a tanto homem de bem, que a tanta dama  
Mancha o decoro, e rouba a liberdade:

Que me ri desse Nume sem piedade;  
Que com profano ardor, com voraz chama  
Abrasa aos Sábios, aos Heróis inflama,  
E acende até no Trono a Majestade:

Eu, que me ri do Amor, eu finalmente,  
Que lhe chamei rapaz, e um louco encanto,  
Que delírios produz no mais prudente:

Eu, convertendo agora o riso em pranto,  
Arrastando os grilhões, como a mais gente,  
Adoro a Nize; e a palinódia canto.

## ÁRIA

Ninguém, não, de Amor se ria;  
Que é cruel, e pode tanto,  
Que mudar-lhe o riso em pranto  
Algum dia  
Lhe fará.  
Se o tiver por inimigo,  
Se acautele, e tenha medo;  
Porque enfim ou tarde, ou cedo  
O castigo  
Lhe dará.

Enfim, Penafiel, do teu Bispado  
Despojada te vês: tem paciência;  
Que tudo o que acontece é consequência  
Do sistema, em que o mundo está fundado.

Ele mudável é, e contra o fado  
Não vale dos mortais a diligência;  
Pois só pode fazer-lhe resistência  
No mudo sofrimento um desgraçado.

Encolhe os ombros pois; e sem vaidade  
Depõe a pompa, que te fez ufana  
Na fugitiva luz da claridade.

Pouco tempo a lograste, e se te engana  
Inda o título novo de Cidade,  
Recorda o nome antigo de Arrifana.

Volta, Penafiel, volta contente  
Da antiga Mãe ao grémio sacro, e agora  
Não te separe dela, como a Aurora  
Se não sabe apartar do Sol luzente.

Volta a beijar-lhe a mão, e obediente  
No materno regaço outra vez mora;  
Porque a filha, que dele se sai fora,  
Não torna, como tu, sempre inocente.

Tu mesma abonas hoje esta verdade;  
Pois bem que ilesa vens, vens mais ufana  
Por vir trajada em forma de Cidade.

Ninguém te contradiz: mas desengana  
Esses novos adornos da vaidade  
Com os outros antigos de Arrifana.

*(À Fortuna.)*

Agora sim, agora sem vaidade  
Podes alçar, Penafiel, a frente;  
Pois já com nome novo, e florecente  
Passas de Vila aos foros de Cidade.

Do teu novo esplendor na claridade  
Lisonjear te podes, e contente  
Ostentar sem rubor do mundo à gente  
A antiga feira, a nova Dignidade.

Agora sim (se acaso não receias  
Desperdiçar os timbres, que ainda guardas,  
Dos edifícios teus sobre as ameias).

Agora podes nas paredes pardas  
Meter por luminárias as candeias,  
Estender por bandeiras as albardas.

Descobre, ó Deusa cega, muito embora  
O escondido topete à louca gente,  
Que suspender-te intenta, e diligente  
Da passagem feliz te observa a hora.

Dos votos teus o templo condecora,  
As súplicas lhe escuta, e finalmente  
Aceita obséquios mil, que reverente  
Te faz o mundo, que feliz te adora.

A riqueza, o poder, a dignidade,  
Objectos vãos de um infeliz cuidado  
Ofrece a quem te tem por Divindade:

Que eu de teus falsos dons desabusado  
Só aspiro à feliz mediocridade,  
Por viver a meu modo:, e descansado.

Ela lá vai a infausta Companhia,,  
Aquele cabisbaixa atreçoada,  
Que da falsa virtude mascarada  
Tanto mal à República fazia.

Ei-la lá vai, a mesma, que algum dia  
Formava em Portugal tanta embrulhada:  
Ei-la lá vai banida, abandonada,  
E exposta até do vulgo à zombaria.

Coitada! que é objecto de piedade  
A que causava inveja a muita gente;  
Mas torne a culpa à sua iniquidade.

Vai para Roma, a pobre, onde somente  
As portas lhe abre Sua Santidade,  
E lhe faz cumprimento :o Pretendente.



*(Ao Excelentíssimo Marquês de P.)*

Marquês, tinhas razão; e o Mundo agora  
Da tua persistência a valentia  
Por prudência feliz tanto avalia,  
Que de eterno louvor te condecora.

A mesma Roma em seu triunfo arvora  
O Decreto, que extingue a Companhia:  
Tarde teu grito ouviu, mas todavia  
Te deu maior abono na demora.

Persististe, venceste, e um monumento  
A teu nome já célebre prepara,  
Capaz de resistir ao esquecimento.

A acção toda foi tua, e tão preclara,  
Que a faltar-te das mais o luzimento,  
A fazer-te imortal esta bastara.

Lisboa é mãe comuna,, e tão clemente,  
Que no seu seio a todos agasalha;  
Ao desvalido alenta, ao rico engalha,  
Ama o feliz, e alegre o descontente.

Ao pobre, ao litigante, ao pretendente  
Promessas mil, se mais não pode espalha,  
E tanto em agradar, tanto trabalha,  
Que a todas as Nações se faz patente.

Só nela, e com razão, foge a ventura  
Daquele em quem se encontra tal bondade  
Que as coisas diz, e não as desfigura.

Pois sempre, e muito mais na nossa idade  
Se teve por delito, ou por loucura  
Seguir a Corte, e professar verdade.

Esta vida mortal, que a estime embora  
Quem nunca pleitos teve, e independente  
Não teme que um credor pouco clemente  
Do paterno casal o lance fora.

Que a estime o que em Lisboa inda até gora  
Não despachou serviços; finalmente  
O que nunca foi réu, nem pretendente  
Sofre repulsas, nem desprezos chora.

Mas quem com pretensões na Corte estraga  
Os bens, que lhe deixaram seus passados,  
Esse louco será se a vida afaga;

Pois é melhor morrer de outros cuidados,  
Que sofrer em Lisboa a infame praga  
De alguns Ministros, e dos seus criados.

Neste pardo penedo levantado,  
Que ao pé do Douro fica, aqui me assento,  
Só por ver se divirto o pensamento  
De funestas imagens carregado.

Lá vejo vir ao longe o manso gado  
Caminhar vagaroso em passo lento,  
Talvez buscando o rústico aposento,  
Que a ventura lhe tem já destinado.

Lá diviso também o tenro amanhã,  
O rafeiro fiel, o bom pastor,  
Ditosas esperanças do rebanho.

Oh! feliz gente, vida superior!  
Que vivais tão contentes não estranho;  
Porque enfim não sabeis, o que é amor.

Ora a pesca, ora o jogo, ora o passeio,  
Ora da França um livro me entretinha,  
E ora na casa alheia, ora na minha  
Dos amigos lograva o doce enleio.

Ora a pintada truta, ora o recheio,  
Ora a gorda perdiz na mesa eu tinha;  
Sustentava cavalos, cães mantinha,  
E via o pátio meu de pobres cheio.

Ora talvez das Musas no regaço  
Cantava com cadente suavidade,  
Fazendo alguma delas o compasso:

Mas tudo enfim lá vai; foi com a idade:  
E somente ('que tristes versos faço!')  
Me ficam as lembranças, e a saudade.

Trema por toda a parte embora a Terra,  
Enfureça-se o Mar, solte-se o Vento,  
E a tudo dando o Fogo acabamentoo  
Faça contra os mortais medonha guerra.

Mande cá fora o Inferno quanto encerra  
De fúrias, de pavor, e de espavento;  
Porque eu só tenho medo ao meu tormento,  
Que o mais, seja o que for, me não aterra.

O meu mal é maior que tudo quanto  
Na ideia mais aflita se presume,  
Que aos orbes cause um mortal quebranto.

Porque mais que do Abismo o negro lume,  
Me causa mais horror, e mais espanto  
A mudança de Irene, e o meu ciúme.

Esta vida mortal de males cheia,  
Aquele que é feliz, que a estime embora;  
Que a dilate, quem nunca as faces cora,  
Que de nada se dói, nada receia.

Que a guarde quem contente em paz granjeia  
O seu casal, sem dele sair fora,  
Quem soberbo valido nunca adora,  
Quem Ministro sagaz não lisonjeia.

Esses que vivam sim; mas ao que trata  
A sorte, como a mim, com mil rigores,  
Esse fará bem mal se se não mata:

Pois é melhor morrer, que os desfavores  
Sofrer de uma cruel, e de uma ingrata,  
Que belos olhos tem, mas são traidores.

O Galo, que partindo a noite escura  
As asas bate em cima do poleiro,  
Alegre canta, enquanto no ribeiro  
Saudoso o rouxinol a voz apura.

Agora que o pastor na serra dura,  
Vigiando os currais sobre um outeiro,  
Porque afugente o sono sorrateiro,  
Cantando atento despertar procura:

Agora que cantando a roca espia  
No serão a paisana, e o doce encanto,  
Com que a prende Morfeu, de si desvia:

Assim das sombras no medonho espanto,  
Por ver se o meu tormento se alivia,  
Eu também choro, e ao mesmo tempo canto.



Leva-me a sede adusta à fonte fria,  
A calma à sombra amena; e à mole cama,  
Assim que a noite a escuridão derrama,  
O doce sono pela mão me guia.

Durmo, sonho, desperto, e a luz do dia  
Do mundo ao espectáculo me chama;  
E aquele objecto então, que mais me inflama  
A mover as paixões me principia.

Se elas contrárias são fico indif'rente,  
Enquanto me não move o que é mais forte;  
Que então sigo obrigado a mais valente.

Obro então contra mim; pois desta sorte  
Conduzindo-me a Nize o amor ardente,  
Dela me faz fugir o horror da morte.

Eu tanto triste choro, eu tanto gemo,  
Deste mundo o mais mal aventurado,  
Que chego a duvidar que possa o fado  
Remontar o meu mal a mais extremo.

Não pode ser; que enfim ao grau supremo  
A fúria do meu mal já tem chegado:  
Mas nisso em parte fico consolado;  
Pois ser mais infeliz eu já não temo.

Assim permita o Céu, que eu me conforte,  
Porque inda que pretenda ser mais dura  
Não o pode já ser a minha sorte:

Pois roubando-me Nize a Parca escura,  
Inda que a mim também me desse a morte,  
Em lugar de desgraça, era ventura.

Adeus caro Peixoto, adeus: e enquanto  
Passas do Elísio a eterna claridade,  
Recorda-te de mim; se é que a amizade  
Sobre o Lotes não sofre algum quebranto.

Tu lá nesse lugar alegre, e santo  
Concede ao meu pesar uma piedade;  
E ao menos, para alívio da saudade,  
Aceita grato o meu amargo pranto.

Nele verás (se tu do esquecimento  
As águas não levaste ao Céu contigo)  
A grandeza cruel do meu tormento:

Pois mais do que nas vozes, que te digo,  
Nas lágrimas, que choro cento a cento,  
Verás que fui, que sou, constante amigo.

Eu decidir não sei, ó Tio amado,  
Qual fosse para mim mais transcendente,  
Se a nova, que me deste de doente,  
Se a notícia de teres melhorado.

Deixou-me aquela o peito trespassado,  
Esta de todo me deixou contente;  
Mas qual das duas fosse a mais valente,  
Julgá-lo inda não sabe o meu cuidado.

Por isso procurar vossa presença  
Com esta indecisão intento agora,  
Sem declarar qual fosse a mais intensa;

Para vos dar unidos na demora,  
Os pêsames mais tristes da doença,  
E os parabéns mais gratos da melhora.

Esta vida de mil misérias cheia  
Estime-a o venturoso muito embora;  
Que eu intento com ânsia dela fora  
Ir do Letes calcar a muda areia.

E se é certo que então nada receia  
Quem no Elísio país ditoso mora,  
Habitá-lo quisera; que já gora  
Este mundo falaz me não recreia.

Nessa estância dos Bem-aventurados  
Lograr iria sem nenhuns temores  
Esses campos em tudo afortunados;

Nos quais sem arrepios, sem temores,  
Sem sustos, sem suspeitas, sem cuidados  
Veria junto a mim os meus credores.

Se se chegasse .a ver o que se passa  
Dentro dos corações de toda a gente  
Pode ser que se visse alegre a frente  
A quem sofre no peito uma desgraça.

Pode ser que depois lástima faça  
Algum, que nos parece o mais contente,  
Se acaso se fizesse aos mais patente  
Quanto lhe faz sofrer a sorte escassa.

Mas cada qual com nobre fingimento  
(Porque é crime também ser desgraçado)  
Oculta como pode o seu tormento.

Mas o meu tem subida a tal estado,  
Que rompendo os grilhões do sofrimento,  
Me obriga a publicar o meu cuidado.

Guarda, Amor, os grilhões com que tirano  
Fazes que o munido a liberdade chora;  
Grilhões que não sacode a planta fora,  
Se acaso lhos não rompe o desengano.

Fabrica outras prisões: que o seio ufano  
Para os Esposos, que feliz adora,  
As de ferro não sofre, que até'gora  
Te bateu Bronte, e retorceu Vulcano.

Quebra os cordéis enfim; e neste dia  
Mostra que um doce laço te engrandece  
Mais que os baraços, que o rigor te fia:

E no excelso Himeneu, que te enobrece,  
Deixa ver em que lugar da tirania,  
Hoje os laços de Amor a glória tece.

O Capitão depois do vencimento  
Repartindo os despojos ao Soldado;  
Nos braços de quem ama o namorado;  
O Réu, depois que alcança o livramento;

Depois da noite escura o luzimento  
Ao triste Naufragante em mar irado;  
A Mãe, que julga morto o filho amado,  
E o encontra depois em nobre aumento;

O homem de bem, que passa em um só dia  
Do extremo da miséria ao da riqueza;  
O sequioso, que chega à fonte fria;

Imagens todos são, que a Natureza  
Quis colocar no templo da Alegria,  
Como a mim me pintou no da Tristeza.



Eu não sei, douto Rocha, se prudência,  
Se foi ventura em vós; sei tão somente  
Que Amarante só pode ser contente  
Merecendo lograr vossa assistência.

Ela vai com maior magnificência  
Fazer ao caminhante enfim patente,  
Que a nova ponte, dando passo à gente,  
Foi do vosso cuidado a consequência.

Este foi tal, que quase em um momento  
Fez expedir, e fez que hoje se conte  
O Decreto Real por um portento.

Mas em prêmio vereis que aqui defronte  
Se hão-de elevar ao vosso mer'cimento  
Três arcos triunfais nos desta ponte.

Os espinhos, que à Rosa alguém censura,  
São guardas, que lhe pôs a Natureza,  
Que em vez de ser labéu da gentileza,  
São reparo feliz da formosura.

Eia vive com eles mais segura  
De uma atrevida mão; porque a Beleza  
A não ter neste mundo uma defesa,  
Murchara logo, ou ficaria impura.

Na boca ponham pois agora o dedo  
Os que o nome lhe dão de desalinhos,  
Ou se alguém quer falar, fale em segredo:

Porque a saber tão rústicos caminhos  
Se há-de vingar a Rosa: e tenham medo  
Se não dos versos meus dos seus espinhos.

Corre, ó Tâmega, corre, e arrebatado  
Bate com fúria, e morde sem demência  
Das montanhas a dura corpulência,  
Dos penhascos o sempre firme lado.

Não, não lhe fazes dano, inda que irado  
Lhe queiras abalar a permanência;  
Pois eles com constante resistência  
Têm de ti por mil séculos zombado.

Eu vos imito assim; pois permanente,  
Por mais que me combata o meu tormento,  
Ileso fico, e mostro airosa a frente:

E qual penedo ao seu furor isento,  
Rebato dos meus males a corrente,  
Sem lhe opor nada mais, que o sofrimento.

Eu como, eu bebo, eu durmo, e a vida passo  
Ora bem, ora mal, como sucede:  
Tomo tabaco, e chá; e se mo pede  
O génio alguma vez, eu Nize abraço:

Às vezes jogo, às vezes versos faço,  
Que mais que a arte a natureza mede:  
E talvez por saber como procede  
Em se mover o Sol, círculos traço.

Alguma vez me agrada a soledade,  
Outras vezes a nobre companhia;  
E desta sorte vou passando a idade:

E espero assim que venha a morte fria  
Com o manto da eterna escuridade  
Encobrir-me de todo a luz do dia.

Se é no Piloto uma infeliz loucura  
Encaminhar a proa contra o vento,  
É também nos mortais um louco intento  
Largar as velas contra a desventura.

Pois por mais que trabalhe, à sorte dura  
Ninguém pode mudar o movimento,  
Se primeiro também do Firmamento  
Não souber arrombar a arquitectura.

Tudo está nele escrito, ou denegrada,  
Ou cândida se mostre a nossa sorte;  
Sem poder ser dos homens conduzida:

Porque por fim não há peito tão forte,  
Que possa dilatar de um ponto a vida,  
Nem apressar de um só instante a morte.

A Fénix só por séculos numera  
Dos anos seus a peregrina idade;  
Pois afrontando a mesma eternidade,  
Nas chamas morre, e a vida recupera.

Sempre se vê gentil, nunca se altera;  
Pois, renovando a bela mocidade,  
Com nova pena, e nova raridade  
A maior duração feliz supera.

Assim o Céu clemente a immortaliza:  
E se ele escuta os rogos dos humanos,  
Assim queira fazer hoje a Luísa:

Para que, sem sentir do tempo os danos,  
Assim como os da Fénix eterniza,  
Faça o Céu imortais hoje os seus anos.

Há muito que a ilustrar-te principia,  
Douto Ribeiro, a fama mais segura  
Nos rasgos, com que alinhás a Pintura,  
Nas vozes, com que adornas a Poesia.

As Artes irmãs são; mas todavia  
Tu fazes delas tão feliz mistura;  
Que os debuxos fabricas com doçura,  
E os conceitos expões com simetria.

Persiste pois na rara habilidade,  
Com que o Céu te dotou; que a sorte ordena,  
Que passe mais além da nossa idade:

E enquanto o mundo à morte os mais condena,  
No templo te dará da Eternidade  
Aplausos o pincel, glórias a pena.

Se tudo anda de sorte encadeado,  
Que os sucessos não sofrem resistência;  
Pois tudo o que acontece é consequência  
Do sistema, em que o mundo está fundado.

Se nada nele pode ser mudado,  
Por mais que faça a humana diligência;  
Sofrer quero o meu mal; que a paciência  
Só pode resistir à lei do Fado.

Mas se há acaso alguém, que à soa-te escura  
Se atreva a dar um novo movimento,  
Ele, se tem tal arte, esse que o faça:

Pois eu tenho tão rude o entendimento,  
Que para rebater qualquer desgraça  
Mais remédio não sai, que o sofrimento.



Não, não desmaies não, ó gentil Rosa,  
Ouvindo a rouca voz dos teus censores;  
Pois sendo sem motivo os seus clamores  
Não te podem fazer menos airosa.

Sempre a mesma hás-de ser; pois majestosa  
Terás vassalos mil por defensores;  
Que para dominar as outras flores  
Te produzes no mundo a mais formosa.

Mostre uma embora uma infeliz constância,  
E outra de um nome vão jacte a beleza;  
Que não pode causar-te a menor ânsia:

Pois vences as Perpétuas na grandeza,  
Os amores perfeitos na fragrância,  
E todas as demais na gentileza.

Seja embora a Perpétua por constante  
De um toucado adorno, e o amor perfeito  
Desempenhe o seu nome em algum peito,  
Que faz protestações de fino amante:

Que se jactem também a cada instante  
Dos atributos seus: Eu lhos respeito;  
Sem que ofendê-los possa o meu conceito,  
Inda que a Rosa por mais bela eu cante.

Dela sim celebrar intento agora  
As graças com que sábia a Natureza  
Por senhora das mais a condecora.

Ela a vitória alcança na certeza,  
De que entre as filhas da brilhante Flora  
Sempre excede às demais na gentileza.

Se tanto gosto a tua tirania  
Recebe, ó Fera, em ver um desgraçado,  
Põe os olhos em mim; vê se te agrado,  
Que eu te farei constante companhia.

Não precisas, que à bárbara Turquia  
Vás ver sobre as galés algum forçado;  
Pois eu, mais infeliz, junto ao teu lado  
Avivarei a tua rebeldia.

Se o teu prazer enfim, cruel, consiste  
Em teres por objecto um descontente,  
A quem a desventura sempre assiste;

Não vás mais longe, não; porque presente  
Tem feito o teu rigor de mim um triste,  
O mais triste, que cobre o Sol luzente.

Quando às prisões de amor te vejo atada,  
E às do dever, Dama gentil, cingida,  
Dessas cruéis paixões tão combatida  
Vens a ser a mulher mais desgraçada.

Uma te fez amar toda abrasada,  
Outra te fez gelar endurecida;  
E nestes dons extremos dividida  
Tu nem bem amante és, nem bem honrada.

Não tens remédio não: ou tu constante  
Arrasta esses grilhões, que a honra encobre,  
Ou não te apartes dela um só instante;

Pois tu, para que o mal mais se te dobre,  
Não sabes com o nome de galante  
Juntar no mundo o título de nobre.

Nessa Estátua fiel, que fabricaste,  
Padrão da Fama, assunto da Memória,  
O teu nome feliz na larga história,  
Sábio Bartolomeu, também gravaste.

De grandes impossíveis triunfaste;  
Da inveja conseguiste a maior glória:  
Todo o triunfo é teu, toda a vitória;  
Só o prémio maior nisso alcançaste.

Das leis do esquecimento és bem livrado,  
Quando imortais troféus da heroicidade  
À Pátria, ao Rei, e a ti tens levantado.

Chegue enfim a voraz posteridade,  
Corra o tempo veloz, e arrebatado,  
Que presente serás a toda a idade.

Entre penas amargas todo o dia  
Passo as horas aflito, e descontente;  
E tudo o que consola a humana gente  
Me serve de maior melancolia.

Trago tão estragada a fantasia,  
Que nem sombras de alívio me consente:  
Se algum bem finjo ao longe, de repente  
Mo troca logo em mísera agonia.

Porém conserve o Fado rigoroso  
Embora contra mim seu braço alçado,  
Ou descarregue o golpe mais penoso:

Que como eu vivo já desenganado  
De viver 'té à morte desgostoso,  
Sempre me há-de encontrar no mesmo estado.

Aqui, Passante, a gente mais impura,  
Que fala o Português faz sociedade,  
Aqui sem pundonor, e sem verdade  
Diz quanto quer, e quanto quer censura:

Aqui se ultraja a fama bem segura,  
Se escurece à Nobreza a claridade;  
E até da mais perfeita santidade  
Se chega a dizer mal, e se murmura:

Aqui somente enfim ar empestado  
Pela boca do Averno se evapora,  
Que contamina alvergue tão malvado:

Aqui, passante, pois te não demora,  
Se ser Cristão, se queres ser honrado:  
Faz o sinal da Cruz, e vai-te embora.

Tu me juras, meu bem, que a Natureza  
Primeiro mudará de movimento,  
Que deixes de querer-me; eu nisso assento,  
Pois nem sempre é mudável a beleza.

Tu constante serás; porque a Nobreza  
Também serve ao Amor de fundamento;  
E sendo atada às leis do juramento,  
Nas promessas, que faz, tem mais firmeza.

Enfim até morrer, Márcia querida,  
Prometes minha ser constante, e forte;  
Mas de mim na constância és excedida:

Que é tal em te adorar a minha sorte,  
Que hei-de ser teu não só por toda a vida,  
Mas inda te hei-de amar além da Morte.



De ser eterna a sua descendência  
Teve a promessa Afonso, e o Céu luzente  
Para algum seu remoto descendente  
Guardou de um quinto Império a permanência.

Então dos orbes claros a influência  
Fará fecunda a terra, e a humana gente  
Renascer outra vez verá contente  
A justa paz, a cândida inocência.

Mas qual seja o Herói, a quem tal graça  
Do Céu, que nunca engana, se segura,  
E dos homens se encobre à luz escassa;

Se subir pode a tanto a conjectura,  
No berço ele o vê já; pois na desgraça  
Às vezes tem princípio uma ventura.

É tão tenaz o mal, que me angustia,  
Tanto a mim se agarra, que até'gora  
Descansar me não deixa em paz um' hora,  
Ou seja noite escura, ou claro dia.

Anoitece, e a ferir-me principia;  
Chega a manhã, e o peito me devora:  
Sempre comigo está, comigo mora,  
E nunca do meu lado se desvia.

Comigo ao rio vai, comigo ao prado,  
Comigo à solidão; ultimamente  
Comigo vem, se volto, ao povoado:

E é tão rebelde enfim, tanto inclemente,  
Que inda até se eu subisse ao Céu Sagrado,  
Sempre o teria até no Céu presente.

É Lísia liberal, é Mãe clemente,  
E nela encontra o mundo inteiro agrado;  
Regalo o rico, emprego o afortunado,  
Socorro o pobre, alívio o descontente.

Ela faz a fortuna a toda a gente:  
Engrossa o Mercador, sobe o Soldado,  
O Ministro despacha, e traz guiado  
Da crédula esperança o pretendente:

Ela a todos oferece um pronto abrigo,  
Menos ao que é tão bom, que na verdade  
Por não entender mais se mostra amigo:

Pois comete na Corte uma impiedade  
Aquele que, falando ao modo antigo,  
Às cousas nome dá com claridade.

Se os afectos de Amor em mil sentidos,  
O coração inquietam com cuidados,  
Com razão têm assim os namorados  
Certo alívio no canto a seus gemidos.

Os amantes em penas mais perdidos,  
Que sacrificam firmes seus agrados,  
Também cantando vão nos seus estados  
Os delírios de amor mais repetidos.

Se tudo enfim cantando se alivia,  
E com vozes se explicam os conceitos  
Da paixão, da tristeza, ou da alegria:

Qual será que não cante entre os efeitos  
Do mesmo Amor a grande valentia,  
Com que vence, e destrói tantos defeitos.

Um ano mais aos seus Luísa aumenta  
Neste dia feliz, e os condecora;  
Pois com virtudes tais tanto os melhora,  
Que cada vez mais lustres lhe acrescenta.

Ela os quer ocultar; mas mais os ostenta  
O fogo, que se abafa, e oculto mora;  
Pois quando as faces a modéstia cora,  
A nobreza das almas a presenta.

Assim a duração da sua idade,  
Por mais que a cubra com subtis rodeios,  
Hoje mostra uma excelsa claridade:

Porque apesar de tão humildes meios,  
Faz ver, que os anos seus são na verdade  
Mais de virtudes, que de dias cheios.

Longe da Corte, e nisso afortunado  
Vive alegre um Pastor sobre uma serra,  
Onde apenas conhece que há mais terra,  
Que o rústico país do seu montado.

Ministro lá não vai, não vai soldado  
Formar-lhe pleitos, intimidar-lhe guerra;  
Pois na humilde cabana, em que se encerra  
Mais despojos não tem que o pobre gado.

Seguro dorme enfim; porque não teme  
Que à roda do curral lhe façam ronda,  
E que Esbirro sagaz as mãos lhe algeme.

Vive feliz sem ter de quem se esconda;  
Nem jamais muda a cor, nem jamais treme,  
Inda que escute o nome da Caconda.

Musas adeus, e adeus eternamente;  
Porque já rouca a voz, e a mão fria  
Perde, se canta, a doce melodia,  
Rompe, se toca, a Cítara cadente.

Se algum tempo atenção me dava a gente,  
Se talvez com prazer Nize me ouvia,  
Tudo enfim se acabou; porque a harmonia  
Depois da mocidade se desmente.

Tudo me falta enfim; o engenho, a Arte,  
E tudo o mais, que ao peito dos humanos  
O vosso Apolo, quando quer, reparte:

E apenas só conservo nos meus anos  
O vigor para dar, inda que tarde,  
Documentos fiéis de desenganos.

*(Alegria na deicação de Nize por vir no conhecimento das suas falsidades.)*

Adeus bela Infiel; que Amor tirano  
Me deixa respirar um pouco agora;  
Porque toda a desgraça se melhora  
Na evidência infeliz do próprio dano.

Conheço, ainda que tarde, o triste engano,  
Com que tu me juraste a fé traidora;  
Mas quando a emenda as faltas condecora,  
Sempre alegre se avista o desengano.

O tempo enfim chegou, em que o destino  
Desatou dos grilhões a liberdade,  
Que presa tanto andou ao cego indino.

Já palpo o negro horror da falsidade;  
E, mandando à carqueja o deus Menino,  
Tomo tabaco, e zombo da Saudade.



Musas adeus, que a voz se me enrouquece,  
E não sustenta a vossa melodia:  
Acabou-se esse tempo; hoje a Poesia  
Em lugar de esquentar-me me arrefece.

Se dos anos na flor prenda parece,  
Na velhice é labéu; pois tarde, e fria  
Se trata affectos loucos enfastia,  
Se sábios desenganos aborrece.

Adeus volto a dizer, e vos protesto  
De jamais invocar-vos; pois da idade  
Em paz passar desejo o triste resto.

Deixemos esse emprego à mocidade;  
Que eu não quero à mais gente ser molesto  
Quer eu cante de Amor, quer da verdade.

## *POESIAS VÁRIAS*

### MOTE

Cruel fortuna, ergue a mão,  
Fere, mata-me a teu gosto;  
Que não se me enfia o rosto,  
Nem me bate o coração.

### GLOSA

Não cuides te hei-de temer,  
Fortuna cruel, por mais  
Que me mostres os sinais  
Do teu supremo poder:  
E se melhor queres ver  
Quanto eu obro nesta acção,  
Eu te ofereço um coração,  
Que não tem medo da morte:  
Anda, executa o corte,  
Cruel fortuna, ergue a mão.

Tenta o ferro penetrante,  
Afia-lhe a aguda ponta,  
E o golpe mortal aponta,  
Que eu já te espero constante:  
Eu te ponho por diante  
Um peito a morrer disposto;  
E enfim, sem mudar de posto  
Sem temor, e sem receio,  
Sem armas te ofereço o seio;  
Fere, mata-me a teu gosto.

Não, não me pode alterar  
Neste mundo algum tormento,  
Pois no mudo sofrimento  
Sei meus males tolerar:  
Nada me pode afrontar,  
Nada causar-me desgosto;  
E estou enfim tão disposto  
A morrer contente, e forte,  
Que nem me desmaia a morte,  
Que nem se me enfia o rosto.  
Leva as lágrimas que choro.

Até já desenganado  
Dos atractivos de amor  
Chego a ter tanto valor,

Que os grilhões tenho quebrado:  
Veio Nize; e sem cuidado  
De saber se é firme, ou não,  
Vivo com tal isenção,  
Que inda estando junto dela  
Nem o sangue se me gela,  
Nem me bate o coração.

## MOTE

Ó rio que vais correndo,  
Passa a ver um bem que adoro:  
Se te faltarem as águas,  
Leva as lágrimas que choro.

## GLOSA

Ó Monte debes mover-te,  
O Rio debes parar-te,  
Se meu mal chego a contar-te,  
Se meu mal chego a dizer-te;  
Pois se a sorte me perverte  
Na dor que estou padecendo,  
Pode ser que enternecendo  
Te vá também meu cuidado;  
O Monte que estás parado,  
O Rio que vais correndo.

Se em ti, Rio se retrata  
De meu peito a triste fonte,  
Se a tua dureza, ó Monte,  
Representa a minha ingrata;  
Por condescendência grata  
A tua piedade imploro;  
Tu Rio, que vês que choro;  
Tu Monte, já que te empenho;  
Fica a ver o mal que tenho,  
Passa a ver um bem que adoro.

Tu Monte com ardor tanto  
Excederás o Vesúvio,  
Excederás o Danúbio  
Tu, ó Rio, com meu pranto:  
Vós ambos tereis, enquanto  
Persistirem minhas mágoas,  
Tu de ardor intensas fráguas,  
Tu de lágrimas dispêndios,  
Se te faltarem incêndios,  
Se te faltarem as águas.

Mas se a sorte não consente,  
Que perverta a natureza,  
O Monte, a tua dureza,  
O Rio, a tua corrente:  
Nesse penhasco eminente,  
Nesse teu cristal sonoro,  
Tu nos ecos, que te imploro,

Tu nas mágoas, que te inflamo,  
Guarda as queixas, que derramo,  
Leva as lágrimas, que choro.

## DÉCIMAS

Gentil Arminda, é tão forte  
Da tua ausência o tormento,  
Que ir ver-te esta tarde intento,  
Só por ver se lhe dou morte:  
Quero ver se desta sorte  
Minoro a sua crueldade;  
Pois como alguma piedade  
Espero achar nos teus braços,  
Nos seus amorosos laços  
Darei garrote à saudade.

Quero ver-te, e o meu pesar  
Vou em gosto converter;  
Pois somente sem te ver  
Posso as saudades matar:  
Quero sim ir procurar  
Dos teus braços a conquista;  
Quero fazer que me assista  
No meu mal tua demência,  
Para que as sombras da ausência  
Me afugente a tua vista.

Eu não sei qual mais lugar  
Em meu peito chega a ter,  
Se a pena de te não ver,  
Se a glória de te lograr:  
Sei somente, sem julgar  
Qual em mim é mais notória,  
Que na acção contraditória,  
Que amor entre nós ordena,  
Que em te não ver tudo é pena.  
Que em te lograr tudo é glória.

Enfim, Arminda querida,  
Lindo bem, amado emprego,  
Minha alma não tem sossego  
Se está de ti dividida:  
Faz-me sim perder a vida  
De tua ausência a impiedade;  
E morrerei na verdade  
Nesta pena, que te digo,  
Se não for hoje contigo  
Aliviar a saudade.

## AO TERREMOTO DO PRIMEIRO DE NOVEMBRO DE 1755

### ROMANCE FÚNEBRE

Que medonho Espectáculo! Lisboa  
No horror de um terremoto agonizando  
Faz formar uma ideia bem conforme  
Ao negro assombro do primeiro caos.  
Um desusado som, como se sente<sup>4</sup>  
Ou ando prende no feno o fogo avaro,  
Ou quando gira um coche, ou quando se ouve  
A gente armada ir pisando o campo,  
O tremendo pregão foi da desordem,  
Em que tudo se vê; pois alterados  
Se batem de tal sorte os Elementos,  
Que teme o imundo o seu total desmancho.  
A firme terra treme, e os leves Ares<sup>5</sup>  
Comovidos do trémulo contacto  
Fazem unicamente à planta, à vista  
Perder o tino, perverter os raios:  
A planta temerosa não segura  
No globo palpitante o débil passo:  
A vista desmaiada não suporta  
A confusa impressão do objecto vago.  
Sorve as praias o mar, onde há bem pouco  
Tinha o fecundo armento o doce pasto:  
Forceja a chama nas sulfúreas minas,  
E abala o peso enorme dos penhascos.  
O pávido pastor com medo observa  
Ir-lhe fugindo os flutuantes prados;  
E teme o Cortesão que outro Vesúvio  
Sobre o Tejo vapore o fumo ingrato.  
Neste ponto infeliz a triste Corte  
Sente todo o furor do insulto irado;  
Se acaso o repentino da desgraça  
Sentimentos permite ao peito humano.  
Um só momento, um só, porém terrível  
Abre, rompe, destrói, faz em pedaços  
Os doces lares, as sublimes torres,  
Os Templos Santos, e os Palácios altos.  
A rude queda das paredes rotas  
Devora vidas mil por modos vários;  
Pois sendo um só destino, é bem diversa  
A morte que resulta dos acasos.  
Alguns no brando leito inda dormindo  
Sentem da Parca o golpe desumano;

---

<sup>4</sup> *Sicut sonitus quadrigarum, sicut sonitus ignis devorantis stipulam, velut populus fortis praepratus ad proelium...*

<sup>5</sup> *A facie eius contremuit terra.* Joel, c.2.

Sendo esta vez Morfeu da morte escura  
 Mais do que imagem, verdadeiro ensaio.  
 Outros das próprias casas oprimidos  
 Têm por verdugos os Penates caros,  
 E virão converter no seu destroço  
 Em desabrigo o cómodo agasalho.  
 Outros sentem o golpe mais violento  
 Na mesma corpulência dos Palácios;  
 Servindo-lhes das torres a grandeza  
 A fazer o despenho mais infausto.  
 Mutos no Templo, ó Céus! e aonde pode  
 Encontrar-se lugar mais sacrossanto  
 Pois a casa, que e centro da piedade,  
 Agora se converte em cadafalso?  
 Deve acabar-se o mundo, ou nos espera  
 Inda mais fero, e nunca visto caso;  
 Pois já não há nos Templos assistentes,  
 Altares, Sacerdotes, holocaustos.<sup>6</sup>  
 As Dóricas colunas abatidas,  
 Os côncavos zimbórios despenhados,  
 As bóbedas abertas ferem, protram,  
 E despedaçam, quanto está debaixo.  
 Agora sim, agora contra a morte  
 Não se encontra em Lisboa algum reparo;  
 Pois ela corre afoita, e vai soberba,  
 Depois que penetrou no Santuário.  
 Muitos acabam pela rua as vidas:  
 Uns correndo, outros indo, outros voltando:  
 Outros nas praias, outros escondidos:  
 Outros enfim aonde os topa o fado.  
 Anda a consternação por toda a parte  
 As Almas afligindo, e debuxando  
 Dos mortais no semblante espavorido  
 O susto, a confusão, o medo, o pasmo.  
 Ali naquele cúmulo de pedras  
 Forceja um homem com robustos braços:  
 Um salta: outro cai: outro nos ares  
 De frágil tábuca fica pendurado.  
 Além uma mulher se precipita:  
 Outra chama o consorte, outra dá brados:  
 Outra no seu pavor encontra a morte  
 Primeiro, que na fúria dos estragos.  
 O avaro entre os tesouros, entre a vida,  
 Indeciso esta vez no amor de entre ambos,  
 Quer fugir, transportar quer as riquezas,  
 E nada faz; que o tempo passa em tanto.  
 Avarento Jasão do metal ouro  
 À carga infame os ombros recurvando,

---

<sup>6</sup> *Deficiet hostia, et Sacrificium, et erit in templo abominatio desolationis. cap. 9. in fine.*



Do peso da riqueza, e dos penedos  
Duas vezes fica opresso e sepultado  
O pio observador da Lei celeste  
De dous impulsos esta vez tocado  
Na vida emprega, e nas imagens sacras  
O acordo, que lhe deixa o sobressalto.  
Toma a carga imortal nas mãos piedosas,  
E mais feliz Eneias resguardando  
Vai do incêndio voraz, vai no destroço,  
Mais do que a vida, os simulacros santos.  
A donzela, que teme o ver-se exposta  
Sem o decoro do decente ornato,  
Chega à porta três vezes, e outras tantas  
Se torna a recolher com giro incauto:  
Parte, fica, lamenta, e sempre incerta  
Do susto, e do rubor no duro assalto,  
Sem partir, sem ficar, irresoluta,  
Primeiro perde a vida que o recato.  
A pudica matrona o filho aperta  
Mais que nunca piedosa ao peito casto,  
Por ver se lhe dilata acaso a vida  
Naquele terno derradeiro afago:  
Mas pervertida a lei da natureza,  
Abraça, e suca no fatal desmaio  
A Mãe, em vez do filho, os seixos duros,  
O filho, em vez do leite, o sangue amargo.  
Brada o Pai, o Senhor, chama o Ministro:  
E se enrouquece o Capitão mandando;  
Mas não sabem por ora obedecer-lhe  
O filho, o servo, o súbdito, o soldado.  
Tudo é desordem, tudo: e o fogo ardente  
Vem dar cruel remate ao resto escasso  
Dos rotos edificios abatidos,  
Dos pobres corações desalentados.  
A chama prende, e nada deixa isento:  
Consome, abrasa, e traga tudo quanto  
Tinha de rico, e precioso o Ganges  
Enviado em mil naus ao Tejo largo.  
É tudo incêndio, e fumo, tudo assombro,  
Confusão, desconcerto, e desemparo;  
De sorte que somente os homens podem  
Achar no Céu remédio a mal tamanho.  
Desta verdade eterna comovido  
O estúpido se vê, se sente o sábio,  
Um sensível se mostra, outro sujeito  
Ao supremo motor dos orbes claros.  
Aquele que jamais despertar soube  
À voz de um trovão, à luz de um lampo,  
Acorda ao movimento, com que a terra  
Lhe feriu desta vez o ouvido tardo.

Este que sempre andou da Natureza  
Indagando os recônditos arcanos,  
Busca de um tal portento em Deus a causa,  
E deixa em paz o fogo subterrâneo.  
O mesmo fazem todos, bem que opostos  
Discorram entre si nos dogmas falsos;  
Pois sabe unir o Céu diversos cultos,  
Quando do seu poder ostenta um rasgo.  
O vagabundo Hebreu, que inda calcula<sup>7</sup>  
Das místicas hedómadas o espaço,  
Sem ver que perde o tempo inutilmente  
No estudo pertinaz de dilatá-lo;  
O pérfido Agareno, que de Cristo<sup>8</sup>  
Reconhece o poder, e quer profano  
Conceder-lhe os divinos atributos  
Na mesma humanidade colocados.  
O Rico Inglês, e quantos cria o Norte  
Povos gentis, mas tristemente errados;  
Pois mais por pundonor, que por sistema  
Renovam parte dos delírios de Arrio:  
Enfim quantas Nações o mundo envia  
Extraír de Lisboa o ouro amado,  
Clamam, pedem piedade, e reconhecem  
Todo o poder do Omnipotente braço.  
Neste ponto imortal concordam todos,  
Inda que sejam no demais contrários:  
Mas para os convencer foi-lhe preciso  
Sentir a Terra um tão violento abalo.  
Foi preciso que ardesse uma Lisboa,  
Por tirar aos mortais do seu letargo:  
E qual fosse o seu sono se contempla  
Da trompa, que tocou a despertá-lo.  
Lisboa, sim Lisboa, que algum tempo  
Dos Lusos pátria, asilo dos Romanos,  
Velhacouto do Mouro, e depois Corte  
De mil Heróis, de Príncipes preclaros.  
Reinou soberba, e dando lei ao mundo  
Levou pelo insondável Oceano  
As sacras quinas nas douradas popas  
Ainda mais além do Idaspe claro.  
Lisboa te perdeu. Ah, triste Lísia!  
Quem te esquecera neste transe amaro!  
Poupara-te o tirano das memórias,  
Roubando-te a piedade dos sufrágios.  
Deveras sepultar entre as ruínas  
Estes da mágoa fúnebres retratos;  
Porque ao menos ficasse o sentimento  
No mesmo teu destroço amortalhado.

---

<sup>7</sup> *Daniel cap. 9.*

<sup>8</sup> *Alcor. cap. da hora Sexta.*

Mas, ah Corte infeliz, o teu desastre  
Não pode das lembranças ser riscado;  
Pois nesse teu funesto acalamento  
Se perpetua agora o nosso pranto.  
Das cinzas quentes da prostrada Tróia  
Ulisses te fundou: mas deu-te cauto  
Para abater-te a glória, a que subiste,  
Nos mesmos fundamentos os presságios.  
Eu bem sei, que inda agora esses fragmentos  
São relíquias, são restos venerandos;  
Mas sempre são motivos da saudade  
As ilustres memórias do passado.  
Roma inda jacta, mas com mágoa interna,  
Os restos do sublime Anfiteatro;  
Mênfis os Obeliscos, e os nascentes  
Muros de Elisa conserva inda Cartago.  
Podes fazer o mesmo; mas repara,  
Que formas desses mármorees tombados  
Um perpétuo sepulcro da vanglória,  
Um constante padrão do desengano.

É justa ó Lísia a dor, que te trespassa  
Do teu caso infeliz na mágoa dura;  
Pois só para padrões da desventura  
Deveste um triste resto à sorte escassa.

Das rotas pedras na disforme massa  
Tudo mais entregaste à sepultura;  
Mas consola-te enfim, porque a ventura  
Às vezes tem princípio na desgraça.

Bem cedo, melhorando a majestade,  
Nas memórias do teu destino avaro  
Motivos não verás para a saudade;

Que a sempre augusta mão do Rei preclaro  
Fará com liberal heroicidade,  
Maior que o teu destroço, o teu reparo.

*À Excelentíssima Senhora Condessa d'Alva assistindo em dia de S. Gonçalo a um festejo no Porto*

ROMANCE

Heroína feliz, Condessa Ilustre,  
Nas acções, e nos títulos Preclara  
De quem mais resplendor tem recebido,  
Do que comunicado as luzes d'Alva;  
Assim Senhora Excelsa, assim que ao Douro  
Lhe enobreceu a vossa vista as praias,  
Rico esta vez da cópia dos fulgores  
Mais, que da inundação das próprias águas,  
Assim soberbo o rio da ventura,  
Que na vossa presença agora alcança,  
Para mostrar-se em vosso obséquio grato,  
Começa a formar ideias altas.  
Convidava os alunos de Mavorte  
Para as sonoras, lisonjeiras salvas;  
Vulcano para os fogos de artifício,  
Neptuno para encher as naus de galas.  
Decorava no próprio pensamento  
Dum, e doutro teatro as cenas várias,  
Ora as do Tibre na Tragédia triste,  
Ora em doces sainetes as de Espanha,  
Mil outras cousas mais em vosso culto  
Na mente flutuante aparatava;  
Porque ao menos no vário dos obséquios  
Soubesse agradecer-vos glória tanta.  
Porém, como os projectos mais sublimes  
Costuma o tempo retardar com pausas,  
Pôs logo parte em obra, e deixou parte  
Entregue um pouco às suas esperanças.  
Mas enquanto entregar não pode tudo  
À pronta execução, às Ninfas manda,  
Que para recrear vossos ouvidos  
Movam da voz as doces consonâncias.  
Manda, que os Cisnes seus ao monte voem,  
Que a doce melodia avaro guarda,  
Porque lisonjeando ao vosso génio,  
O canto afinem, remontando as asas.  
Um deles (talvez por atrevido)  
Chegou do cume excelso às penhas sacras;  
Porque mais que a prudência predomina  
A sorte nas empresas temerárias.  
Eu fui: confesso o crime; porque tenha  
Na confissão a vénia antecipada:  
Eu fui o que subi junto até onde  
O mais alto depósito descansa.

Era um pequeno mármore, que o cofre  
da Trompa mais harmónica, formava;  
Daquela que cantou do Herói Troiano  
A fugida, a piedade, o amor, as armas.  
Quis a pedra volver, por ver se acaso  
O feliz instrumento assim lograva;  
Para vos modular mais dignamente  
As prendas, a virtude, o sangue, as graças.  
Curvando um pé, firmando outro mais longe,  
Ao seixo frio aplico a curva espádua;  
O penedo removo, e me aparece  
Do sacro Vate a Trompa, a Lira, a Frauta.  
Venero os sacros restos, e contemplo  
De um, e outro instrumento a arte sábia:  
Na Frauta as pastoris, na Lira as belas,  
E na Trompa as Heróicas façanhas.  
Depois levo atrevido, e não sem medo  
A sacrílega mão à Trompa clara;  
Mas no meio da acção uma vez rouca  
Me suspende, me assusta, e me embaraça.  
Simples (assim me disse a voz medonha,  
Que saía da gruta solitária)  
Seria a tua empresa mais louvável,  
Se fosse aos teus esforços mensurada:  
Celebrar de Constança o sangue egrégio;  
Que antigo ilustra as veias mais preclaras;  
O Sábio Genitor nos gabinetes;  
E o valente Consorte nas campanhas:  
Referir-lhe as virtudes, em que tanto  
Tem adornado a destruída Pátria;  
O génio com a Música polido,  
As prendas com as artes granjeadas;  
Das suas perfeições assim na cópia  
Engolfar toda a mente arrebatada;  
Hoje fora um dever bem próprio ao culto,  
Que em córeas gentis se lhe prepara:  
Que interpolando o som dos instrumentos  
Parte do obséquio o seu louvor formara;  
E a recitação dos elogios  
Pausa seria da concorde dança.  
A Trompa, que estás vendo, sim seria  
Neste assunto imortal proporcionada;  
Mas que sopro há-de haver, que lhe encha os tubos,  
Se o lábio que a inspirou, ao mundo falta?  
Assim foi pelos bosques de Erimanto  
Do forte Alcides, a pesante maça  
Vencendo um tempo monstros; porém hoje  
Braço não há, que intente manejá-la.  
Calou-se a voz: deixei cair a pedra:  
Deixei do sacro monte a verde falda,

E castigo o meu atrevimento,  
Abato o voo, e fico às vossas plantas.

## CARTA

Snr. ....

Hoje é a primeira vez que ide todo me acometeu a melancolia, motivada primeiramente da complicação dos meus negócios, cujo sistema em um deles está bastantemente crítico: Depois a hipocondria do meu temperamento: o solitário da casa e finalmente (quem tal presumira!) a saudade.

Na saudade, que padeço  
Esmoreço;  
Pois no meu triste retiro  
Nem suspiro,  
Nem ao menos dou um ai.  
Ah! se Nize isto soubera,  
Menos fera,  
Mais constante,  
Mais amante  
Dó teria do meu mal.

Quem seja a senhora Nize, veja Vm. lá: (folhagem) se os esplendorosos raios dos seus olhos não fizeram um metamorfose na sua vista de perspicaz Lince. ... Não disse nada: paciência. Que esta é até'gora a que vai paliando o meu mal, enquanto um récipe de esquecimento mo não acaba de extinguir.

As lembranças de umas glórias,  
Se a recordá-las me ponho,  
Me aparecem, corno em sonho,  
No teatro das memórias:  
Ali das gratas histórias  
Me mostra amor uma cena;  
Mas se nesta ideia amena  
A dar-me um alívio estuda,  
A bela aparência muda,  
E me deixa a triste pena.  
Parece, que a meus ouvidos  
De três belas Divindades  
Chegam mil suavidades  
De Bemóis, e sustentidos:  
Parece os vejo feridos  
Do mais harmónico canto;  
Mas, passando o doce encanto  
Desta aparência contente,  
Depois escuto somente  
O triste som de meu pranto.  
Passa avante Amor inquieto,  
E me mostra a Rapariga,  
Que sacudindo uma estriga  
Me roubou o meu affecto:



Mostra-me depois o aspecto  
Da bela Maria P'reira,  
Que no tempo de solteira  
Nas minhas rapaziadas  
Me obrigou a três jornadas,  
E a fazer mais de uma asneira.  
Mostra-me Anarda também  
Na acção de fazer costura;  
E mostra-me a noite escura  
Do seu mal, e do meu bem:  
Na qual, sem ver-nos alguém,  
Ela a dar ais, e eu calado  
Passei assim bem cansado  
Até junto à madrugada;  
Por sinal não glosei nada  
Em um certo Abadessado.  
Também representa Amor  
A meus olhos magoados  
Os dous braços entroncados  
Da frescalhona Leonor:  
E para maior rigor  
Da ferida renovada  
Me mostra a faca afiada,  
Com que Leonor me feriu,  
Quando o meu descuido a viu  
A fazer uma salada.  
Mostra-me três lavadeiras  
Umas boas, outras fracas,  
Com quem gastei mil patacas  
Ou falsas, ou verdadeiras:  
Mil casadas, e solteiras,  
Em chusma me representa:  
E tirano Amor intenta  
Tanto nisto maltratar-me,  
Que inda para envergonhar-me  
Me recorda a dos quarenta.

Sim Senhor: eis-aí tem Vm. um pedaço da minha vida passada, que espero de Vm. não mostre a olhos masculinos; não só por ofenderem a gravidade Abacial; mas porque estou fazendo isto de repente para me divertir com Vm. da minha melancolia.

Saberá Vm. que quis o meu destino embrulhar-me com uma Senhora de... que despreza os meus rendimentos por mais que lhe proteste a sinceridade deles; por dous motivos; o primeiro por querer guardar lealdade à Senhora D.F. ..., de quem diz ficara presa desde a ocasião, em que ela esteve em... O segundo por entender, que eu estou logrando: a este propósito lhe fiz uma ária; mas falta a solfa: Ei-la aqui =

Não despreze, não, Senhora,  
Esta fé, que lhe prometo,  
Este meu rendido affecto,  
Este meu prostrado amor;

Que este peito é tão constante,  
Quando amante se vê preso,  
Que inda estima o seu desprezo,  
Que inda adora  
O seu rigor.

Temos justo uma partida de galhofa, em que entra Teodoro de Sá, António Peixoto, um Amigo, e este seu criado: porém isto *é passar la vida, y no más*, porque depois das S... dessa Cidade as demais não fazem milagres: e senão, veja Vm. que se há-de esperar de umas Senhoras, que estão dobando à janela; *Ah sacro Dio!* Quando terei eu a ventura de tornar a ouvir cantar uma ária pelas Senhoras ..... Ponha Vm. os nomes, que sabe, aonde estão os pontinhos.

Esta já vai sendo grande; mas ao menos diverti parte da melancolia, *che mi piomba su'l core*. Já a Vm. adverti, que não mostrasse esta, nem ainda aos meus Amigos. Regale-se, coma, beba, durma, descanse, e escreva a miúdo; que eu vou fazer um minuete a uma saudade. Volte Vm., e vejamos, se a própria mágoa me inspira umas tristíssimas cadências.

#### MINUETE

1. Ah não é certo  
Que algum tormento  
Acabamento  
À vida dá

1. Se a dor matasse,  
Eu sem conforto  
Há muito morto  
Seria já.

2. Pois que a saudade,  
Que esta alma chora,  
Inda até gora  
Vivo me traz.

2. Porque a saudade,  
Que o peito sente,  
É mais veemente,  
Que todo o mal.

#### REMATE

Aquele dia  
Deu ver a Nize,  
Saudade diz  
Quando será?

Quando será? Inda não o sei: mas suponho, que para o dia de Ora deixemos bagatelas. Mande-me novas da sua saúde, e as novidades do tempo, etc. ... E mais que tudo mande-me ocasiões, em que eu possa mostrar-lhe que em toda a parte sou

De Vm.  
Am.º  
P.

*A uns abrunhos e rãs que se mandaram a uma Senhora.*

ROMANCE

Dos abrunhos, e das rãs  
Soube o sucesso, Senhora;  
Pois mal se guarda um segredo,  
Que deve encobrir más novas.  
Dizem, que foram as rãs  
Entre os abrunhos envoltas;  
Porque não faltasse à fruta  
Uma bicha tentadora.  
Bem sei, que a comparação  
Não deve passar por boa,  
Por não ser maçãs a fruta,  
Por não ser as bichas cobra:  
Mas contudo sempre em parte  
Com o texto se conforma;  
Pois se a Serpente faltou,  
Entendo, que as Evas sobram.  
Eu conheço algumas delas,  
Que a tentar uma pessoa  
Lhe basta de um só sorriso  
Dar uma pequena mostra:  
Outra só de um volver de olhos  
As vontades aprisiona,  
Sem deixar aos alvedrios  
Mais, que idas prisões a glória:  
Alguma com um suspiro  
Tanto os corações transforma,  
Que uma imagem da saudade  
Nos mais rebeldes coloca:  
Uma faz, que cego o mundo  
Inda os desprezos lhe adora;  
Outra acende com afagos  
Maior incêndio, que em Tróia.  
Enfim por modos diversos  
Males mil nos causam todas,  
Evas tanto mais cruéis,  
Quanto mais têm de formosas.  
Por isso a peça das rãs  
Foi uma bem feita cousa;  
Pois quanto passou de graça,  
Foi de vingança demostra.  
Se vós nos dais o veneno  
Dourado nas graças vossas,  
Foi razão, que entre os abrunhos  
Fosse das rãs a peçonha.  
Mas eu sempre culpo a quem

Compôs da oferta a galhofa;  
Pois foi, para graça, muita,  
E para vingança, pouca.  
Para nos vingar das mágoas,  
Em que uma Dama nos prostra,  
Em vez ide rãs, e de abrunhos,  
Um rosalgar melhor fora.  
Para gracejar um pouco,  
Entre as amantes lisonjas  
Deverão ficar os brincos,  
Sem se chegar às afrontas.  
Quem vos mandou os abrunhos  
Quis-vos dar também a prova  
De não querer mais ameixas  
Do quintal de Dona Rosa.  
Quem as rãs vos enviou  
Bem claramente vos mostra,  
Que do amor o mar sagrado  
Converte em charco, e lagoa.  
Abrunhos é só presente  
Digno duma pobre moça;  
Pois bem que a peça os disfarce,  
Sempre o rústico os desdoura.  
Rãs é cousa peçonhenta,  
Que no limo, e lama engorda;  
E em pouco mais vos estima  
Quem assim convosco zomba.  
Mas torno a dizer: o Amor  
Tem causas bem engenhosas;  
E seria uma fineza  
O que parece vergonha,  
Quis nadar rio mar do affecto  
De algum amante a vanglória  
Que fez? Foi pôr-se na praia,  
Pegou nas rãs, e soltou-as.  
Andaria o tal sujeito  
Nadando em seco até gora;  
E quis ver que gosto tinha  
Mergulhar do amor nas ondas.  
Por isso a dar-lhe desculpa  
Outra vez a pena torna;  
E a lastimar-me de ver-vos  
Cair em tal corriola.  
Queira Deus que se não saiba  
Matéria tão vergonhosa,  
Por não dar assunto às Musas,  
E novas letras à solfa.  
As Freiras desses Conventos,  
As meninas cá de fora,  
Em Coimbra, os Estudantes,

E os Militares nas Tropas,  
Fim Árias, em Minuetes,  
E em outras diversas modas  
Cantariam desta sorte  
A vossa infeliz história =  
Rã, rã, que és tão bonita,  
    Ensina-me a nadar;  
    Pois eu quero buscar  
        No mar  
    A minha dita:  
    Sim, sim  
    No mar de Amor.  
Rã, rã; rim, rim; rou, rou,  
    Que eu vou nadar, que eu vou,  
        Rou, rou,  
Rã, rã, rim, rim, raia, rou,  
    Que eu vou, rou, rou,  
        Nadar, rã, rã,  
No mar do cego Amor.

*A certo Eclesiástico tendo um cravo ao peito.*

DÉCIMA

Tendes o cravo no peito,  
O lugar impróprio é;  
Pois se o tivésseis no pé,  
Era o lugar mais perfeito:  
Não julgueis, que o meu conceito  
Vos faz a menor censura;  
É só com doce brandura,  
E sem vos fazer agravo,  
Dar-vos pancada no cravo,  
Sem tocar na ferradura.

## DÉCIMAS

### MOTE

Todo o mal sente em extremo  
Quem com amante fervor  
Morre em ânsias, e tem zelos  
Vive ausente, e tem amor.

### GLOSA

Quem ama sempre extremoso  
De amor os rigores sente,  
Vendo-se às vezes ausente,  
Chorando-se outras zeloso.  
No seu mal o mais penoso  
Da dor toca o mais supremo:  
Assim na mágoa, em que gemo  
Entre ausências, e ciúmes,  
O meu peito entre deus lumes  
Todo o mal sente em extremo.

Bem sei, que este padecer  
Em todos não é igual;  
Pois só padece este mal,  
Quem com fé sabe querer;  
Quem sabe excessos sofrer,  
Quem pena com nobre dor,  
Quem ama com puro amor,  
Quem com eterna constância,  
Quem com brio, quem com ânsia,  
Quem com amante fervor.

Chora ausente desta sorte  
Dum ciúme a alma ferida;  
Pois sem deixar de ter vida  
Tem da dor no excesso a morte:  
Nesse tormento o mais forte  
Sobe ao auge os seus disvelos:  
E em distintos paralelos  
Da duplicada impiedade,  
Vive ausente, e tem saudade;  
Morre em ânsias, e tem zelos.

Tende pois de mim piedade,  
Ó vós outras Ninfas belas,  
Ou pelo menos aquelas,  
Que de amor fere a crueldade:  
Vede a fera atrocidade

Da minha bárbara dor;  
Pois por dobrar-lhe o rigor,  
Aumentando-lhe a aflição,  
O zeloso coração  
Vive ausente, e tem amor.



## DÉCIMA

Tudo morre, aonde vivo  
Holocausto amor acende;  
E só no peito se prende  
O fogo, que abrasa activo:  
Duro, cruel, e excessivo,  
O amor não perdoa a nada;  
Rompe ao mais a seta irada  
Obrando extrema crueldade;  
Pois é bem morra a vontade,  
Se só vive a prenda amada.

## DÉCIMAS

Dizem, que certa parede,  
Em que se anda a trabalhar,  
Vós a quereis embargar  
Pela luz, que vos impede:  
Mas julgo, que mal se mede  
A causa que vos disvela:  
Vós não tendes razão nela,  
E deixá-la melhor fora;  
Que a luz não vai cá de fora,  
Mas vem da vossa janela.

Esse embargo unicamente  
Nos deve a nós competir;  
Pois nos querem encobrir  
A luz a mais permanente:  
Mas nem a nós competente  
O embargar a obra é;  
Porque todos sabem, que  
Sobe o Sol nos Horizontes;  
E que inda apesar dos montes  
Sempre a clara luz se vê

Enfim digo, que é razão,  
Senhora Stuard bela,  
Fazer à vossa janela  
Um bem grande paredão:  
A vossas iras então  
Talvez que o mundo resista;  
Pois nesta de Amor conquista,  
Onde as almas correm risco,  
A uns olhos de basilisco  
É justo tirar-se a vista.

## OUTAVA

Culpai, Senhora, a sorte, que avarenta  
Em dar os prémios curtos premedita;  
Não culpeis as vontades, onde ostenta  
Amor uma extensão qual infinita.  
Um imenso desejo vos aumenta  
O que o breve de um Claustro vos limita;  
Que o ser o vosso prémio limitado;  
Culpa nossa não foi, mas sim do fado.

## DÉCIMA

Quando Amor em toda a parte  
Mostra o seu poder imenso,  
Nos ares tremula um lenço,  
Que lhe serve de Estandarte.  
Porém desse baluarte,  
Aonde os seus tiros espalha,  
A este costuma falha  
Quando à noute nos flechou;  
Pois o sinal, que mostrou,  
Não foi lenço, foi toalha.

## DÉCIMA

Presidenta da harmonia  
Hoje vos fez o destino;  
Porque lugar tão divino  
Somente a vós competia:  
A aula da melodia  
Assim chegais a ilustrar;  
Pois vossa voz singular,  
Quando no canto se engolfa,  
Dá nova doçura à solfa,  
Dá novo lustre ao lugar.

## VERDADES SINGELAS

Estas verdades singelas,  
Sem artifício, e conceito,  
Pode-as ler qualquer sujeito;  
E se vir que alguma delas  
Lá pela boca lhe toca,

Tape a boca.

Dizer um Senhor Fidalgo,  
Que tem três contos de renda;  
E que gasta uma fazenda  
Só em sustentar um galgo,  
Que todas as lebres mata;

Patarata.

Querer outro Senhora  
Quando tinham seus avós  
Um tu, um você, um vós,  
Somente por cortesia  
Do Cura, ou do Senhorio;

Desvario.

Trazer de luto os criados  
Um Senhor mui reverente;  
E dizer a toda a gente,  
Que gastou três mil cruzados  
De seu Pai no mortuório;

Gabatório.

Andar outro embonecrado,  
Ter amores, ter afectos;  
E depois de ter já Netos,  
Andar ainda namorado,  
Sem se lembrar da velhice;

É tontice.

Dizer um por vários modos  
Que nos seus antepassados  
Tem trinta Reis Coroados  
Do claro sangue dos Godos,  
Que pelas veias lhe gira;

É mentira.

Andar outro corno brasa  
Vendendo soberba a molhos,  
E metendo pelos olhos  
Os brasões da sua casa,  
E de seus avós o foro;

Desaforo.

Andar um para casar,  
Buscando uma entre mil  
Senhora rica, e gentil;  
E entender que há-de achar  
Por cima disso Donzela;

Bagatela.  
insultar sem causa a gente,  
Dar empuxões em quem passa;  
Querer, que lhe façam praça,  
E ser por officio valente,  
Ser carrancudo, e severo;  
Destempero.  
O que consente à mulher  
Andar ria dança aos boléus,  
Escrever a chichisbéus,  
E que lhe deixa fazer  
Fim tudo a sua vontade;  
Vá ser Frade.  
Na de amor louca contenda  
Andar sempre em viva roda;  
Gastar nisto a vida toda,  
O tempo, a vida, a fazenda,  
Depois ficar Pelitrate;  
Disparate.  
O ter sempre a mesa posta,  
Jogar, andar em caçadas,  
Ter Dama, fazer jornadas,  
E nunca tornar resposta  
A quem lhe pede dinheiro;  
Cavalheiro.  
O que tendo filha ou filho,  
Os vê fazer a miúdo,  
Este calção de veludo,  
Aquele rico espartilho,  
E mostra, que não entende;  
Que pretende?  
Sustentar doze cadelas,  
Um caçador, um furão,  
Só por numa ocasião  
Sair ao monte com elas;  
E caçar coelhos poucos;  
É de loucos.  
Ficar um filho segundo  
Sendo da casa embaraço;  
E viver como madraço,  
Com um sossego profundo  
Tocando, fruta, ou viola;  
Mariola.  
A viúva rica e Nobre,  
Que na Igreja muito atenta  
Lança devota água benta  
Do seu marido na cova  
Só com a ponta do dedo,  
Casa cedo.  
A que não conhece o mês,

E que diz que tem catarro,  
Ou é velha, ou come barro;  
Ou algum excesso fez,  
Que a curar lhe leva às vezes  
Nove meses.

A que entende nunca que  
Pode Amor entrar com ela,  
Seja ingrata, seja bela,  
Lá lhe há-de vir a maré,  
Em que caia a formosura  
De Madura.

A Senhora a quem o criado  
Descalça o sapato, e meia,  
Se ela não é muito feia,  
E o moço não for honrado,  
Faz um bucho retrocido  
A seu Marido.

A que tem dores da madre,  
Que remédio aos Mestres pede,  
Que vai ao Padre da Rede,  
Ou toma cedo compadre,  
E acrescenta a gente em casa,  
Ou se casa.

Se não é rica uma Dama,  
E estraga airosa veludos;  
Se acaso os homens sisudos  
Lhe lançam nódoas na fama,  
Pela ver com indecência;  
Paciência.

A que dança de arremesso,  
Que faz versos, e é cortês,  
Que joga, e fala Francês,  
Enfim mulher, que eu conheço,  
Seja clara, seja bela;  
Fugir dela.

A que lê livros de Amores,  
Que sabe deitar um mote,  
Que estraga holandas a cote,  
Que faz cortejo aos Senhores;  
Se por milagre é Donzela;  
Ter mão nela.

Sair sem causa da terra,  
Ir vagar pelas estranhas,  
Ir por vontade às campanhas,  
E trazer sempre na guerra  
Pendente a vida de um fio;  
Desvario.

Ser de Damas Confessor,  
E ser Cónego em Sé vaga,  
E ter quem lhe cure a chaga



Do tirano e cego amor  
Lá muito pela escondida;  
Boa vida.  
Servir a El-Rei toda a vida,  
E depois em recompensa  
Ter trinta mil reis de tença,  
Que é somente recebida  
Lá no cabo da velhice;  
Parvoíce.  
Trazer títulos de Roma,  
Sem primeiro ver que gaste,  
E ser Bispo de Tagaste,  
Sem ter já rendas que conta,  
Pagar Bula, e Gabela;  
Bagatela.  
Uma Fidalga noviça,  
Que quer com grande insolência,  
Ser tratada de Excelência  
Com chinelas de cortiça,  
E manto de tafetá;  
Arre lá.  
Jogar de abono, e perder,  
E não ter com que pagar;  
Ter amor, e ver mudar  
A Dama que bem se quer,  
E não ter lenha no Inverno,  
É inferno.  
Ministro que lê Descartes  
Em vez de ler por Temudo,  
Ou que faz na solfa estudo  
Mais, que nos feitos das Partes,  
Está mui bem premiado  
Aposentado.  
No que tem Filhas bonitas,  
E no dia de seus anos  
Consente, que alguns manos  
Lhe façam não só visitas,  
Mas também algum calote,  
Bom chicote.  
A que bebe sem vergonha,  
Que toma tabaco, e dança,  
Que do jogo não se cansa,  
Que é toda guapa, e risonha,  
Se por milagre é Donzela;  
Ter mão nela.  
Ser Bispo sem jur'sdição,  
Capitão de Auxiliares,  
Cadete nos Militares,  
Cavalheiro de Esporão,  
E casar-se na velhice;

Parvoíce.

O que passeia montado  
O Sobre rocim muito podre,  
Com xairel de pele de odre;  
Com teliz esfarrapado,  
E laçao de capote;

Dom Quixote.

A que tem um só amante  
E lhe manda a consoada;  
E se o vê fazer jornada,  
Nunca mais sobe ao mirante,  
Pelo respeitar ausente;

É inocente.

Ver uma Dama, noviça,  
Querer ela ser Senhora,  
Tendo vindo de Pastora,  
Que de alguém o affecto atença,  
Só por ter quem a sustente;

Não é gente.

Ver andar de ceia em ceia.  
Alguns, que aqui não nomeio,  
Ir ao jogo, ir ao passeio,  
E pretenderem que eu creia,  
Que vão só tomar café;

Não bofé.

Naquela que anda em carroça,  
E pretende Senhoria,  
Sem se lembrar que algum dia  
Andava seu pai de crossa,  
E sua Mãe de tamanca,

Boa tranca.

Letrado que atrasa a causa  
Com mil enredos astutos,  
Que lê feitos circumductos,  
E se passeia com pausa,  
Falando só no Escritório;

Farelório.

Mercador que faz rebates  
Depois de casar as filhas,  
Que manda Navio às Ilhas,  
E não paga aos calafates  
Senão depois de citado;

Tem quebrado.

O que nega a mão direita  
A todo o Clérigo, e Frade,  
E o que por mais vaidade  
A Senhoria lhe aceita,  
E lhe fala impessoal;

Animal.

O que namora a mulher

Na Igreja, ou no Camarote;  
E que a deixar dar um mote  
Em noite de baile, e quer  
Que aos mais pareça discreta,  
É pateta.

O que vai sempre ao café,  
Que traz papéis no cabelo,  
Que dá muito ao cotovelo,  
E que em passo de cupé,  
Caminha pelo ladrilho;  
Peralvilho.

Se às vezes traz a verdade  
Algum dissabor consigo,  
Aquele, que das que digo  
Não mostrar nunca vontade,  
Tenha ao menos por prudência  
Paciência.

*Nos Desposórios do Sr. Teotónio Manuel de Magalhães e Azevedo, Fidalgo da Casa de Sua Majestade, etc., com a Excelentíssima Senhora D. Mécia Pereira de Castro e Lira.*

#### ROMANCE HENDECASSÍLABO

De Teotónio, e Mécia o sacro enleio  
Pretendi celebrar: que glória tanta,  
Como fora de mim, do Pindo ao cume  
Nas asas do desejo me elevava.  
É verdade, que um resto de discurso  
Me fazia abater a confiança;  
Porque até no fervor do entusiasmo  
Penetram da razão as luzes claras.  
A grandeza do assunto, o limitado  
Do meu débil engenho ponderava;  
Mas julguei, que talvez um sucesso  
Pendia de uma empresa temerária;  
Sigo o primeiro impulso: o Nume invoco:  
Movo a voz: tento a Lira: afino as pausas:  
Mas tudo enrouqueceu, tudo foi rude,  
O som na Lira, as vozes na garganta.  
Do rebelde instrumento em modos vários  
Vibrei, mas sempre em vão, as cordas baixas;  
Porque não pude (e porfiei bastante)  
Afinar-lhe do toque as consonâncias:  
Enfim cansei-me. O sono que ao trabalho  
Docemente sucede, me avassala;  
Que para resistir aos seus ataques  
São pequenos redutos as pestanas.  
Mas apenas cerrado os olhos tinha,  
Quando da fantasia as sombras vagas  
Me vem desinquietar; que até dormindo  
Quem sente algum cuidado não descansa:  
E à maneira do intrépido soldado,  
Que se pulsou de dia as ígneas armas,  
Inda de noite em sonhos lhe parece,  
Que escuta o das hórridas bombardas:  
Assim me aconteceu: sonhei no mesmo,  
Que o discurso desperto meditava;  
E tratando na ideia o grande assunto,  
Juntava ao verso harmónicas palavras.  
Mas inda até sonhando vi, que a Lira  
Rebelde sempre a voz desafinava;  
Porque quando os empenhos são tão altos  
Inda em sonhos a sorte os embaraça.  
Ah! bárbaro instrumento, disse irado,  
Tu na empresa maior me desamparas?  
Tu quando de Teotónio canto as glórias,

No côncavo sonoro a voz embargas?  
Acabarás assim, cítara infame,  
Às mãos do meu furor despedaçada;  
Se apesar dos afagos, que me deves  
Me deixas hoje, nunca tanto ingrata.  
Disse: e contra um penedo arrebatado  
Movo o braço na acção de espedaçá-la:  
Mas antes de que o golpe executasse  
De uma Musa gentil a voz me atalha.  
Louco, tem mão: que fazes? Grita a Deusa:  
Esse instrumento somente desmaia  
Na grandeza do assunto: o seu silêncio,  
Em vez de culpa, um mérito lhe lavra:  
Quando é débil a voz para os aplausos,  
Maior obséquio faz, se atenta cala;  
Que ao menos a demência mover pode  
A confissão modesta da ignorância.  
Louco mil vezes tu; porque devias  
Antes de entrar na empresa meditá-la;  
Que os acertos são filhos dos acasos,  
Quando a prudência nos projectos falta:  
Quem pretende subir às eminências,  
Deve as asas tentar, deve ensaiá-las;  
Pois nem sempre a fortuna aos temerários  
Nos seus atrevimentos acompanha.  
Se tu dos felicíssimos Esposos  
(A Deusa continua) procuraras,  
Felicitar devoto a firme glória,  
O sagrado Himeneu, a Ilustre casa;  
Devias ponderar, que dessa glória  
Mil créditos espera alegre a Pátria  
Na série de uns heróis, que ao grande Tronco  
Hão-de aumentar bem cedo a egrégia Rama.  
Que se não-de ver em numerosa Prole  
Sucederem acções hereditárias  
De uns Avós, que inda agora a Fama os louva,  
O valor, as virtudes, as façanhas.  
Devias recordar-te, que dos grandes  
Meneses, Magalhães, Castros, e Laras  
Descende o sangue Ilustre, que nas veias  
Dos sublimes Esposos se dilata:  
Que de uma, e de outra parte o grande Nuno  
Ilustra dos Pereiras a Prosápia:  
E que as Águias dos claros Azevedos  
Lhes coroam do Escudo as nobres Aspas.  
Devias... Mas em vão quero explicar-te  
Da sublime Ascendência a série larga;  
Se apenas no volume das Histórias  
De tão altos brasões cabe a lembrança.  
De um, e doutro consorte enfim devias

Contemplar a virtude, e as prendas raras;  
Por ser um novo esmalte, que os adorna,  
Mais devido à cultura, que às heranças.  
Devem-se os timbres, devem-se as riquezas  
Da Deusa cega à pérfida inconsciência;  
Mas a prática nobre da virtude  
É devida somente às grandes almas.  
Tal se ostenta em Teotónio um génio afável  
Um valor com prudência: uma entranhas  
Cheias só de piedade, umas mãos rotas,  
Que abertas quanto mais, mais agasalham.  
Tal se mostra em Mécia uma beleza,  
Que parece, que a Vénus, Juno e Palas,  
Só para as melhorar, roubou sem crime  
De umas as perfeições, doutras as graças.  
Se tudo (continua a Deusa ainda)  
Quanto aqui te pondero é breve mapa,  
Igual àqueles, aonde do Oceano  
Se reduzem a pontos as campanhas:  
Como, simples, te engolfas, como intentas  
Surcar um grande mar com frágil barca;  
Sem ver que de atrevidos navegantes  
Cobrem despojos míseros as praias?  
Deixa pois, pobre Aluno, a grande empresa,  
A que um louco desejo te arrebatava:  
Abate o voo, e basta-te, somente,  
Que o lábio estampes do degrau das aras.  
Pequeno embora seja o teu obséquio:  
Porém como de um puro afecto saia,  
A comprida extensão de uma vontade  
Pode suprir das vítimas a falta.  
Que o louro favo, ou cândido cordeiro  
Que aos Deuses o pastor fiel consagra,  
Talvez lhes são mais gratos, que os aromas,  
Que avaro mercador conduz da Arábia.  
Deixa pois, outra vez to recomendo,  
Se a tanto peso encurvas as espáduas,  
A glória desse assunto para os vivos,  
O nome dos Heróis para as estampas.  
Basta-te só de Amor em breve metro  
Cantar as flechas da luzente aljava,  
Sem, que por isso intentes temerário  
De um sagrado Himeneu tratar as chamas.  
Mas não quebres a Lira; cujo toque,  
Se reverente agora se acobarda,  
Te soube abrir um tempo enternecida  
Em duros corações feliz estrada.  
Celebra a tua Anar..... Sorriu-se a Musa  
Antes de proferir de todo Anarda;  
E ao som daquele nome acordo, e vejo,

Que somente era sonho o que passava.  
Mas bem que delirasse a fantasia,  
Reconheci, que a Deusa me inspirava;  
Porque tão concertados documentos  
Tinham mais, que em Morfeu suprema causa.  
Segui-lhe os seus preceitos; e tirando  
Tão somente da Lira uma voz branda,  
De um fiel parabém aos votos puros  
Reduzi tudo quanto meditava.

## AO NATAL

Que será, que todo alegre  
O coração me palpita?  
Eu não sei; mas grandes glórias  
Certamente me adivinha.  
Quem diz, que a esperança alenta,  
Nunca teve afecto fino;  
Senão veja o que me custa  
Esperar o meu Querido.  
Inda agora, pois que espero,  
inda agora estou sentindo;  
Porque as horas da esperança  
São idades de martírios.  
Mas se Amor me não engana,  
Já me alegam os indícios;  
Pois quando a esperança aflige,  
O termo lhe traz alívios.  
O coração feiticeiro  
Já cá me diz ao ouvido,  
Que esta noite à meia noite  
Se há-de ver o Sol Divino.  
Diz Amor, que adere, e espere,  
Que o desejo está cumprido;  
Que esta noite o Bem, que espero,  
Há-de vir amante fino.  
Ninguém me dá por piedade  
Notícias do Bem, que espero?  
Que ansiosa, que sentida,  
Que perdida estou por vê-lo?  
Se alguém sabe aonde agora  
O meu Bem se está detendo;  
Tenha dó de mim, que amante  
O procuro, e o não vejo.  
Mas ah! ninguém me responde;  
Ninguém sabe do meu Belo:  
É costume da esperança,  
Dilatar sempre os desejos.  
Porventura o meu Querido  
Andará pelos desertos?  
Pois hoje quem quer constâncias  
As acha só nos rochedos.  
Talvez que entre as ondas ande,  
Como fez em outro tempo,  
Não para dilúvios de águas,  
Mas para enchentes de afectos.  
Quem soubera aonde estava  
O meu lindo, o meu pequeno!  
Faria Amor nas distâncias



Mais crescidos os excessos.

Mas o coração se alegra  
Talvez por ser feiticeiro;  
Pois me diz, que o meu Querido  
Já daqui está bem perto.

Diz, que como amante chega,  
As sombras virá rompendo;  
Porque Amor sempre costuma  
Fazer de noite os extremos.

Ó vós, que o meu Belo  
Com ânsia, e disvelo  
Nascido buscais:

Passinho de manso,  
Que em doce descanso  
Dormindo ali está.

Dormindo está gora  
Nos braços da Aurora  
Um Sol imortal:  
Mas brilha dormindo;  
Pois sempre luzindo  
Fulgores nos dá.

Se vindes amantes,  
Buscá-lo constantes,  
Que acorde esperai:  
Deixai; pois em tanto  
Alívio do pranto  
O sono lhe traz.

Não chora imagino,  
Que dorme o Menino,  
Pois cessa o seu mal;  
Deixai, que descanse,  
Porque se não canse  
Com tanto penar.

Mas ah! que a um amante,  
Se adora constante,  
Descanso não há.  
Que às penas conforme  
Quem ama não dorme,  
Se sabe adorar.

Já chora, já pena;  
Que Amor já lhe ordena,  
Que amante dê ais:  
Sossego não sente  
Um tenro inocente,  
Que adora leal.

## SONADA

Chorai, Belo Infante;  
Que é timbre de amante  
Sentir, e penar.  
    Chorai; pois quem chora  
    Minora o seu mal.  
Chorai, doce Encanto,  
Que a mágoa, que o pranto  
De amor é sinal.  
    Chorai; pois etc.  
Chorai; meu Querido,  
De afectos ferido,  
Vertendo cristais.  
    Chorai; pois etc.  
Se a mágoas sujeito  
Está vosso peito  
No excesso de amar:  
    Chorai; pois etc.  
Se vós por Menino,  
Por terno, por fino  
Calado penais:  
    Chorai; pois etc.  
Se a voz dos afectos  
Em óleos discretos  
Se sabe explicar;  
    Chorai; pois etc.  
Chorai, doce vida  
E da alma ferida  
Dous rios formai.  
    Chorai; pois etc.  
Se da alma o retiro  
Somente um suspiro  
O pode mostrar;  
    Chorai; pois etc.  
Chorai, pois que a queixa  
Somente vos deixa  
As vozes dos ais.  
    Chorai; pois etc.  
Se acaso, meu Belo,  
De amor o disvelo  
Calado vos faz;  
    Chorai; pois etc.  
Chorai; porque as fráguas  
Nem sempre nas águas  
Se vão apagar.  
    Chorai; pois etc.  
Se a frase de um triste  
Nas vozes consiste,

Que o pranto lhe dá;  
Chorai; pois etc.

## LETRA

Meu querido, entre a neve  
T'ritando estais:  
Mas ardendo entre afectos  
Vos abrasais.

Arder, t'ritar  
Entre a neve, entre afectos  
Amor vos faz.

Vossos olhos desfeitos  
Vejo em cristais:  
Mas o peito nas chamas  
Vejo abrasar.

Arder, t'ritar  
Entre o fogo, entre o pranto  
Amor vos faz.

De frio estais t'ritando,  
Ardendo estais de amor.  
T'ritar, arder  
Meu Bem, se vê,  
Somente em Vós.

Que frio, meu Lindo,  
Que chamas, meu Belo,  
Vos causam as neves,  
Vos move o afecto!  
Ah! meu Pequeno,  
Amor vos faz  
Com tal disvelo  
Arder, t'ritar.

## SONADA

Que excesso, meus Amores,  
Padecer assim vos faz?

Que padeço,  
Que esmoreço.

De vos ver assim penar. Tende dó,  
Belo Amor, do que penais:

Se é fineza o lacrimares,  
Sim., chorai, mas devagar;

E de extremo  
Tão supremo

Não sejais tão liberal.

Tende etc.

É o pranto, meu Querido,  
Um indício do que amais;

Que o chorares,  
Que o penares

É de amar firme sinal.

Tende etc.

Se as ponhas, meus Amores,  
Com suspiros abrandais;

Qual o peito,  
Que desfeito

Em piedades não será?

Tende etc.

Mas ah! que o mundo ingrato  
Não merece excesso tal;

Que os favores  
Com rigores

Costuma recompensar.

Tende etc.

Que efeitos tão contrários  
Entre os homens, e Vós há!

Vós amante,  
Mas errante;

Sempre o mundo desleal!

Tende etc.

## LETRAS

Vós chorais, Divino Infante?  
É sinal, que amante sois;  
Porque a todos os tormentos  
Quem sabe amar se entregou.

Se Amor obriga a tanto;  
É bem tirano Amor!

Dessas lágrimas bem vejo,  
Que o affecto a causa foi;  
Porque Amor, que aos olhos chega,  
Nunca bem se disfarçou.

Se Amor etc.

Nesse vosso pranto belo  
Tal excesso Amor formou,  
Que por dar mais lustre às penas,  
Nelas, toda a glória pôs.

Se Amor, etc.

Pode haver quem sentir saiba  
Dos tormentos o rigor;  
Mas formar a glória deles  
O sabeis somente Vós.

Se Amor etc.

Padeceis a maior pena,  
Que Amor cruel inventou;  
Porque o mundo ingrato sempre  
Desse pranto não tem dó.

Se Amor etc.

Padecer correspondido  
Fizera a pena menor;  
Porém amar com agravos  
Extremo divino é só.

Se Amor etc.

É no amar o vosso excesso  
Tão singular, que apostou  
Recompensar tiranias  
Com a fineza maior.

Se Amor etc.

Tão barbar'mente o mundo  
Vossas lágrimas causou,  
Que vos faz sentir a pena,  
Quando a culpa a temos nós.

Se Amor etc.

Não choreis; meu belo Infante,  
Não choreis, será melhor,  
Que se veja em nós o pranto,  
Que se veja o riso em Vós.

Se Amor etc.

Não choreis, não, não, Querido,

Aumentando a vossa dor;  
Porque dá infausto anúncio  
Vir com lágrimas o Sol.

Se Amor etc.

Mas, meu Bom, se o vosso pranto  
É de amor puro crisol;  
Derramai os cristais belos,  
Temperando o activo ardor,

Se Amor etc.

Chorai pois; e veja o mundo  
Nesse pranto o que alcançou:  
Se a fineza tão imensa  
O Pode o mundo dar valor.

Se Amor etc.

## ÁRIA A SOLO

### I. PARTE

Chorais, Divino Infante;  
Se mostra o mundo in:grato:  
Que lágrimas, que pranto!  
Que bárbaro rigor!

### II. PARTE.

Nos homens tudo agravos;  
Em Vós tudo é fineza:  
Que pérfida dureza!  
Que grande, e fino Amor!



**O POMO DE OURO**  
*ou*  
**O MÉRITO PREMIADO**

**Drama**

Para se representar na eleição  
da Preclaríssima Senhora  
D. Leonor do Cenáculo de Almeida Carvalhais

ARGUMENTO.

Vénus, amante dos Portugueses conduziu à índia, e amparou os Heróis daquela navegação; entre os quais foram, como diz Camões, os temidos

*Almeidas por quem sempre o Tejo chora.*

Como a Senhora D. Leonor do Cenáculo de Almeida e Carvalhais, é ilustre ramo destes preclaros Ascendentes; se finge, que a Deusa no dia dos seus festejos quer também concorrer com a oferta de um pomo de ouro, que já foi prémio da sua beleza. O resto faz a composição, e ornato do presente Drama.

ADVERTÊNCIA.

A Cena é ao pé do monte Atlante. A primeira mutação é de praia de mar com vista ao longe do jardim das Hespérides. A segunda é do dito jardim das Hespérides, que será composto de árvores as mais luzentes, que possa ser, para o que devem ser douradas; uma das quais terá o pomo de ouro, donde se há-de colher o que se oferecer à nova Prelada.

Não são necessárias outras Cenas mais que as de uns ramos dourados com cousas aparentes, de uns dos quais se há-de cortar o pomo.

## INTERLOCUTORES.

VÉNUS Amante de Adónis.  
MARTE Amante de Vénus.  
ADÓNIS Amante de Vénus.  
HESPERTUSA Filha de Héspero, amante de Alcido.  
ALCIDO Amante de Hespertusa.  
HÉSPERO Rei da Etiópia, Pai das Hespérides.  
SEGREDO Confidente de Vénus e Adónis.

As três GRAÇAS, duas GUARDAS, e alguns AMORES.

## PRIMEIRA PARTE.

*Praia do mar nas fraldas do monte Atlante: e perspectiva do jardim, e palácio das Hespérides.*

### CENA I.

*Os Amores brincando; as três Graças cantando.*

GRAC. I. Ó bela Vénus.  
Mãe dos Amores,  
Os teus primores  
Ostenta já.<sup>9</sup>

GRAC. II. Ó bela Vénus,  
Que tudo enlaças,  
Mais lustre às graças  
Hoje lhes dá.

GRAC. III. Prepara, ó Vénus,  
O teu tesouro;  
Que o pomo de ouro  
Vencido está.

GRAC. I. LEONOR somente  
Prémio tão belo  
Ao teu disvelo  
Merecerá.

GRAC. II. Qual Palas sábia,

---

<sup>9</sup> Repetem todas a Quadra.

Qual Juno Augusta,  
Prudente, e justa  
Governará.

GRAC. III. Das Graças todas  
Como tesouro,  
O prêmio de Ouro  
Alcançará.

TODAS. Ó bela Vénus,  
Mãe dos Amores,  
Os teus primores  
Ostenta já.

GRAC. I. O bela. etc.

## CENA II.

*Vénus e Adónis.*

VEN. Basta: o sonoro canto  
Suspendei por um pouco, ó Graças belas:  
E vós, Filhos gentis, ide com elas  
Brincar na areia mole,  
Alegres apanhando  
As conchas retrocidas;  
Se mais vos não recreia  
Ir nas asas do vento  
Algum peito alastrar de amor isento.<sup>10</sup>  
E tu, querido Adónis,  
Doce prenda desta alma,  
Ao menos por um pouco  
Longe do irado Marte  
Vem ter na minha glória a melhor parte.

ADÓNIS.

Ah, Vénus bela! ah sempre  
Apetecido encanto!  
Quanto te devo, e quanto!  
Não bastava, querida,  
Fazer-me possuidor dos teus afagos?  
Que é tudo quanto pode  
Dar a fortuna ao mais feliz amante:  
Mas pões-me à vista objecto tão brilhante!  
Dize-me (e não me tenhas

---

<sup>10</sup> Partem os Amores, e Graças.

Por mais tempo indeciso)<sup>11</sup>  
Dize-me: estas areias  
No brilhante metal, de que estão cheias,  
São trazidas do Ganges?  
São do Paictolo acaso?  
Ou são acaso do soberbo Tejo?  
Ouro puro, Querida, é quanto vejo.  
Dize-me: aquele bosque,<sup>12</sup>  
Que acolá se divisa,  
É porventura aonde o Sol luzente  
Se retira, depois da sesta ardente?  
Pois tanta cópia de ouro  
Só pode vir a ser do Sol tesouro.

VÉNUS.

Estas praias, Adónis,  
Não são as que imaginas;  
Mas são de Atlante as preciosas minas.  
Das Hespérides sábias  
É cultura o jardim, que vês atento.  
Ali guarda um Dragão naquela planta<sup>13</sup>  
Os pomos reluzentes  
Companheiros daquele,  
Que premiou a minha gentileza.

ADÓNIS.

Nunca esperei de ver tanta riqueza!

VÉNUS.

Héspero, que as Esferas  
Sabe douto medir; é das três filhas  
O claro genitor: o Régio dono  
De raridade tanta,  
Que hoje aqui me conduz, que a ti te espanta.

ADÓNIS.

Mostrar-me não podias  
Ao depois do teu doce, e lindo aspecto  
Outro mais grande, e mais luzido objecto.

VÉNUS.

---

<sup>11</sup> Olhando admirado para o fundo do teatro, que há-de ser um bosque todo dourado, e o mais brilhante, que se possa fingir.

<sup>12</sup> Olhando para o bosque.

<sup>13</sup> Aponta para onde está a árvore, que tem o pomo, e ramo, que se há-de oferecer.

Mostrar-te determino  
Outro maior ainda,  
Quando a Leonor preclara  
For levar por tributo  
Da planta, que ali vês, o belo fruto.

ADÓNIS.

Tu queres, cara prenda,  
Obrando excessos tais, que eu não me encontre,  
No mar de teus favores submergido,  
Na luz dos teus fulgores desinquieta,  
Expressão, que me mostre agradecido;  
Recompensa, que baste a tanto afecto.

ÁRIA.

Se acabar por ti, Querida,  
Fora prémio a tal fineza,  
Eu te dera hoje a certeza  
De morrer por ti fiel.  
Mas se perco amando a vida,  
Inda lucro, e não te pago;  
Pois mais val' um teu afago,  
Do que a morte mais cruel.

VÉNUS.

Basta: sei, que me adoras:  
Deixa os extremos teus; que agora é tempo,  
Que eu vá eia rica planta  
Empobrecer os ramos,  
Para colher-lhe um pomo,  
Que seja de Leonor um prémio justo:  
Se pode premiar-se um peito augusto.  
Mas intento primeiro  
Valer-me de Hespertusa,  
Uma das Ninfas sábias,  
Que guarda esse jardim; porque adormeça  
A serpe vigilante,  
Que enroscada na planta radiante  
Guarda a luzente fruta:  
Mas ei-la acolá vem atende, e escuta.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Olhando para a parte por onde vem Hespertusa.

CENA III.

*Hespertusa, e os mesmos.*

HESPERTUSA.

Deusa do Céu terceiro,  
Mãe bela dos Amores,  
Das plantas produtora,  
Dos brutos incentivo,  
Universal enleio,  
Dos Deuses glória, e dos mortais recreio;  
Que caso tão feliz, te trouxe aonde  
Este oculto tesouro às mais se esconde?

VÉNUS.

Bela Hespertusa, o caso,  
Que agora me conduz sobre estas praias,  
Certamente é feliz: Tu não ignoras  
Que da excelsa Leonor são os Almeidas  
Preclaros Ascendentes;  
Que fortes, que temidos, que valentes...

CENA IV.

*Segredo, e os mais.*

SEGREDO.

Senhora...

VÉNUS.

Que tens, Segredo?

SEGREDO.

Tenho Senhora

VÉNUS.

Acaba

SEGREDO.

Tenho medo.

ADÓNIS.

De quê?

SEGREDO.

De que há-de ser? De uma fantasma.

HESPERTUSA.

É cousa, de que um sábio se não pasma.  
E sendo tu Segredo por discreto,  
É muito, que te pasme um vão projecto.

SEGREDO.

Não é vão, é real; e tão medonho,  
Que até de nomeá-lo me envergonho.

VÉNUS.

São disparates teus, Cala-te, ou parte.

SEGREDO.

Sim, não hei-de ter medo, vendo a Marte?<sup>15</sup>

ADÓNIS.

Quem?

SEGREDO.

Marte, *idem per idem*.

---

<sup>15</sup> Em acção de partir.

VÉNUS.

Pobre de ti, querido,  
Se Marte nos encontra!  
E mísera de mim, que do teu risco  
A causa infeliz sou!

ADÓNIS.

Não te entristeças  
Da minha adversa sorte;  
Porque sendo por ti, me é doce a morte.

VÉNUS.

Ah! não fales assim, que me atormentas.

SEGREDO.

Adeus; porque não quero  
Ser triste testemunha  
Dos furores cruéis do Deus da guerra.

VÉNUS.

Vê se podes sustê-lo algum momento;<sup>16</sup>  
Que eu logo também parto,  
Para ver se o retiro  
Com um falso suspiro  
Com um fingido affecto,  
Com um sorriso inquieto,  
Com um favor escasso.  
E se mais não puder, com um abraço.

SEGREDO.

Fiem-se lá das belas,  
Que até sabem fingir as mais singelas.<sup>17</sup>

VÉNUS.

---

<sup>16</sup> Para Segredo.

<sup>17</sup> Vai-se.



Tu, discreta Hespertusa,  
Para dar mais calor ao nosso engano,  
Fica; e finge-te ser do belo Adónis  
Amante enternecida:  
Que eu vou correndo, ó vida,<sup>18</sup>  
Mostrar por teu respeito  
Cheio de um falso amor o inquieto peito.

ADÓNIS.

E quem sabe, meu bem, se essas ternuras  
Falsas, e lisonjeiras,  
Em meu dano se façam verdadeiras?

VÉNUS.

Vida, não tenhas susto;  
Que esta alma só por ti sente, e suspira;  
E o que a Marte disser tudo é mentira.

ÁRIA.

Só por ti morro,  
Adónis belo,  
O meu disvelo  
Por ti só é.  
Se a língua afagos  
Promete a Marte,  
A ti de amar-te  
Promete a fé.  
Fica seguro;  
Porque constante  
Meu peito amante  
Sempre hás-de ver.<sup>19</sup>

ADÓNIS.

Foi-se o meu bem, que pena!

HESPERTUSA.

Não te aflijas, pastor afortunado;  
Pois eu também adoro,

---

<sup>18</sup> Para Adónis.

<sup>19</sup> Vai-se.

E ausente do meu bem nem sempre choro.

ADÓNIS.

Quem diz que viver pôde  
Do que adora distante,  
Ou não diz o que sente, ou não é amante.

HESPERTUSA.

Mas é preciso às vezes  
Mostrar alegre o recomposto aspecto,  
E sentir na alma um bem contrário affecto.  
Mas ah! Porque se me não a vista engana,<sup>20</sup>  
A vista cintilante,  
E de iras o bélico semblante,  
Marte a nós se avizinha.

ADÓNIS.

Decide agora o Céu da sorte minha.

HESPERTUSA.

Serena-te; não temas:  
E ponhamos em uso  
O meditado engano;  
Que às vezes tem remédio o maior dano.

CENA V.

*Marte, Alcido ao pano, e os ditos.*

MARTE.

Belos habitadores  
Desta luzente praia,  
Dizei-me cortesmente  
Onde se oculta a Deusa dos amores:  
Quando não de outra sorte,  
Sentireis os furores,  
As iras, e os estragos de Mavorte.

---

<sup>20</sup> Reparando por onde há-de sair Marte.

HESPERTUSA.

Há pouco ouvi das Graças  
Uma silva sonora,  
Que faziam à Deusa da Beleza.

MARTE.

Porém disse-me aonde  
Vénus gentil a sua luz esconde?

ADÓNIS.

Junto daquela planta,  
Que tanto à vista avulta,  
A Deusa bela o seu fulgor oculta.

MARTE.

Na face, e no vestido  
Peregrino pareces nestas praias.<sup>21</sup>

ADÓNIS.

Fénicio sou: por nome tenho Elmiro.

MARTE.

Mas dize-me; te rogo,  
Que motivo te traz da pátria ausente?

ADÓNIS.

Um destino inclemente:  
Mas aqui na beleza de Hespertusa  
Encontro quanto a sorte me recusa.

ALCIDO.

(Que escuto?)...<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Para Adónis.

<sup>22</sup> À parte.

HESPERTUSA.

E no meu peito  
Amor igual ferida me tem feito.

MARTE.

Ó Ninfa afortunada!  
Õ venturoso amante!

ALCIDO.

(Ó Princesa cruel, dama inconstante!)

ADÓNIS.

Entre nós os momentos  
Se passam docemente  
Em doce paz, em plácido retiro.

MARTE.

Afortunado Elmiro!

HESPERTUSA.

Somente o teu semblante  
De ódios, e de iras cheio  
Perturbar pode agora o nosso enleio;  
Que teme o teu furor; mas não o acusa.

ALCIDO.

(Infiel Hespertusa!)

MARTE.

Vivei fieis amantes:  
Vivei em paz segura;  
Pois eu também ferido  
Dos tiros de um amor o mais ardente,

Zeloso, e desinquiado,  
Invejo, e não perturbo o vosso afecto.

ÁRIA.

Invejo em dons amantes  
A paz, que não possuo:  
Invejo, e não destruo  
O seu constante ardor.  
As armas fulminantes  
Entre os Heróis emprego,  
E em plácido sossego  
Deixo os Heróis de amor.<sup>23</sup>

ADÓNIS.

Adeus, que eu deste encontro  
Vou dar aviso a Vénus.<sup>24</sup>

ALCIDO.

Já que enganado estou, vingado amenos...<sup>25</sup>

HESPERTUSA.

Detém-te, Alcido: espera.<sup>26</sup>

ALCIDO.

Deixa-me ingrata, deixa...

HESPERTUSA.

Agora é sem motivo a tua queixa.

ALCIDO.

É sem motivo, 6 falsa?

---

<sup>23</sup> Vai-se.

<sup>24</sup> Vai-se por diversa saída à de Marte.

<sup>25</sup> Puxa pela espada.

<sup>26</sup> Detendo-o.

Eu não te ouvi (que pena!)  
Eu não vi, que de Elmiro...  
Amante<sup>27</sup>... Espera... Foi-se? ah que eu deliro!<sup>28</sup>

HESPERTUSA.

Sossega um pouco, ó vida.

ALCIDO.

Ah bárbara! ah cruel! ah fementida!<sup>29</sup>

#### CENA VI.

*Héspero, e os ditos.*

HÉSPERO.

De Gentes Estrangeiras  
Vejo cheias, 6 filha, estas ribeiras;  
E cuidadoso venho  
Mas como Alcido aqui? como iracundo<sup>30</sup>  
Com a luzente espada  
Em acto de ferir? Dei-te licença  
De pretender humilde  
Aquela mão negada  
A mil outros amantes: tu soberbo  
Com iras, com furores  
Pretendes conquistar os seus favores?  
Contemplo nessa espada,  
Contra um peito gentil enfurecida:  
Na tua vista vejo  
Irada, e cintilante  
Uma nova invenção de ser amante.

HESPERTUSA.

Senhor, sem culpa Alcido;  
E sem delito meu .....<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> Confuso.

<sup>28</sup> Atónito

<sup>29</sup> Arrebatado.

<sup>30</sup> Irado e colérico.

<sup>31</sup> Com humildade.

HÉSPERO.

Queres, ó filha, Depois de tal ofensa  
Alcançar-lhe um perdão em recompensa?

ALCIDO.

Atende-me, Senhor, depois me acusa.  
Héspero sábio, a gente,  
Que viste nestas praias,  
Vem a roubar-te os pomos de ouro puros.  
Entre os mais um mancebo de Fenícia,  
Não só pretende infame  
Despojar-te o jardim dos áureos frutos;  
Mas também quer roubar-me,  
E com feliz sucesso,  
O coração ingrato de Hespertusa;  
Considera, Senhor, depois me acusa.

ÁRIA.

Com este ferro agudo,  
Vibrando sem desdouro;  
Guardava o teu tesouro,  
Vingava o meu amor.  
Mas já perdido tudo  
Quanto de amável tinha;  
Já busca esta bainha,  
Já cede ao teu furor.<sup>32</sup>

HÉSPERO.

Dize-me, ingrata filha,  
Deste modo soubeste  
Guardar os dois depósitos sublimes,  
Que pus eu em teu poder? O meu tesouro  
Abandonado a gentes estrangeiras!  
As promessas, que fiz ao nobre Alcido  
Por incógnito amante  
Desfeitas, ultrajadas,  
E enfim da honra as santas leis quebradas!

HESPERTUSA.

---

<sup>32</sup> Vai-se.

Pai, Rei, e Senhor meu, sem me atenderes,  
Não me deves culpar.

CENA VII.

*Marte ao pano pela porta para onde Héspero tem as costas, e os ditos.*

HÉSPERO.

Dize, que atendo.

HESPERTUSA.

Há pouco neste sítio .....<sup>33</sup>

MARTE.

(Daqui pretendo oculto  
Nestes ramos amenos  
Ver se acaso me engana a bela Vénus)

HÉSPERO.

Acaba, que te impede?

HESPERTUSA.

Senhor ... (valha-me o Céu, se lhe descubro  
Do sucesso a verdade,  
Marte escuta, e crimino a bela Deusa)  
Senhor .....

HÉSPERO.

Que te detém?

HESPERTUSA.

Alcido irado

---

<sup>33</sup> Repara em Marte.



Correu ..... não pretendia (estou confusa!)

MARTE.

(Retiro-me: enganei-me, que Hespertusa  
É somente a que vejo.)<sup>34</sup>

HÉSPERO.

Na tua confusão, 6 filha ingrata,  
Conheço a culpa tua.

HESPERTUSA.

Ouve-me por piedade.

HÉSPERO.

Que hei-de ouvir-te? Mentiras.  
Infame, vai-te: e foge às minhas iras.

ÁRIA.

Sou teu pai; mas ofendido:  
Sou teu Rei; mas ultrajado:  
Por motivo duplicado  
Devo agora ser cruel.  
Se me vês endurecido,  
A ti mesma torna a culpa;  
Porque tarde tem desculpa  
O delito de infiel.<sup>35</sup>

HESPERTUSA.

Viu-se no mundo acaso,  
Mulher mais infeliz! Irado encontro  
Ao caro Genitor: vejo ofendido  
O meu querido bem. Um não me atende,  
Outro foge de mim, zeloso amante:  
Um me chama infiel, outro inconstante.

---

<sup>34</sup> Vai-se.

<sup>35</sup> Vai-se.

## ÁRIA.

Amantes peitos,  
Enternecidos,  
Que já feridos  
Fostes de amor;  
Dizei, se a sorte  
Ao meu tormento  
Maior aumento  
Poderá pôr:  
Dizei, amantes,  
Com voz sincera  
Se há dor mais fera,  
Que a minha dor.<sup>36</sup>

## CENA VIII.

*Vénus, e Adónis.*

### ADÓNIS.

Entre tanta desgraça  
Ao menos me alivia  
O doce bem da tua companhia:

### VÉNUS.

E eu temo o teu destino;  
Porque conheço a Marte.  
Irado em toda a parte  
Me chama, me procura:  
E se acaso descobre  
O nosso puro ardor; verás, querido,  
Converter os afagos  
Em iras, em furores, em estragos.  
Ah! desgraçado Adónis;  
Que o meu amor te obriga  
A padecer por mim tanta fadiga.<sup>37</sup>

### ADÓNIS.

Tu choras, caro bem? Ah! que esse pranto  
Esta alma me trespassa,  
Mais que todos os sustos da desgraça.

---

<sup>36</sup> Vai-se.

<sup>37</sup> Com ternura.

Fujamos destas praias;  
Por evitar ao menos  
A vista de Mavorte.

VÊNUS.

Nem isso me concede a triste sorte;  
Pois eu de longe vejo<sup>38</sup>  
Sobre a sombria frente  
Do fero Nume, a vária  
Plumagem tremular: já lhe descobro  
O reluzente arnês, que ao Sol ferido  
Parece mais luzido.  
Ele já me parece,  
Que se avizinha a nós. Ah! pobre Adónis!<sup>39</sup>

ADÓNIS.

Enxuga, ídolo amado,  
As húmidas pupilas,  
E deixa o meu destino entregue à sorte;  
Pois tanto não merece a minha morte.

VÊNUS.

A morte? Ah, que me Feres  
Na parte mais sensível deste peito.<sup>40</sup>

ADÓNIS.

Ah, querida, querida!  
Que fazes? porque choras?  
Ah! não me aflijas tanto,  
Que não vale o meu mal tão belo pranto.

DUO.

ADÓNIS.

Se fiel, meu bem, me adoras,  
Ah suspende o triste pranto,  
Pois não vale, ó vida, tanto,

---

<sup>38</sup> Olha para dentro

<sup>39</sup> Chora.

<sup>40</sup> Chora com mais força.

Quanto vês no meu penar.

VÉNUS.

Se tu fino amante adoras,  
Podes ver neste meu pranto,  
Que te estimo, ó vida, tanto,  
Quanto vês no meu penar.

ADÓNIS E VÉNUS.

Oh! se amor não desse às Almas  
Estas mágoas penetrantes;  
A fortuna dos amantes  
Era digna de invejar.

*Vão-se.*

*Fim da primeira parte.*

## SEGUNDA PARTE.

### CENA I.

*Jardim das Hespérides, onde se vê a planta de ouro.*

*Marte e Segredo.*

SEGREDO.

Não te enfureças, Marte,  
Vénus te adora, e busca em toda a parte  
(Às avessas.) *à parte.*

MARTE.

Pois como  
Nunca pude encontrá-la,  
Correndo todo o monte a procurá-la?

SEGREDO.

(Finjamos) como Vénus  
Te procura também; talvez por isso  
Vagos vos desviais.

MARTE.

Pois vai, e corre;  
Ao meu violento amor pronto socorre:  
Diz-lhe à minha ingrata,  
Que junto à praia espero,  
Acolá ande irado  
Nas penhas bate o mar encapelado.

ÁRIA.

Ao meu querido bem  
Dize-lhe o meu querer:  
Dize-lhe, que viver  
Não sei sem ela.  
Dize-lhe, que me tem

Envolto em tanto amor;  
Que chego a ter temor  
Por Vénus bela.<sup>41</sup>

## CENA II.

### SEGREDO.

Ali descubro a planta.,  
Que os pomos de ouro brota. (*Olhando para a árvore.*)  
Que bela ocasião para ser rico!  
Se colho um pomo, um grande Senhor fico.  
Isto há-de ser <sup>42</sup>: que importa  
O labéu de ladrão? com a riqueza  
Se compra todo o lustre da nobreza.  
Vamos, deixai-me um pouco  
Escrúpulos da honra. Boa gente  
Enriquece sem nota de repente.  
Aqui ninguém me vê <sup>43</sup>. Pendem os ramos  
Indinados do peso  
Até junto da terra: fora simples  
Se à tenção fizesse resistência,  
Por uns remorsos vãos da consciência.  
Esta bela maçã de ouro luzente...<sup>44</sup>  
Mas ah! que me devora uma Serpente.

### ÁRIA.

Senhor Dragão não bula  
Não m'e coma, não me enguia;  
Que eu não quero ser ladrão.

Já não chego: não me logra<sup>45</sup>  
É pior do que uma Sogra<sup>46</sup>  
O Diabo do Dragão.<sup>47</sup>

---

<sup>41</sup> Vai-se.

<sup>42</sup> Parte.

<sup>43</sup> Vigia.

<sup>44</sup> Vai a colher um pomo, topa com o Dragão que bulirá em acto de o tragar, e salta para trás.

<sup>45</sup> Para o Dragão.

<sup>46</sup> Para o Povo.

<sup>47</sup> Vai-se.

CENA III.

*Hespertusa, e Alcido.*

ALCIDO.

Em vão, falsa Hespertusa,  
Em vão me segues já.  
Deixa-me agora  
Lograr a liberdade;  
Que é do infame grilhão livre a vontade.

HESPERTUSA.

Aquele Elmiro, Alcido,  
A quem me ouviste há pouco  
Mentir afagos, e fingir affecto,  
Adónis é, de Vénus caro objecto;  
Que por causa de Marte

ALCIDO.

Não quero ouvir-te: de meus olhos parte.

HESPERTUSA.

Nunca o Réu se condena,  
Sem ser primeiro ouvido:  
Ouve-me enfim: depois me culpa Alcido.

ALCIDO.

E que podes dizer-me?

HESPERTUSA.

Que te amo, que te adoro;  
Que só por ti lamento, peno, e choro.

ALCIDO.

E como Finge a falsa!

Deixa-me fementida,  
Pérfida enganadora,  
Deixa-me o sossego, e vai-te embora.

HESPERTUSA.

Assim sem atender-me,  
Sem dar satisfação às tuas queixas,  
Te ausentas fero, e bárbaro me deixas?

ÁRIA.

ALCIDO.

Te deixo, ingrata, alegre  
De ver-me livre agora:  
Uma alma enganadora  
É fácil de deixar.  
Te deixo; sem que a perda  
Me faça a dor crescida;  
Porque outra fementida  
É fácil de encontrar.

CENA IV.

HESPERTUSA.

Foi-se? Deixou-me? Ingrato!  
Assim cruel me pagas  
Com tanta crueldade  
Tanto amor, tanta fé, tanta lealdade?

VÉNUS.

Que tens, bela Hespertusa?

HESPERTUSA.

Que hei-de ter? Tu mesma  
Foste a causa inocente do que choro,  
Quando por teu respeito  
Amante me fingi do belo Adónis,  
Tudo em parte remota  
Ouvindo esteve Alcido:



Foge-me irado, e deixa-me ofendido.

VÉNUS.

Sossega, gentil Ninfa;  
Porque tem o teu mal fácil remédio.

HESPERTUSA.

Tu queres, que eu sossegue,  
Vendo o meu bem queixoso?  
Quem sabe sossegar em tal tormento,  
Ou não diz a verdade;  
Ou todo o seu amor é fingimento.

VÉNUS.

Oxalá que eu pudesse  
Ver ao meu Adónis tão segura,  
Como tu o teu Alcido.  
Descansa; porque logo  
Da mente perturbada  
Do teu querido bem toda a suspeita  
Pretendo desterrar, e em tanto a vara,  
Que adormece o Dragão, cauta prepara;  
Pois quero antes, que acabe  
Um tão alegre dia,  
Levar deste tesouro  
À preclara LEONOR a maçã de ouro.

HESPERTUSA.

Pronta, por dar-te gosto,  
A vergôntea divina  
A procurar parto:  
Mas tu, Vénus, em tanto  
Te recorda piedosa do meu pranto.

ÁRIA.

Eu parto, Senhora;  
Mas antes te entrego  
A paz, o sossego,  
Que esta alma não tem.  
Dos bárbaros zelos

Alcido defende:  
Engalha, e me prende,  
Se foge o meu bem.<sup>48</sup>

CENA V.

*Vénus, depois Adónis, e depois Marte.*

VÉNUS.

Não posso dilatar-me;  
Pois vai correndo o dia,  
Em que eu a LEONOR bela  
Pretendo por tributo  
Levar alegre o reluzente fruto.  
Mas amor me suspende,  
Embaraça-me Marte,  
Adónis me dilata;  
E por fim me atormenta a sorte ingrata.<sup>49</sup>  
Ah! vem, querido Adónis,  
E consola-me enfim do meu tormento.

ADÓNIS.

Somos perdidos, vida,  
Marte deste jardim procura a porta.

VÉNUS.

Que havemos de fazer? vejo-me morta.  
Esconde-te... repara...<sup>50</sup>  
Mas é melhor, que tu por outra parte  
Mas se te encontra ... Ó Céus, dai-me conselho.<sup>51</sup>

ADÓNIS.

Dá-me maior angústia  
Essa tua aflição, que a minha sorte.

VÉNUS.

---

<sup>48</sup> Vai-se.

<sup>49</sup> Entra Adónis.

<sup>50</sup> Confusa.

<sup>51</sup> Vacilante.

Foge, foge ... Mas ah! lá vem Mavorte.  
Esconde-te, querido,  
Entre essa rama; que ele entra enfurecido.

ADÓNIS.

Feliz, ou desgraçado  
Decida o meu destino agora o fado.<sup>52</sup>

MARTE.

Enfim depois de tanta  
Inútil diligência  
Chego, Vénus, a ver-te;  
Porém não sem receios de perder-te.

VÉNUS.

Porque, guerreiro Nume,  
Ostentas fero o bélico semblante?

MARTE.

Porque adoro uma falsa, uma inconstante.

VÉNUS.

julgo, que de outra Deusa  
Deves falar; que Vénus  
Só suspira por ti, por ti só morre.

ADÓNIS.

Pobre de mim, que ouvi! Quem me socorre?<sup>53</sup>

VÉNUS.

Por ti deixei de Febo  
Os preciosos dons, e de Vulcano  
Deixei o casto toro para amar-te;

---

<sup>52</sup> Esconde-se enquanto entra Marte.

<sup>53</sup> Ao pano.

Por seguir o furor que em ti respira:  
(Quanto a Marte disser, tudo é mentira.)<sup>54</sup>

ADÓNIS.

(Respiro. Mas se tanto  
De uns afagos fingidos  
Esta alma desconfia, que faria?)...<sup>55</sup>

MARTE.

Mas tu, porque me foges  
Neste dia, inumana?

VÉNUS.

Ouve: que não te engana  
Este peito fiel. Leonor sublime  
Se vê Prelada eleita  
Na clausura de Clara;  
E desta fruta rara  
Levar-lhe quero um prémio.

MARTE.

Ah! já sei: tu me faias  
Daquela flor brilhante, que os Almeidas  
Teve por ascendentes,  
Tão nobres, tão temidos, tão Valentos.

VÉNUS.

Da mesma. Mas pretendo  
Hoje um favor de ti. Eu não queria.  
Contigo funestar tão grande dia:  
Leva contigo a guerra,  
Os ódios, as ruínas, os estragos;  
E deixa-me levar graças, afagos,  
A paz serena, o plácido sossego  
Às ribeiras do Tâmega sombrio,  
Aonde vive agora  
A preclara Leonor, a quem tributo  
Daqueles ramos o dourado fruto.

---

<sup>54</sup> À parte.

<sup>55</sup> À parte.

MARTE.

Não só por teu gosto  
Levar por outra parte intento a guerra,  
Para deixar em paz a ilustre terra,  
Onde essa Ninfa habita;  
Mas também porque quero  
Ir-lhe os claros parentes  
Nas armas adestrar; porque os Almeidas  
Com inteiro valor, com peito forte  
Alunos sempre foram de Mavorte:  
Mas parto receoso  
De um gentil estrangeiro,  
Que vi por estas praias.  
Tu se me enganas, Vénus.....

VÉNUS.

Enganar-te meu bem? Tal não presumas:  
Toma este abraço, e parte.

ADÓNIS.

(Tem mão meu bem: ah! venturoso Marte.)<sup>56</sup>

MARTE.

Com tal penhor seguro  
Me ausento, amada prenda.  
Mas olha ... Este Estrangeiro  
Nada ... Permita o Céu, que o não encontre.

VÉNUS.

Pois ele, que te fez?

MARTE.

Ofende a Morto  
Um zelo imaginado,  
Um receio falar, um vão cuidado.

---

<sup>56</sup> Dá um passo, e se torna a este sítio.

ÁRIA.

Bastam só os meus receios,  
Porque ostente os meus furores;  
Porque mostre os meus rigores  
Um ciúme basta só.  
Por fazer, que eu desbarate,  
Que eu destrua, que fulmine,  
Basta só, que te imagine  
Desleal, ao meu amor.<sup>57</sup>

CENA VI.

*Vénus, e Adónis.*

VÉNUS.

Agora sim, querido,  
Podemos respirar.

ADÓNIS.

O Deusa bela!  
A tanto afecto teu, tanta fadiga  
Ingrato sou, por não saber, que diga.

VÉNUS.

Não és ingrato Adónis:  
Não; porque amor às vezes  
Nas vozes do silêncio  
Tem maior eloquência;  
E parece ignorância o que é ciência.

ADÓNIS.

Somente posso, ó vida

VÉNUS.

---

<sup>57</sup> Vai-se.

Basta ... que por instantes  
Acabando-se está o grande dia;  
E primeiro, que venha a noute fria  
Quero acabar a empresa.  
Vou buscar a Hespertusa; porque tarda  
Com a dourada vara, que adormenta  
Os olhos do Dragão: aqui me atende,  
Mas não chegues à Serpe venenosa;  
Que eu vivo receosa,  
Por um sonho, que tive,  
Que tu (não o permita a sorte austera)  
Estavas morto aos dentes de uma fera.

ADÓNIS.

Semelhantes presságios  
Lança da fantasia  
E não nos turve um sonho esta alegria.

VÉNUS.

Disseste bem, querido:  
Hoje nos alegremos  
Sem ver, o que amanhã suceder pode;  
E um sonho vão aos simples incomode.

ÁRIA.

É louco quem no centro  
Da plácida alegria  
Na sorte de outro dia  
Se põe a vacilar.  
Que dobra o seu tormento  
Quem vai do fado escuro  
Nas sombras do futuro  
Os males encontrar.<sup>58</sup>

CENA VII.

*Adónis, Segredo, depois Héspero, e Guardas.*

ADÓNIS.

---

<sup>58</sup> Vai-se.

Vem Segredo fiel, que já descanso;  
Pois já se ausentou Marte.

SEGREDO.

Ora enfim já lá vai esse empecilho?  
Mas eu me maravilho  
Dele se resolver a deixar Vénus.

ADÓNIS.

Ela lhe fez afagos:  
Ela lhe disse afectos:  
Fia soube enganá-lo com tal arte,  
Que se ausentou, e que nos deixou Marte.

SEGREDO.

Eu disse não me espanto;  
Que um sorriso gentil, que um falso pranto,  
Que um afago fingido,  
Um modo enternecido,  
Um não sei quê, que têm todas as belas,  
Ou Casadas, ou Freiras, ou Donzelas,  
É capaz de enganar ao mais sisudo:  
Tanto nas belas de fingir o estudo!

ADÓNIS.

Nos defeitos das Ninfas,  
Moralizar não deves.

SEGREDO.

Assim parece; porque sou Segredo, Porém

*Héspero e Guardas.*

HÉSPERO.

Guardas? Elmiro  
É aquele, que ali vedes,  
Que pérfido roubar-me



Pretende os meus tesouros:<sup>59</sup>  
Assegurai-vos dele  
Fazei-lhe o seu delito manifesto:  
Li me entendeis: executai o resto.<sup>60</sup>

SEGREDO.

Então, Senhor Adónis,  
Converteu-se em prazer tanta alegria?

ADÓNIS.

Quem tal presumiria!

GUARDA I.

Tem, gentil estrangeiro, tem paciência.<sup>61</sup>

GUARDA II.

Porque em vós é forçada esta obediência.

ADÓNIS.

Oh! se eu morresse ao menos  
junto da minha Vénus!

SEGREDO.

O morrer dessa sorte  
Seria, Adónis, dita;  
Que há morte tão feliz, que ressuscita.

## CENA VIII.

*Hespertusa, e os ditos.*

HESPERTUSA.

---

<sup>59</sup> Prendem-no.

<sup>60</sup> Vai-se.

<sup>61</sup> Cruzam-lhe as mãos.

Bárbaros, que fazeis?

GUARDA I.

Deixai, Senhora,  
Que este Régio Decreto se execute.

HESPERTUSA.

Esperai, que primeiro  
Falar pretendo ao Genitor irado.<sup>62</sup>

ADÓNIS.

Parte, Segredo, e dize  
Ao meu querido bem o meu destino.

SEGREDO.

Eu nunca vi sucesso mais mofino.

ÁRIA.

Ninguém ponha a confiança  
Na alegria mais segura,  
Porque a mais firme ventura  
Bem depressa se desfaz.  
Quem um crédito sincero  
Não quer dar às minhas vozes,  
Veja entregue a dous algozes  
Esse mísero rapaz.<sup>63</sup>

CENA IX.

ADÓNIS.

Inconstante fortuna,  
È louco o que se fia  
No teu volúvel giro:  
Incerta sempre, e sempre vaga volves  
Essa roda inconstante,

---

<sup>62</sup> Vai-se.

<sup>63</sup> Vai-se.

Desgraçada, e feliz no mesmo instante.  
Há pouco que de Vénus  
Lograva com descanso  
A plácida ternura;  
Mas agora me abate a sorte dura.  
Miserável Adónis!  
Que longe do teu bem a vida acabas.  
Mas quer o meu destino  
Cruel, e desumano,  
Que eu morra aqui distante  
Da prenda mais querida,  
Por não volver à vida;  
Pois fora de outra sorte  
Uma segunda vida a mesma morte.

#### ÁRIA.

Adeus, amada prenda;  
Adeus, prenda querida;  
Adeus, que perco a vida;  
Prenda querida, adeus.  
Inda depois de morto  
Mostrar-te, 6 vida, espero  
O meu amor sincero  
Nos tristes olhos meus

#### CENA X.

*Alcido e Adónis.*

#### ALCIDO.

Agora, Elmiro, agora  
Não poderás fugir-me  
Ao zeloso furor, que me arrebatou  
Contra ti, contra a Ninfa mais ingrata.

#### ADÓNIS.

Não sou quem tu me chamas;  
Não sei o que me dizes;  
Mas sei, que se não fora  
Destas correntes preso,  
Adónis não sofrera o teu desprezo.

CENA XI.

*Vénus, depois Héspero os ditos.*

VÉNUS.

Ah meu bem, quem se atreve  
A ter-te em tais prisões?<sup>64</sup>

HÉSPERO.

Quem sabe justo  
Delitos castigar ... Mas tu, Senhora,  
És deste roubador a protectora?  
Tu, doce, e bela Vénus,  
Sendo Deusa imortal, pretendes hoje  
Amparar um perverso, um delinquente?

ADÓNIS.

Bem cedo me verás ser inocente.

HÉSPERO.

Tu, que a roubar-me vinhas  
Não só deste jardim a fruta ele ouro,  
Mas até de uma filha o meu tesouro

ALCIDO.

Eu bem te vi na selva ali confusa  
Ser amante atendido de Hespertusa.

HESPERTUSA.

Das suspeitas de Alcido  
Vénus a causa foi; eia que o diga:  
Se depois fôr culpada me castiga.

VÉNUS.

---

<sup>64</sup> Desprende-o.

Basta: Ouvi-me: Não deves<sup>65</sup>  
Criminar Hespertusa,  
Culpar o meu Adónis.  
De Marte receoso  
Fingiu chamar-se Elmiro:  
Disse por meu conselho  
A gentil Hespertusa  
Mil fingidos afectos:  
Alcido ouviu, rompeu em mil furores,  
Que ajudaram também aos teus rigores;  
Pois deles induzido  
Prendeste ao meu querido,  
Cuidando receoso, que a roubar-te  
Vinha esta planta bela:  
Mas eu sou quem pretendo os pomos dela.

HÉSPERO.

Ah! perdoa-me, ó Vénus,  
Perdoa o meu engano.

ALCIDO.

Eu já torno a viver no desengano.

HESPERTUSA.

Em honra deste dia  
Perdoos os teus excessos.

VÉNUS.

Bem o podes dizer; pois neste dia  
De Leonor o mérito se mostra  
Coroados no emprego de Prelada:  
Leonor, que à natureza  
Deve todos os dons da gentileza,  
Um belo, e nobre aspecto,  
Adornado de uns olhos cintilantes,  
Onde se vêem unidos  
A brandura, os agrados, e o respeito,  
E tudo, o que de belo o Céu tem feito:  
Leonor, que ao nascimento

---

<sup>65</sup> Para o Rei.

Deveu tal luzimento,  
Que pode sem o risco da vanglória,  
Dar à fama troféus, lustre à memória:  
Leonor, que à subtil arte  
Deveu mil perfeições, ou instruída  
Na lição erudita das Ciências,  
Ou das Artes nos nobres exercícios;  
Movendo a douta mão nas cordas doces,  
Ou para mais espanto,  
Movendo a voz nas cláusulas do canto:  
Enfim Leonor, aquela  
Que a si mesma deveu fazer-se grande  
Na sagrada cultura das virtudes;  
Ora devota aos Deuses implorando,  
Ora sábia, e prudente governando,  
Ora humilde com nobre gravidade,  
Ora grave com plácida humildade;  
Atenta, liberal, benigna, sábia  
Enfim quantas o Céu perfeições belas  
Raras vezes por mimo à terra envia,  
Todas nela se vêem; bem que modesta  
A seu grande pesar as manifesta.  
Como Leonor descende  
Dos grandes, e temidos,  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,  
De quem eu fui um tempo a protectora;  
Que os conduzi felizes  
Por mares nunca dantes navegados,  
Do remoto Ocidente  
Sobre as ardentes praias do Oriente:  
Quero também agora  
Lembrar-me desta filha de um tal tronco.  
Quero de ouro levar-lhe  
Um pomo afortunado,  
Que do seu nascimento,  
Que das suas virtudes,  
E que das prendas suas  
Sirva de prémio justo:  
Se pode premiar-se um peito augusto.

HESPERTUSA.

Como o Dragão, que guarda  
A planta preciosa,  
Somente a mim permite  
Colher a rica fruta:  
Eu mesmo vou colher-te o melhor pomo.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Colhe um pomo.

VÉNUS.

Serei agradecida a tal grandeza.

HÉSPERO.

Eu quisera encontrar maior riqueza  
Para prémio de tal merecimento.

VÉNUS

Se um mérito sublime  
Encontra sempre os prémios diminutos;  
Porque a fortuna avara  
Tem o poder nos homens limitado;  
Culpa nossa não é, mas sim do fado.  
Vou levar a Leonor este tributo;  
Pois bem que curto dom, ao que merece,  
É tudo quanto a terra nos oferece  
De maior esplendor, mais luzimento,  
Para oferecer ao seu merecimento.  
E vós, belos amantes,  
Suspendei por um pouco o vosso afecto,  
E seja só Leonor o vosso objecto;  
Para que todos  
Digais em voz festiva  
a nossa Prelada Leonor, viva.

ÁRIA.

Para Prelada  
De umas Estrelas  
Claras, e belas  
Viva Leonor.  
TODOS ... Viva Leonor.

VÉNUS Seja outra Fénix  
Desta clausura,  
Que sempre dura  
No seu rigor.  
TODOS Seja outra etc.

VÉNUS Para Prelada  
De umas Estrelas,  
Claras, e belas

Viva Leonor.  
TODOS Viva Leonor.



## CENA ÚLTIMA.

*As Graças os Amores, e Vénus.*

VÉNUS

Contenderam, Senhora,  
Por outro pomo igual três Deusas belas:  
Juno alegava o trono,  
Por Símbolo sagrado da Nobreza;  
Palas virtude, e Vénus a beleza.  
Em vás tudo se encontra:  
E por isso da fábula, que há pouco  
Vistes representar, um o verdade  
Tirando, as companheiras  
Gratas, e lisonjeiras  
Me fazem condutora deste pomo;  
Porque em vós se divisa,  
Como lá nas três Deusas,  
Mas com mais luzimento,  
A beleza, a virtude, o nascimento.

*Cantam as Graças, e os Amores dançam como no princípio deste Drama.*

GRAÇAS.

Ó Bela Vénus,  
Mãe dos Amores,  
Os teus primores  
Ostenta já etc.

*FIM.*

## ODE AO OUTONO

*Dirigida ao Abade de Polvoreira, José Moreira da Silva*

Já, Moreira, o tardo Outono  
Faz, que exceda a noute ao dia;  
E os celeiros principia  
    O colono  
    A preparar:  
Onde alegre, e com bonança  
Vê no rústico tesouro  
Recolhido o milho louro,  
    Que esperança  
    Lhe há-de dar.  
Já na aldeia com recreio,  
Sem temer do Sol a chama,  
Se diverte a bela Dama,  
    Com asseio  
    Natural:  
Onde é glória para ela,  
Recrear-se na fadiga  
De esfolar a loura espiga,  
    E de vela  
    Mascotar.  
Já nas férias sossegado  
O Ministro atento, e sério  
Dormir deixa o Ministério  
    No fechado  
    Tribunal:  
E a fadiga do governo  
Troca agora alegre, e manso  
Pelo plácido descanso  
    Do paterno  
    Seu casal.  
já deixando o tecto antigo,  
Ao ninho o voo a andorinha estende;  
Pois com ele se defende  
    Do inimigo  
    Bravo mar:  
Mas em tanto tem cautela  
O taralhão com falácia  
Vai cair junto à negácia  
    Na costela  
    Do rapaz.  
Baco alegre já na frente  
Por grinalda a parra embrulha,  
E da torpe, e suja pulha  
    Faz o monte  
    Retumbar:

Já na uveira a escada arrima,  
Já chamando a todos anda;  
E festivo enfim nos manda  
    A vindima  
    Começar.  
Um se encosta junto ao feixe,  
Outro tira à cuba o sarro,  
Outro chega o cesto ao carro,  
    Outro mexe  
    No lagar.  
O vilão desacatado  
Tinge nele descomposto  
De fervente, e novo mosto  
    O gretado  
    Calcanhar.  
A vilã a landre apanha,  
Outra a noz, outra o calombro;  
Outra traz a vara ao ombro  
    Da castanha  
    Varejar:  
Qual solícita formiga  
É das gentes o governo,  
Que temendo o Largo Inverno  
    Se afadiga  
    Em ajuntar.  
Tu somente amor segundo,  
Desfrutando um génio manso,  
Com gordura, e com descanso  
    Estás rindo  
    Dos demais.  
Assim pois te dás por pago  
Como estejas com sossego,  
Ideando um doce emprego,  
    Um afago  
    Tal ou qual.  
Se ensinasses aos discretos  
Esse método prudente,  
Bem podia a mais da gente  
    Teus acertos  
    Igualar;  
Porque nessa pedra dura,  
Ou à sombra de um carvalho  
Poderia sem trabalho  
    Com gordura  
    Descansar.  
Ri-te pois do mundo ingrato,  
Porque as suas novidades,  
São traições, são falsidades,  
    Que o teu trato  
    Chega a dar:

E recolhe por tributo  
Dos teus versos, a cadência;  
Pois das Musas a influência  
    Melhor fruto  
    Te há-de dar.

## LIRAS

*Ao mesmo Abade de Polvoreira.*

Enquanto, meu Moreira,  
Recordas com prudente seriedade  
    De uma Nize matreira  
O engano, a traição, e a falsidade;  
E um porfiado estudo te maltrata,  
Para indagar o génio dessa ingrata:  
    Enquanto vais à Vila,  
Umhas vezes a pé, outras montado;  
    E o teu corpo destila  
Por mil poros aljôfar delicado;  
Sendo cada cabelo (não me rio)  
Um tesouro de pérolas em fio:  
    Enquanto às escondidas  
Te ris de muita gente delirante,  
    Que em finezas perdidas  
Mostra a sua fraqueza a cada instante;  
Sem ver, que são enganos manifestos  
Das Damas as constâncias, e os protestos:  
    Enquanto te recreias  
Ao jantar com peru, frango ou vitela,  
    E guardas para as ceias  
A perdiz, o capão, lombo, ou costela,  
Com aquele acepipe ardente, e fino  
Da vagem, da azeitona, ou do pepino:  
    Enquanto em copa fina  
Ou sorves o licor de Baco adusto,  
    Ou nessa Cabalina  
Os influxos de Apoio sempre Augusto;  
Contemplando do mundo o desvario,  
Umhas vezes alegre, outras sombrio:  
    Enquanto traficante  
Buscas algum barulho no Convento,  
    E fingindo-te amante,  
Zombas de tão comum divertimento;  
Que quem é neste vício delinquente,  
Fica fora do resto da mais gente:  
    Enquanto sem receio  
Dormes de tarde o sono sossegado,  
    E procuras o meio  
De ficar para sempre estuporado;  
Pois quem dorme sem termo, e sem medida,  
Mais os passos encurta à breve vida:  
    Enquanto pela horta  
Recordas o rigor da prenda amada,  
    Ou sentado na porta

Esperas os progressos da caçada  
Do Padre Gabriel, que amigo velho,  
Lá traz de quando em quando o seu coelho:  
    Enquanto aos teus amigos  
Correspondes fiel cada correio,  
    E os cuidados antigos  
Abrigas cauteloso inda no seio;  
Pois inda algum cuidado a alma te inflama,  
Sem querer apagar de amor a chama:  
    Enquanto enfim esperas  
Do rendeiro a visita desejada,  
    E sempre te exasperas  
Com a sua tardança costumada:  
Enquanto passas casos tão diversos;  
Eu sem tantos cuidados faço versos.

## ADVERTÊNCIAS MORAIS

### ROMANCE

*Ao mesmo Abade.*

Ouve Moreira amigo estes das Musas  
Severos, mas prudentes documentos;  
E se a verdade um pouco for austera,  
Saiba adoçá-la o grato de teu génio.  
Ora senta-te à porta nessa pedra,  
Em que estás governando o mundo em seco  
Não só feito estadista dos negócios,  
Mas também matemático dos tempos.  
Inclina para a parte o teu barrete;  
Põe uma perna em cima do joelho;  
E assim nesta figura apoltronada  
Toma tabaco, escarra, ouve-me atento.  
O teu génio com Damas sempre há sido  
Incansável matéria dos meus versos;  
Pois às que resistem solicitas,  
E as que se querem bem trataas severo.  
Nunca tiveste amor, que te durasse  
(Se falarmos verdade) um mês inteiro;  
Porque deste na asneira de querer  
Emendar de Cupido os desacertos.  
Nisto segues a força do destino;  
Porque (aqui para nós) tu não tens jeito  
De amares cinco dias, sem fazeres  
Mil histórias por conta dos teus zelos.  
Quebras um copo, comes o presente,  
Abafas a toalha, e o tabuleiro;  
E levantas à pobre o testemunho,  
Não mais que por fugir ao desempenho.  
Chegado tens por consequência certa  
À última baliza, último termo  
Da Química, que observa a mocidade,  
Do sistema, que seguem os modernos.  
Deixa pois essa vida, e só te lembre  
Da Parca dura o golpe assaz violento;  
E o pescoço vizinho a suportá-lo  
Na memória se incline a recebê-lo.  
Como cisne, que junto do Meandro  
Canta da vida os últimos progressos,  
E na relva encolhido a morte espera  
Pela voz do seu cântico funesto:  
Assim devemos nós com rosto triste  
Esperar do destino o golpe incerto;  
E não gastar de amor nos desvarios

Discretas expressões, doces requiebrós.  
Pões-te a fazer cartinhas engraçadas,  
Glosas, Romances, Décimas, Sonetos;  
E te esqueces do fúnebre aparato  
Daquele dia trágico, e tremendo.  
Ora deixa, Moreira, os vãos enganos  
Desse cego rapaz, deixa os teus versos;  
E depois de quebrar a, amor as setas,  
Rompe sobre um penhasco a lira a Febo.  
Ou quando não, do tráfego das gentes  
Te retira na cova de ti mesmo;  
Porque o Sábio no meio do concurso  
Recolher pode canto o pensamento.  
E se alguma saudade inda sentires  
Desses do mundo vãos divertimentos,  
Tão vãos, que só nos deixam as memórias,  
Para serem da vida atroz flagelo:  
Ao menos dos prazeres inocentes  
Douto conserva algum pequeno resto;  
Porque nem sempre pode a vida humana  
Sustentar da tristeza o duro peso.  
Joga o teu chincalhão, dorme de tarde,  
Senta-te à porta, fala ao teu caseiro,  
Semeia o teu nabal, recolhe os gronhos,  
Passeia no jardim, deita-te cedo.  
Toma o teu chá, porém seja com leite,  
Usa de chocolate pelo Inverno,  
Come a tua perdiz, quando a achares,  
Escreve aos teus amigos no correio.  
Pelas dez te levanta em dia turvo,  
Manda logo recado ao teu rendeiro:  
Aprende do Marquês de S. Filipe  
As frases, as ideias, os conceitos.  
Isto debes fazer, que o mais, Amigo,  
É quimera, ficção, engano, enredo:  
Mas perdoa se acaso te magoam  
Estes simples, fieis, puros conselhos.

*FIM.*



\*\*\*\*\*

Transcrição de José Barbosa Machado baseada na edição de Bernardo António Farropo, intitulada *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos Abade de Jazente* (Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro, 1786-1787), e confrontada com a edição de 1837 (Porto, Rolland Editor) e a de 1909 (edição de Júlio de Castilho, Lisboa, Parceria António Maria Pereira).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*